

SÉRIE TESES DO PROHPOR

Compostos sintagmáticos
nominais VN, NN, NA, AN e
NprepN no português arcaico
(sécs. XIII-XVI)

V. 2

ANTÔNIA VIEIRA DOS SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
ANO: 2009



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Antonia Vieira dos Santos

COMPOSTOS SINTAGMÁTICOS NOMINAIS
VN, NN, NA, AN e NprepN
NO PORTUGUÊS ARCAICO (SÉCS. XIII-XVI)

V. 2

Salvador
2009

Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Antonia Vieira dos Santos

COMPOSTOS SINTAGMÁTICOS NOMINAIS
VN, NN, NA, AN e NprepN
NO PORTUGUÊS ARCAICO (SÉCS. XIII-XVI)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Virgínia Mattos e Silva

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Graça Maria Rio-Torto

Salvador
2009

SUMÁRIO

Volume 1

QUADROS E FIGURAS	11
ABREVIATURAS E SIGLAS	12
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – (RE)DEFININDO OS COMPOSTOS	23
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	24
2 OS COMPOSTOS E A COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS EM ALGUMAS GRAMÁTICAS E EM ALGUNS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	25
3 ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DOS NÍVEIS DE COMPOSIÇÃO SEMÂNTICA E DE FIXAÇÃO SINTÁTICA DOS COMPOSTOS	39
3.1 Fixação	40
3.2 Idiomaticidade	41
4 COMPOSTOS, COLOCAÇÕES E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: PONTOS DE INTERSECÇÃO	42
4.1 Compostos e colocações	50
4.2 Compostos e expressões idiomáticas	53
CAPÍTULO II – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS COMPOSTOS VN, NN, NA, AN E NprepN	55
1 COMPOSTOS VN	56
1.1 Antecedentes históricos: breves considerações	56
1.2 Algumas propostas de classificação dos compostos VN	58
1.3 Apresentação e análise dos dados	60
1.3.1 Configuração interna dos compostos: morfologia e semântica dos constituintes	60
1.3.2 Relação morfossintática e morfossemântica entre V e N	61
1.3.3 Características morfossintáticas e morfossemânticas dos produtos composicionais	62
OBSERVAÇÕES FINAIS	66
2 COMPOSTOS NN	67

2.1 Antecedentes históricos: breves considerações	67
2.2 Algumas propostas de classificação dos compostos NN.....	69
2.3 Apresentação e análise dos dados	74
2.3.1 Configuração interna dos compostos: morfologia e semântica dos constituintes	75
2.3.2 Relação morfossintática e morfossemântica entre N e N.....	75
2.3.3 Características morfossintáticas e morfossemânticas dos produtos composicionais	79
OBSERVAÇÕES FINAIS	82
3 COMPOSTOS NA E AN	84
3.1 Antecedentes históricos: breves considerações	84
3.2 Algumas propostas de classificação dos compostos NA e AN	86
3.3 Apresentação e análise dos dados	89
3.3.1 Configuração interna dos compostos: morfologia e semântica dos constituintes	91
3.3.2 Relação morfossintática e morfossemântica entre N e A.....	93
3.3.3 Características morfossintáticas e morfossemânticas dos produtos composicionais	105
OBSERVAÇÕES FINAIS	108
4 COMPOSTOS NprepN	110
4.1 Antecedentes históricos: breves considerações	110
4.2 Algumas propostas de classificação dos compostos NprepN.....	110
4.3 Apresentação e análise dos dados	113
4.3.1 Configuração interna dos compostos: morfologia e semântica dos constituintes	114
4.3.2 Relação morfossintática e morfossemântica entre N e prepN.....	120
4.3.3 Características morfossintáticas e morfossemânticas dos produtos composicionais	129
OBSERVAÇÕES FINAIS	132
 CAPÍTULO III – AGLUTINADOS	 134
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	135
2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO <i>CORPUS</i>	137
OBSERVAÇÕES FINAIS	152
 CONCLUSÕES	 154
REFERÊNCIAS	174

CAPÍTULO IV – SOBRE A ELABORAÇÃO DE UM PEQUENO

“DICIONÁRIO” DE COMPOSTOS DO PORTUGUÊS ARCAICO.....	195
1 INTRODUÇÃO	196
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	198
3 CARACTERIZAÇÃO LEXICOGRÁFICA DO DICIONÁRIO QUE SE PRETENDE ELABORAR	198
3.1 Definição da macroestrutura	200
3.2 Definição da microestrutura	200
3.2.1 Lema (Comentário Mórfico)	200
3.2.2 Definição (Comentário Semântico)	202
OBSERVAÇÕES FINAIS	203

**CAPÍTULO V – PEQUENO DICIONÁRIO DE COMPOSTOS SINTAGMÁ-
TICOS NOMINAIS (E DE AGLUTINADOS) DO PORTUGUÊS ARCAICO ..**

SINAIS CONVENCIONAIS	205
ABREVIATURAS NÃO-BIBLIOGRÁFICAS	206
ABREVIATURAS UTILIZADAS PARA AS FONTES ETIMOLÓGICAS	207
SIGLAS UTILIZADAS PARA AS FONTES TEXTUAIS DO <i>CORPUS</i>	208
DICIONÁRIO	209
APÊNDICE	278
CONCLUSÕES	283
REFERÊNCIAS	284

CAPÍTULO IV

SOBRE A ELABORAÇÃO DE UM PEQUENO “DICIONÁRIO” DE COMPOSTOS DO PORTUGUÊS ARCAICO

1 INTRODUÇÃO²⁵⁸

Embora o material resultante da organização dos compostos registrados no *corpus* não constitua um dicionário no seu sentido mais próprio, buscamos seguir na sua elaboração, em linhas gerais, alguns fundamentos básicos da lexicografia. Nesse sentido, desenvolvemos, primeiramente, uma reflexão metalexigráfica sobre a seleção e apresentação do material lexical. Esta reflexão diz respeito principalmente à questão da lematização e da organização da macroestrutura e da microestrutura no dicionário.

No que se refere à unidade descrita como lema, ou seja, como entrada, a tradição lexicográfica consagrou esse papel à palavra, definida como um «conjunto delimitado por dois espaços em branco, aspas, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen» (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 130). No entanto, o morfema também foi proposto, pela lingüística estrutural, como unidade lexicográfica. Dessa forma, deveria constar na macroestrutura dos dicionários, entendida a macroestrutura como o conjunto das entradas ordenadas (ou verbetes), morfemas lexicais e gramaticais que, combinados segundo as regras produtivas da língua, formariam palavras: *bom* + *-dade* = *bondade* (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 117). Além disso, a lexicografia tem discutido bastante a respeito das unidades lexicais pluriverbais, desde a sua delimitação até a sua inclusão ou não nos dicionários.

Iriarte Sanromán (2001, p. 30) define a unidade lexicográfica, com base em Martin e van Sterkenburg (1983, p. 80), como «a lexicalização numa língua de um conceito ou de um objeto extralingüístico». Assim, o lema poderá consistir numa unidade igual ou superior à palavra, ou seja, determinadas combinações lexicais (frasemas completos, semi-frasemas e quase-frasemas), dotadas de um sentido especial, poderão figurar como entradas no dicionário. Defende o autor, no entanto, a palavra como unidade lexicográfica, arrolando como uma das vantagens dessa adoção, a facilidade de consulta ao utilizador, pois ela se encontra «enraizada na consciência de todos os usuários de dicionários» (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 32).

Ao se elegerem unidades lexicais superiores à palavra como lema, está-se a privilegiar as relações sintagmáticas que se estabelecem entre as palavras. Essas relações são

²⁵⁸ Este texto constitui, em parte, a revisão de uma comunicação que foi apresentada no *VII Encontro Internacional de Estudos Medievais*, realizado pela Universidade Federal do Ceará e pela Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) nos dias 3 a 6 de julho de 2007, em Fortaleza – Ceará.

representadas por meio de estruturas sintagmáticas análogas às combinações livres de palavras, o que dificulta o seu reconhecimento como composto. Isso se dá principalmente no caso de formas com as estruturas NA, AN e NprepN. Nesse ponto, é necessário lembrar que o hífen, apesar de marcar formalmente uma maior integração semântica entre os elementos, não pode ser tomado como critério de identificação do composto, pois a sua aplicação se dá unicamente na língua escrita e o seu uso, nesse meio, se dá por vezes de forma aleatória e assistemática. Apenas no caso de formas com as estruturas VN, NN, aparentemente anômalas (e que por isso mesmo não apresentam dificuldade quanto a sua classificação como compostos), percebe-se uma maior coerência e sistematicidade no uso do hífen. No entanto, a tradição lexicográfica parece considerar o hífen como um critério para individualizar qualquer forma composta que mereça figurar como entrada nos dicionários. Essa é uma questão problemática no que se refere aos textos arcaicos, pois, neles, ainda não existe a figura do hífen. As formas compostas registradas com hífen parecem resultar exclusivamente de critérios de edição, que podem legislar, ainda, sobre a separação de palavras que se encontram juntas no manuscrito ou pela manutenção dessa união.

Assume-se, destarte, que formas compostas podem ser iguais ou superiores à unidade palavra. Assim, no escopo do pequeno dicionário que estamos a elaborar, figuram compostos com as estruturas estudadas no corpo da tese (VN, NN, NA, AN e NprepN), que, não obstante as ressalvas anteriormente colocadas, distribuem-se, quanto ao registro gráfico, em três tipos: 1. compostos cujos elementos estão separados por espaços em branco, o que constitui a regra (*pedra marmor*, p. ex.); 2. compostos cujos constituintes encontram-se soldados graficamente (*baixamar*, p. ex.); 3. compostos hifenizados (*físico-mor*, p. ex.). Figuram, ainda, formas aglutinadas como *fidalgo* que, sob o ponto de vista diacrônico, resultam de um processo de lexicalização, morfossintática e semântica, de primitivos justapostos, inclusive daqueles vindos diretamente da língua latina. Dessa maneira, os compostos que constarão no pequeno dicionário serão, de acordo com a sua constituição morfológica e o seu registro gráfico, unidades monolexicais ou polilexicais, ou seja, lexemas (= palavra) ou lexemas complexos (WELKER, 2004, p. 102).

Definida a nossa unidade lexicográfica ou signo lexicográfico, o que reflete na constituição da macroestrutura, ou seja, do conjunto de entradas, o próximo passo será estabelecer critérios para a elaboração da microestrutura, entendida como «o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada» (REY-DEBOVE, 1971, p. 21, *apud* WELKER, 2004, p. 107). A padronização da microestrutura é importante não somente do ponto de vista do usuário mas

também do elaborador do dicionário. Welker (2004, p. 107-110) deixa claro que o lexicógrafo tem livre arbítrio na elaboração de qualquer tipo de microestrutura, desde que estabeleça um padrão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para este trabalho, a reflexão teórica sobre a natureza e estrutura dos verbetes, os diferentes tipos de lemas, e, em especial, sobre a macroestrutura, tem seus fundamentos principalmente em Gouws (2003), cujo artigo está baseado em trabalhos de Wiegand.

Gouws (2003, p. 34), a partir da concepção do dicionário como um depósito de tipos de textos, apresenta uma estrutura tripartida: *front matter*, *back matter* e *central list*. As duas primeiras áreas correspondem ao que se chama de “texto externo”, ou seja, informações que são externas à relação ordenada de verbetes. Essas áreas podem incluir listas adicionais, apêndices, informações ao consulente etc. A “central list” corresponde ao dicionário propriamente dito, isto é, à lista de verbetes, que são, por sua vez, introduzidos por um lema.

Wiegand (1989, p. 427, *apud* GOUWS, p. 35) considera que as entradas devem ser vistas não apenas em termos de conteúdo mas também de forma. Propõe, dessa maneira, uma divisão em “itens” (lema e definição) e “indicadores estruturais” (tipográficos, como itálico, negrito etc., e não-tipográficos, como asteriscos, parênteses, pontuação etc.). Agora, o verbe em si divide-se, quanto à informação que apresenta, em comentário mórfico e comentário semântico. E é com base nessa proposta de estrutura que se pretende elaborar um pequeno dicionário de formas compostas do português arcaico.

3 CARACTERIZAÇÃO LEXICOGRÁFICA DO DICIONÁRIO QUE SE PRETENDE ELABORAR

No âmbito da diversidade macroestrutural, pode-se estudar a palavra seja a partir da forma para o conteúdo, buscando apresentar definições do sentido individual de uma palavra, seja a partir do conteúdo para a forma, buscando estabelecer relações de sentidos entre diferentes palavras pertencentes a um domínio conceptual específico. Ao primeiro tipo, dá-se

o nome de estudo semasiológico, ao segundo, de estudo onomasiológico (STERKENBURG, 2003, p. 127; GEERAERTS, 2003, p. 84). O dicionário de palavras compostas que se pretende elaborar será um dicionário semasiológico, com ordenação alfabética linear.

De acordo com a tipologia apresentada por Zgusta (1971, *apud* SWANEPOEL, 2003, p. 46), os dicionários monolíngües ramificam-se, de acordo com o eixo temporal, em diacrônicos e sincrônicos. Na perspectiva diacrônica, abre-se a possibilidade para uma classificação em etimológico e em histórico. Enquanto um dicionário sincrônico apresenta a descrição do vocabulário de uma língua em um momento específico do seu desenvolvimento histórico, o dicionário diacrônico descreve o desenvolvimento histórico das palavras registradas (SWANEPOEL, 2003, p. 51). Nesse tipo de dicionário, ou seja, diacrônico, costuma-se combinar aspectos etimológicos e históricos. Isto quer dizer que o foco recai não somente sobre a origem das palavras, mas também sobre mudanças morfológicas e semânticas sofridas pela palavra ao longo de sua existência.

A indicação da origem é representada formalmente pelo símbolo “<” (= ‘proveniente de, originado de’), cujo uso se consagrou com os estudos histórico-comparativos. Quando não há evidência textual, ou seja, quando a forma aventada como origem é hipotética, marca-se a forma reconstruída com um asterisco (“*”).

No caso dos compostos sintagmáticos, embora em muitos casos o produto apresente uma semântica não composicional, a indicação da etimologia obedecerá a uma atividade de decomposição, ou seja, será considerada cada palavra em sua individualidade morfossemântica. Isso se deve, em parte, ao fato de muitas dessas formas se terem formado já em língua vernácula; afinal, admite-se que compostos com estrutura sintagmática, em latim, eram escassos. Esse aspecto – o da etimologia das palavras compostas – suscita grandes questionamentos advindos principalmente da negação de que elas sejam semanticamente composicionais. Mesmo que em seu nascimento as palavras compostas tenham sido semanticamente motivadas, a sua história (e não a sua origem), registrando a(s) mudança(s) de significado, é mais difícil de descrever pois está circunscrita a um *corpus* (antes, a um recorte) de caráter fragmentário e descontínuo.

Essas limitações, propiciadas pelas características do material lingüístico do *corpus*, vão se refletir naturalmente na modelagem da microestrutura. Por exemplo, além da etimologia, será importante incorporar o maior número possível de abonações de compostos

que correspondam a diferentes períodos da língua, embora possam não corresponder, individualmente, a significações distintas.

Quanto à dimensão do dicionário, mensurada em termos do escopo do vocabulário que consta como lema, o dicionário que se pretende elaborar pode ser classificado como limitado (SWANEPOEL, 2003, p. 54) pois circunscreve-se ao universo de palavras compostas registradas num determinado *corpus*.

3.1 DEFINIÇÃO DA MACROESTRUTURA

A macroestrutura é compreendida, neste trabalho, como o conjunto de verbetes elencados alfabeticamente no dicionário, não se considerando, portanto, a extensão que se dá ao termo quando se refere também às estratégias de composição de dicionários²⁵⁹. Pretende-se elaborar a descrição lexicográfica de lemas correspondentes a formas compostas, incluindo formas que, outrora justapostas (em português ou em latim), sofreram algum tipo de lexicalização, convertendo-se, do ponto de vista sincrônico, em uma unidade simples.

3.2 DEFINIÇÃO DA MICROESTRUTURA

A microestrutura foi definida da seguinte forma:

3.2.1 Lema (Comentário Mórfico)

- *forma não necessariamente canônica*²⁶⁰: com o objetivo de evitar prejuízo para a história da língua, será respeitada a forma de ocorrência do composto (que virá grafado em redondo, negrito e caixa-baixa ou caixa-alta²⁶¹, e com recuo à esquerda), nos casos em que, por exemplo, ela se manifestar apenas no plural ou no feminino.

²⁵⁹ Iriarte Sanromán (2001, p. 24, n. 8), atribui, seguindo Fuentes Morán (1997), o termo de *hiperestrutura* à estrutura global do dicionário (parte introdutória, anexos e suplementos).

²⁶⁰ A forma canônica pode ser definida como o item lexical destituído de seus elementos flexionais (STERKENBURG, 2003, p. 493).

²⁶¹ Quando a forma se apresentar em caixa-alta, esta será mantida.

Quando a forma composta apresentar-se tanto no singular como no plural, o corpo do lema será constituído por todas essas variantes: **escriuã publico ~ escriuam publico ~ escriuam pubrico ~ scriuã(es) publico(s) ~ escriuaes publicos ~ escrivaos poblicos ~ scriuaans publicos ~ scriuaes publicos**, por exemplo. No caso da existência de variantes gráficas, procurar-se-á postar a forma mais “próxima” da forma atual como cabeça da entrada.

- *formas variantes*: serão apresentadas na mesma linha e na mesma fonte do lema, grafadas também em negrito e separadas pelo símbolo “~”: **agoa benta ~ agua bẽeita ~ agua bẽeta ~ agua beeyta ~ augua beenta**, por exemplo.
- *classe gramatical*: indicada, de forma abreviada, em itálico, logo após o lema ou variantes: *nm.* (= nome masculino).
- *categorias de gênero e número*: indicadas, de forma abreviada, em itálico, seguida de ponto, logo após a classe gramatical: **figos çofeiros nm. pl.** (nome masculino plural). O número só será indicado quando se tratar de uma forma registrada apenas no plural.
- *tipo de composto*: indicado, de forma abreviada, em itálico, logo após a indicação da classe gramatical e das classes flexionais de gênero e número: **figos çofeiros nm. pl. na** (nome masculino plural, composto NA); **ley uedra ~ ley vedra ~ vedra ley nf. na ~ an** (nome feminino, composto NA ~ AN).
- *etimologia*: a etimologia de grande parte dos compostos corresponde à etimologia individualizada de seus constituintes. Assim, o étimo de cada elemento lexical será apresentado (sempre que possível, incluindo a derivação indireta) entre parênteses curvos, fora dos quais será(ão) indicada(s) a(s) fonte(s) etimológica(s) (a obra de onde foi retirada a etimologia). Não será atribuído o étimo aos constituintes gramaticais. A informação etimológica de cada elemento lexical que compõe o composto será intercalada pelo sinal “+”, pois para uma mesma forma podem ser utilizadas fontes etimológicas diferentes: **camareiro-mor nm. na** (*camareiro* < lat. CĀMERĀRĪU-) ^M + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS) ^G, por exemplo. Em algumas situações, parênteses curvos figurarão dentro de outros parênteses curvos: (*aguadeira* < *aguada* (< *água* + *-ada*) + *-eira*) ^H. Será utilizado o símbolo “<” para indicar a proveniência da palavra, que virá grafada em itálico e, em regra, no masculino e no singular. As formas correspondentes aos étimos virão grafadas em versaleta: *físico* (< lat. PHYSĪCUS < gr. PHYSIKÓS) ^C.

- *remissão*: o sistema de remissão será utilizado principalmente no caso de estruturas que apresentam variação de forma (em especial do primeiro elemento) e da ordem. Constará de uma variante como lema, em negrito, seguida de uma seta indicativa de remissão para determinada forma, grafada logo a seguir também em negrito: **augua beenta** *nf. na* → **agua bêêta**; **noua ley** *nf. an* → **ley noua**; **Corpo de Jhesu-Cristo** *nm. npn* → **Corpo de Deus**;. Também pode se apresentar ao final de um verbete: **filho(s) dalgo ~ filhos d’algo** *nm. npn* [...] → **fidalgo**; **maestre scola** *nm. nn* [...] → **meestre scolar**. Nos casos em que a palavra composta está registrada em dicionários contemporâneos de língua portuguesa sob uma forma (e às vezes sob um significado) diferente daquela registrada nos textos, será feita a remissão da seguinte forma: **[mestre-escola]** *nm. nn* → **maestre scola, meestre scolar**.

3.2.2 Definição (Comentário Semântico)

- *informação semântica*: a apresentação do significado se dá entre apóstrofos ou aspas simples (“”)²⁶². O significado de cada composto foi apreendido, primeiramente, dos próprios contextos de ocorrência, e, depois, extraído (e/ou elaborado a partir de) de glossários e dicionários consultados. Quando o composto apresenta mais de uma acepção, este fato é indicado por número seguido de ponto (em negrito), acepção (entre apóstrofo ou aspas duplas), dois pontos e abonação (exemplo de *guarda-roupa*: **1.** ‘indivíduo que desempenha o cargo de guarda-roupa’: «abonação»; **2.** ‘local onde são acondicionadas as roupas’: «abonação»). Em algumas ocasiões, informações complementares foram registradas no corpo do verbete.
- *abonações*: será apresentada, pelo menos, uma abonação de cada texto, ou seja, se uma determinada forma composta surge – com a mesma acepção ou não – em mais de um texto, essas ocorrências serão registradas, separadas por ponto-e-vírgula. Também no caso das variantes, será apresentada pelo menos uma abonação de cada forma. No texto da abonação, a forma composta será realçada com negrito. Nos textos poéticos e nas respectivas edições da *Carta de Caminha* e da *Vida de Santo Aleixo* introduzimos, na transcrição da abonação, alguns elementos gráficos (“/”, para a *Vida de Santo Aleixo* e para os textos poéticos, e “|” para a *Carta de Caminha*) com o intuito de preservar a estrutura da edição: «Como Santa Maria

²⁶² Optamos por utilizar o termo “significado” no lugar de “definição”, pois esta exige um rigor maior na sua elaboração, intento que não pudemos levar a cabo neste trabalho.

guariu o crerigo que se lle tornaran / as pernas atras porque fez ãus **panos mēores** / dun pano que furtou de sobelo altar» [CSM 327.2], «deu hũũ grom | ete ahũũ deles hũũa armadura grande de **porco** | **montes** bem Reuolta e tamto que atomou meteoia | logo no beijo» [CC 10v.18], «Emandarõ fazer hũũ muymẽto douro 7 de / **pedras preciosas**» [VSA1 153r.12], por exemplo.

OBSERVAÇÕES FINAIS

O dicionário elaborado possui uma estrutura tripartida: *front matter* (sinais convencionais, abreviaturas não-bibliográficas, abreviaturas utilizadas para as fontes etimológicas, siglas utilizadas para as fontes textuais do *corpus*), *central list* (lista dos verbetes) e *back matter* (apêndice).

Foram definidas a macroestrutura e a microestrutura do pequeno dicionário, que engloba, além de compostos sintagmáticos nominais, formas aglutinadas do português arcaico.

A supramencionada estrutura tripartida do dicionário constitui todo o capítulo a seguir.

CAPÍTULO V

PEQUENO DICIONÁRIO DE COMPOSTOS SINTAGMÁTICOS NOMINAIS (E DE AGLUTINADOS) DO PORTUGUÊS ARCAICO

SINAIS CONVENCIONAIS

- < – indica proveniência, origem

- * – sinal que, em lingüística histórica, representa a não-atestação de determinada forma. O registro deste sinal na informação etimológica de algumas palavras é de responsabilidade das fontes utilizadas.

- [] – os parênteses retos abrigam as siglas utilizadas para as fontes textuais do *corpus* e os elementos que indicam a localização, nos textos, de determinada ocorrência: [VFDJ 8998], [CGE3 75.10]

- () – nos parênteses curvos figura individualmente cada lexema acompanhado de sua etimologia: (*pano* < lat. PĀNNUS, -Ī)^G

- + – sinal interposto entre os constituintes do composto: **mal de pedra** *nm. npn* (*mal* < lat. MĀLE)^H + (*de*) + (*pedra* < lat. vulg. PĚTRA < gr. PÉTRA)^C

- ~ – sinal que indica “em variação com”

- “ – entre aspas simples figura o significado

- « » – as aspas angulares são utilizadas nas abonações

- : – são empregados logo após o significado, antecedendo as abonações

- – indica remissão para o vocábulo que se lhe segue

ABREVIATURAS NÃO-BIBLIOGRÁFICAS

acus. – acusativo	irreg. – irregular
an – Adjetivo-Nome (composto)	lat. – latim
ant. – antigo	m. – masculino
antr. – antropônimo	n. – nome
ár. – árabe	na – Nome-Adjetivo (composto)
aram. – aramaico	nn – Nome-Nome (composto)
arc. – arcaico	npn – Nome-preposição-Nome (composto)
bx.-lat. – baixo-latim	or. – origem
cast. - castelhano	p.p. – particípio passado
clás. – clássico	pl. – plural
compar. – comparativo	pop. – popular
deriv. – derivado(a)	port. – português
dev. – deverbal	prov. – provençal
dim. – diminutivo	provav. – provavelmente
ecles. – eclesiástico	rad. – radical
esp. – espanhol	sécs. – séculos
etim. – etimologia	substantiv. – substantivação
f. – feminino	suf. – sufixo
fr. – francês	tard. – tardio
frânc. – frâncico	top. – topônimo
gal.-port. – galego-português	var. – variante
germ. – germânico	vn – Verbo-Nome (composto)
gót. – gótico	voc. – vocábulo
gr. – grego	vulg. – vulgar
hier. – hierônimo	

ABREVIATURAS UTILIZADAS PARA
AS FONTES ETIMOLÓGICAS

<i>C</i>	–	Joan Corominas
<i>G</i>	–	Antônio Geraldo da Cunha
<i>H</i>	–	Antonio Houaiss
<i>M</i>	–	José Pedro Machado
<i>N</i>	–	Antenor Nascentes
<i>P</i>	–	Teixeira e Papavero
<i>S</i>	–	Arnaldo Schüler
<i>T</i>	–	Torrinha
<i>W</i>	–	Bloch e Wartburg

SIGLAS UTILIZADAS PARA AS
FONTES TEXTUAIS DO *CORPUS*

- CA – *Cancioneiro da Ajuda*
CC – *Carta de Pero Vaz de Caminha*
CDP – *Crónica de D. Pedro*
CEMD – *Cantigas d’Escarnho e de Mal Dizer*
CGE3 – *Crónica Geral de Espanha de 1344* (vol. 3)
CSM – *Cantigas de Santa Maria*
FR – *Foro Real*
GR3 – *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (vol. 3)
LC – *Leal Conselheiro*
LJA – *Livro de José de Arimatéia*
PP – *Primeyra Partida*
TAS – *Testamento de Afonso II* (TAS1 = exemplar 1; TAS2 = exemplar 2)
TCDJ – *A Trasladação do Corpo d’El Rey Dom João o Segundo*
TT – *Tratado de Tordesilhas*
VFDJ – *Vida e feitos d’El Rey Dom João Segundo*
VSA – *Vida de Santo Aleixo* (VSA1 = ms. 36; VSA2 = ms. 266)

adeantado-moor *nm. na* (*adiantado*, p.p. de *adiantar* < *adiante* + *-ar*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘titular superior de justiça, que depois se chamou meirinho-mor’: «Mandou matar em Medina del Campo hũu dia pella sesta em seu paaço, Pero Rodriguez de Vilhegas **adeantado-moor** de Castella e Sancho Rrodriguez de Rrojas» [CDP XVI.111]; «E soube o conde como el-rrei mandara ao iffante dom Joham e a Diego Perez Sarmento seu **adeantado-moor** e a todollos outros cavalleiros e officiaaes das comarcas per honde el cuidava que o conde fosse, que lhe tevessem o caminho e o matassem» [CDP XVII.206]; «Semelhavelmente fugirom de Castella neesta sazom com temor del-rrei que os mandava matar, dom Pedro Nunez de Gozmam **adeantado-moor** da terra de Leom e Meem Rrodriguez Tenoiro e Fernam Godiel de Tolledo e Fernam Sanchez Caldeiom» [CDP XXX.59]

agoa benta *nf. na* → **agua bēēta**

agoa doce *nf. na* → **agua doce**

agua bēēta ~ **agoa benta** ~ **agua bēēita** ~ **agua beeyta** ~ **augua beenta** *nf. na* (*água* < lat. AQŪA)^G + (f. de *bento* < lat. BENEDICTUS)^G ‘a água que recebeu as benções sacerdotais’: «E por ende foy estabelecido ena Santa Jgreia que todo aquel que fezesse pecado venial, que he meor ca os outros, que a enmēda delle fosse en cõfessandoo, conhocēdosse ende e fferindo-sse en sseus peitos cõ sseus dedos achegados por ssinal d’arrepēdimēto e deitando per ssi da **agua bēēta** e rreceber omildosamēte a beençõ do bispo quando a deita ou dá» [PP VI.179]; «Capitolo XLI – Como Josefes foi por Deos ordenado em bispo e vio que genefica a **agoa benta** e os sapatos que lhe calção» [LJA 629.2]; «E demais que trages **agua** | **bēēita** e es maldito, / a per poucas nom me ora, | que os ollos non te brito» [CSM 343.30]; «Primeyramente deitando sobr’ela a **agua beeyta** e encençandoa e dizendo estes tres psalmos:» [PP III.310]; «E mandou el-rrei em seu testamento que lhe tevessem em cada hũu ano pera sempre no dito moesteiro seis capellaães que cantassem por ell e lhe dissessem cada dia hũua missa oficiada, e saisses sobr’el com cruz e **augua beenta**» [CDP XLIV.61]

agua doce ~ **agoa doce** *nf. na* (*água* < lat. AQŪA)^G + (*doce* < lat. DŪLCIS)^G ‘água de rio, lago, nascente, que não contém cloreto de sódio, em oposição à água do mar (oceanos e mares), que é salgada’: «epasarã hũu Rio que perhy | core **dagoa doce** de mujta agoa que lhes daua pe | la braga» [CC 3v.30]; «Eentã ocapitã pasou oRío | cõ todos nos outros e fomos pela praya delongo | himdo os batees asy acaram de terra e fomos | ata hũua lagoa grande **dagoa doce** que | esta jumto com apraya» [CC 7v.25]; «O qual yndo polla dita costa com assaz

perigo e trabalho, foy ter com a dita armada ao Rio de Manicongo que he hum dos grandes que no mundo se sabe d' **agoa doce**» [VFDJ 7118]

agua rosada *nf. na* (*água* < lat. AQŪA)^G + (f. de *rosado* < lat. RŌSĀTUS)^G ‘líquido perfumado com rosas e outras flores’: «Logo foron alá todos | e viron en com’ estava / na colmêa a mui santa | Virgen e com’ abraçava a seu Fillo Jhesu-Cristo, | e mui mellor odor dava / que liros nen violetas* | non dan, nen **agua rosada**» [CSM 128.55]; «*Daquesto* foron [mui] maravillados / quantos das terras y foron juntados, / que solament’ os fios defumados / non viron do veo, nena brancura / Da omagen nen ar foi afumada, / ante semellava que mui lavada fora ben toda con **agua rosada**, / assi cheirava con ssa cobertura» [CSM 39.37]; «Meus olhos sam agravados / da vida que têm tomada / e nam podem ser curados / senam com **agua rosada**, / que nam lh’ aproveita nada, / porque sam de tal feiçam / que me dá muita paixam» [GR3 133.9]

águia caudal ~ **aguya caudal** *nf. na* (*águia* < lat. AQUĪLA)^M + (*caudal* < esp. CAUDAL < lat. CAPĪTĀLIS ‘referente à cabeça’, ‘principal’)^M ‘ave de rapina provavelmente identificada com a águia real’: «Com’ el sabe [ben] d’ agoiraria, / se ouvesse bon corvo carnaçal / ou cornelha ou **águia caudal** / atal qual xe Don Gómez oía; / [e con tal] lhi leixasse Deus perder / a erdade, o corp’ e o aver, / ca todo x’ el depois cobraria» [CEMD 77.10]; «Entom forom adyante e virõ vñr hũa **aguya caudal** pello aar, dando muy grandes gritos» [CGE3 131.13]; «E o primeiro agoyro que ouverõ foy hũa cornelha deestra, e sobre ella, hũa seestra. E desy ouverõ hũa **aguya caudal** ferrivelha que siia ã cima de hũu pinheyro» [CGE3 131.5]

aguya caudal *nf. na* → **águia caudal**

alcaide mayor *nm. na* → **alcaide(s)-mor(es)**

alcaide(s)-mor(es) ~ **alcayde(s)-mor(es)** ~ **alcaide-moor** ~ **alcayde-moor** ~ **alcaide mayor** ~ **alcayde mayor** *nm. na* (*alcaide* < ár. AL-QĀID ‘chefe’)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de grande’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G **1**. ‘chefe militar; governador de castelo ou província, responsável por sua defesa e por seu abastecimento com guarnição, armamento e alimentos, tendo ainda atuado, nos primeiros tempos, como oficial de justiça’: «E quando se finou Vasco Martinz de Melo **alcaide-mor** do Castello da Vide, hum fidalgo principal foy pedir a el-rey *que* lhe fizesse merce do dito castello e el-rey lhe respondeo:» [VFDJ 6728]; «e Dom Jorge de Portugal que vive em Castella com muyta renda e conde e **alcayde-mor** do alcacer de Sevilha» [VFDJ 1965]; «Nom fique por dizer d’hũu bõo escudeiro, sobrinho de Joham Lourenço Bubal, privado del-rrei e do seu conselho, **alcaide-moor** de Lixboa» [CDP IX.42]; «Dom Diogo de Crasto **alcayde-moor**

do Sabugal, era muyto valente cavaleyro e homem que el-rey por ysso estimava e fazia muita honrra» [VFDJ 7008]; «Os outros seus companheiros | cataron-s' a derredor / e acharon este mēos, | e ouveron gran pavor / de se [for] mort' ou cativo; | e o **alcaide mayor** / mandou que busca-lo fos[s]en | e pera el o trager» [CSM 329.47]; «E entom o conde dom Garcia Fernandez fez **alcayde mayor** de toda sua terra dom Mudarra Gonçalvez, assy como o ante era o treedor de Ruy Vaasquez; e disselhe que, todollos castellos que guaanhasse de Ruy Vaasquez, que lhos dava por herdade» [CGE3 162.19]; «E tanto que el-rey veo do saymento, mandou recado a todollas cidades e villas notaveis, e assi aos **alcaides-mores** que no mes de Novembro seguinte fossem todos na cidade d'Evora pera cortes que ahi avia de fazer» [VFDJ 898]; «E assi proveo as frontarias de capitães, e as fortalezas de **alcaydes-mores**, gente e armas e todo o mais *que cumpria*» [VFDJ 304]. **2.** 'comandante, capitão de um navio': «Desto direi un miragre | que fez aquesta Sennor / grand' e mui maravilloso | eno rio d'Azamor, / que Morabe é chamado, *| por lo **alcaide mayor** / dũa nave que y era | del Rei sennor d'Alenquer» [CSM 271.8]

alcaydaria-moor *nf. na* (*alcaidaria*, de *alcaide* < ár. AL-QĀID 'chefe' + *-aria*)^H + (*mor* 'compar. irreg. de *grande*' < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G 'dignidade de alcaide': «E Dom Martinho de Tavora filho de Ruy de Sousa sendo mancebo pedio a el-rey a **alcaydaria-moor** de Fronteyra que entam vagara, e el-rey lha deu» [VFDJ 8035]

alcayde mayor *nm. na* → **alcaide(s)-mor(es)**

alcayde-moor *nm. na* → **alcaide(s)-mor(es)**

alferez-moor *nm. na* (*alferes* < ár. AL-FĀRIS 'cavaleiro')^G + (*mor* 'compar. irreg. de *grande*' < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G: 'oficial militar imediato ao rei, executor das suas ordens e condutor da insígnia e do estandarte nos combates, possuindo, ainda, habilidade no combate montado': «E fez saber a el-rrei de Navarra e ao principe de Galez como era em Galliza e queria saber que esforço tiinha em elles: e esperou alli o arcebispo de Santiago e dom Fernando de Castro, seu **alferez-moor** e adeantado em terra de Leom e das Esturas» [CDP XL.11]; «e com estas palavras o dito rey *com* os joelhos no chão e a cabeça descuberta ha tomou em suas mãos com muito acatamento, e *de* sua mão a entregou logo a Dom Gonçalo homem principal e seu **alferez-moor**» [VFDJ 7606]; «Partio el-rey pera a dita guerra, e levava diante a dita bandeira de Christo em mão do **alferez-mor**» [VFDJ 7633]

alguazill-moor *nm. na* (*alguazil* < ár. AL-UAZĪR 'conselheiro, ministro')^M + (*mor* 'compar. irreg. de *grande*' < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G 'juiz municipal': «Depois desto a cabo d'hũu anno, estando el-rrei dom Pedro em Evora, chegarom messegeiros del-

rei de Castella, *scilicet*, dom Samuell Levi seu tesoureiro-moor e Garcia Goterrez Tello **alguazill-moor** de Sevilha e Gomez Fernandez de Soira seu alcaide» [CDP XV.20]

almotace moor ~ almotaçe moor nm. na (*almotacé* < ár. AL-MUHTÁSIB ‘inspetor de pesos e medidas’)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘oficial da corte, chefe dos almotacés, que tinha a seu cargo principalmente fiscalizar os pesos e as medidas, taxar os preços dos alimentos e prover a casa real de mantimentos’: «e dom Joham de Sousa, seu filho, nosso **almotace moor**» [TT 2.5]; «enuiou a nós por seus embaixadores e procuradores Rruy de Sousa cujas sam as villas de Sagrees e Biringel e dom Joham de Sousa, seu **almotace moor**» [TT 2v.14]; «E por que nós ao presente ñ podemos nello emtender em pessoa confiando de vós Rruy de Sousa, senhor de Sagres e Biringel, e dom Joham de Sousa, nosso **almotaçe moor**» [TT 3v.23]

altar mayor nm. na → **altar-mor**

altar-mor ~ altar mayor nm. na (*altar* < lat. ALTĀRE)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘altar principal de uma igreja, localizado em ponto oposto à porta de entrada’: «e no **altar-mor** hum retabolo e frontal de prata muy ricos com o guarda-poo e corrediças de seda» [TCDJ 109]; «Mas chegaram log’ a Onna | e teveron sa vegia / Ant’ o **altar mayor** logo | e pois ant’ o da Reña, / Virgen santa gloriosa, | rogando-le que agña / en tan grand’ enfermidade | posesse sa meezña, / se serviço do menño | en algun tenpo queria» [CSM 221.50]; «Diss’ el: “O fillo da dona | que sé no **altar mayor**, / a que non dan ren que cómia, | e vejo-o lazerar”» [CSM 353.78]; «Enton a moça fillaron | e foron-sse dessa vez / dereitament’ ao Porto | e passaron per Xerez; / e pois foron na ygreja | da Raynna de gran prez, / teveron y sas noveas | sempr’ ant’ o **altar mayor**» [CSM 378.65]

Ano Novo nm. na (*ano* < lat. ANNUM)^G + (*novo* < lat. NŌVUS, A-)^G ‘ano-bom, o ano que começa’, ‘meia-noite do dia 31 de dezembro’, ‘dia primeiro de janeiro’: «Pois me tenta de tal provo, / per que m’ á já esperado, / eu, como’ ome de recado / en véspera d’ **Ano Novo**, deitar quero eu todavia / o ma[s]tique a Don Macia» [CEMD 114.10]

armas brancas ~ armas brãcas nf. pl. na (*arma* < lat. ARMA ‘armas’, *plurale tantum* neutro)^N + (*branca* < germ. BLANK ‘luzente, luzidio’)^N ‘qualquer arma constituída essencialmente de uma lâmina metálica e que se destina a cortar ou perfurar’: «E outros muytos angeos verram hi cõ **armas brancas** e trageram todos pẽdões con cruces, de que os mouros averam grãde espanto e perderam os corações» [CGE3 48.12]

augua beenta nf. na → **agua bẽeta**

azcõa monteira *nf. na* (*ascunha* ou *ascuma*, de or. obscura, mas provavelmente do basco AZKON ou AZKONA ‘dardo’)^H + (f. de *monteiro*, de *monte* < lat. MONS, MÖNTIS + *-eiro*)^H ‘pequena lança de caça’: «Mas eles lle responderon: | «Don traedor, morreredes.» / E o demo lles dizia: | «Mui gran torto me fazedes, / ca eu non ei nulla culpa | daquelo que m’ apõedes.» / Mas *un foi-o* acalçando | con ssa **azcõa monteira**» [CSM 213.74]

baixamar *nf. an* (*baixa* < lat. BASSUS)^G + (*mar* < lat. MĀRE, -IS)^G ‘estado de parada em que fica a maré, depois de seu último período de vazante, até começar a encher’, ‘maré baixa’: «aatarde sayo ocapitã moor ã seu batel cõ todos | nos outros *e* com os outros capitãães das naaos em | seus batees afolgar pela baya acaram dapraya | mas njnguem sayo em tera polo capitã nom | querer sem embargo de njnguem neela estar / | soamente sayo ele com todos em hũũ jlheo 𐌸 | grande que na baya esta que de**baixamar** fica | muy vazio pero he detodas partes cercado dagoa | que ñõ pode njnguem hir aele sem barco ou anado» [CC 4v.29]

beesteiro-moor *nm. na* (*besteiro* < lat. BALĪSTĀRIUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘chefe dos besteiros, soldados que combatem com a besta, arma com arco para lançar setas’: «Em isto abrirom o postiigo do paaço onde el-rrei estava, e el-rrei disse a Pero Lopez de Padilha seu **beesteiro-moor** que prendesse o meestre» [CDP XX.53]

besta(s) fera(s) *nf. na* (*besta* < lat. vulg. BĒSTA < lat. clás. BESTĪA)^H + (f. de *fero* < lat. FERUS)^H ‘animal feroz’: «Joam de Sousa trazia hũa **besta fera** e dizia: Aquesta guarda sus armas / mas a mi que amor enciende / nunca dellas me defiende» [VFDJ 5886]; «E, cõ todo esto, rogote que non sejas esqueeçido deste logar pobre a que chegaste, nem olvides o pobre albergue que hy ouveste; ca, se algũũ acorrimento non avemos de Deus, a poucos dias seremos comestos de **bestas feras**, segundo a lazeira que passamos neeste logar hu vivemos» [CGE3 32.17]

braço deestro *nm. na* (*braço* < lat. BRA(C)CHĪUM)^G + (*destro* < lat. DEXTER, -TRA, -TRUM ‘direito, propício, favorável’)^G ‘auxiliar principal; principal colaborador’; ‘a pessoa de quem outrem se serve em tudo’: «E o Cide tomou o cavalo e deuho a dõ Alvaro Fernandez e disselhe, ã louvãdo de seu bõõ fazer: – Cuyrmãão, cavalgade, ca vos sodes o meu **braço deestro!** E, louvado seja Deus, assy o mostrou oje aquy e o demonstrará ao dyante!» [CGE3 433.12]

cabras montesas *nf. pl. na* (*cabra* < lat. CAPRA, -AE ‘cabra, bode’)^H + (f. de *montês*, de *monte* < lat. MONS, MÖNTIS + *-ês*)^H ‘espécie de cabra que habita regiões de montanha’: «[E]sta é como Santa Maria fez vïir las **cabras montesas** a Monssarraz, / e se leixavan ordennar aos

monges cada dia» [CSM 52.1]; «Aquel logar a pe dun mont' está / en que muitas **cabras montesas** á; / ond' estrāya maravilla avēo ja, / ca foron todas ben juso decer / Ant' a eigreja qu' en un vale jaz» [CSM 52.16]

cal virgem *nf. na* (*cal* < esp. CAL, talvez < lat. vulg. CALS < lat. clás. CALX, -CIS < gr. KHÁLIKS)^H + (*virgem* < lat. VĪRGŌ, ĪNIS)^H ‘cal pura, anidra, composta por óxido de cálcio, também chamada de cal viva ou cal cáustica’: «E quando el-rey foy soterrado lhe lançaram dentro no ataude tres alcofas de **cal virgem** pera ser comido mais cedo» [VFDJ 9209]

camara de paramento ~ camara do paramento *nm. npn* (*câmara* < lat. vulg. CAMARA (clás. CAMĒRA) < gr. KAMÁRA ‘abóbada’, ‘quarto, compartimento’)^G + (*de*) + (*paramento* < lat. tard. PARĀMENTUM ‘preparativo, ornato’, do verbo PĀRĀRE ‘preparar, aprestar, dispor, arranjar’)^{G,M} ‘espécie de ante-câmara’: «Segunda, **camara de paramento**, ou ante-camara, em que costumam estar seus moradores e algũus outros notavees do reyno» [LC 303.6]; «E pois a fim delles he seu começo, prymeiro a devemos ordenar em nosso coração, poendo na salla todallas cousas que nom tem outra, afora filhar prazer. Na **camara do paramento** as do proveito» [LC 304.5]

camareira-mor *nf. na* (f. de *camareiro* < lat. CĀMERĀRĪU-)^M + (*mor* ‘compar. irreg. de grande’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘criada encarregada da manutenção dos aposentos da rainha e de prestar a ela serviços pessoais’, ‘senhora de maior autoridade entre as que serviam à rainha’: «e vinha por sua aya e **camareira-mor** Dona Isabel de Sousa portuguesa, molher muito fidalga, e prudente, e de muy onesta vida» [VFDJ 5295]

camareiro-mor ~ camareyro-mor ~ camareiro-moor ~ camareyro-moor *nm. na* (*camareiro* < lat. CĀMERĀRĪU-)^M + (*mor* ‘compar. irreg. de grande’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘criado nobre da câmara real, tratando-se do primeiro camareiro na ordem hierárquica, com jurisdição sobre outros criados que serviam na câmara’: «E porque o **camareiro-mor** Ayres da Silva sabia ja certo pola cedula que escrevera como el-rey deyxava ho duque por seu erdeyro e socessor» [VFDJ 8998]; «E logo com muyta devaçam e lagrimas se confessou e comungou; e aa noyte com Ayres da Silva **camareyro-mor** fez hũa cedula alem do testamento que nas Alcaçovas fizera, e ficara em poder de Antam de Faria, o qual ahi era ja trazido» [VFDJ 8988]; «Em isto mandou el-rrei dom Pedro Joham Fernandez de Henestrosa seu **camareiro-moor** a Arevollo, honde estava a rrainha dona Branca sua molher, que a trouvesse ao alcaçar de Toledo» [CDP XVII.126]; «E logo ahi deu o principe o officio de **camareyro-moor** a Ayres da Silva filho do dito Joam da Silva» [VFDJ 252]

camareyro-mor *nm. na* → **camareiro-mor**

camisa mourisca *nf. na* (*camisa* < lat. CAMĪSĪA, de or. céltica)^G + (*mourisca*, de *mouro* < lat. MAURUS + *-isca*)^G ‘parece tratar-se de uma espécie de veste ampla e comprida que se vestia por cima de outras roupas’: «vjemos aas naos acomer onde ocapitã tro | uue cõsigo aquele meesmo que fez aos outros | aquela mostrança perao altar eperao ceo e | hũũ seu jrmãõ com elle ao qual fez muj<ta> | homrra e deulhe hũũa **camisa mourisca** eao | outro hũũa camisa destoutras» [CC 13r.1]

camynho frances *nm. na* (*camynho* < lat. vulg. CAMMĪNUS, de or. céltica)^H + (*francês* < ant. fr. FRANCEIS)^G ‘uma das rotas do Caminho de Santiago, com partida em S. Jean Pied Port, na França’: «E entom se forõ seu camynho e leixarõ o **camynho frances** aa mão direita e filharõ aa mão seestra per hũũ mõte» [CGE3 75.10]

capa aguadeira ~ capa augadeira *nf. na* (*capa* < lat. tard. CAPPĀ, -AE)^H + (*aguadeira* < *aguada* (< *água* + *-ada*) + *-eira*)^H ‘peça de roupa que se veste por cima das outras como proteção contra a chuva’, ‘capa para a chuva’: «E a condessa, assy como molher *que andava* ã romaria, com seus panos de doo que trasya e com sua **capa aguadeira** e com seu bordom e sua esportella e seu soombreiro na cabeça, foyse pera Leom, assy come romeyra» [CGE3 93.23]; «Já un s’achou con corpes na carreira, / ca o vej’andar con **capa augadeira**; / e, se non dou mao demo por vassalo, / já un s’achou con corpes, Martin Galo, / ca o vejo vestid’ e de cavalo» [CEMD 85.7]

capelam-mor *nm. na* → **capelão-mor**

capela-moor ~ capella-moor ~ capella mayor *nf. na* (*capela* < lat. CAPPĒLLA, dim. de CAPPĀ)^G + (*maior*, *mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘a capela principal de uma igreja’, ‘a capela real’: «e mandou armar toda a capela de panos de ras e poseram na dita capella a cota d’armas e o seu escudo, e elmo, e a lança, e a espada que estiveram aa missa na **capela-moor** com a *bandeyra* das armas reaes que sobre a eessa estava no cruzeiro, e a cruz d’ouro sobre o sancto corpo» [TCDJ 188]; «e este muimento mandou poer no moesteiro d’Alcobaça, nom aa entrada hu jazem os rreis, mas dentro na egreja ha mão direita, acerca da **capella-moor**» [CDP XLIV.32]; «Esteve assi o corpo do duque publicamente no cadafalso aa vista de todos por espaço de hũa ora, e dali sem dobrarem sinos *nem* aver choro, ho cabido da See com a clerezia da cidade com suas cruzes e muitas tochas acesas o levaram honrradamente ao Moesteiro de Sam Domingos, onde foy soterrado na **capella mayor**» [VFDJ 2259]

capelão-mor ~ capelão-moor ~ capelam-mor ~ capellam moor *nm. na* (*capelão* < ant. prov. CAPELAN < bx.-lat. CAPPELLANUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MAJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘dignidade na capela real’: «E porque era muyto apayxonado

e solto em suas palavras quando tinha paixam, e el-rey porque lhe *queria bem*, receava de soltar algũa palavra de mau ensino ou de pouco acatamento perante elle por onde fosse necessario castigá-lo do *que* lhe pesaria, lhe mandou dizer por Dom Diogo Ortiz bispo de Tangere e seu **capelão-mor**, que elle folgava de lhe fazer merce e *que sempre* lha faria» [VFDJ 7015]; «E desejando sossegar ha vontade aho duque de Bragança, e fazê-la conforme aas cousas de seu serviço, o apartou hum dia na capella dos paços dentro na cortina, perante Dom Fernam Gonçalvez de Miranda bispo de Lamego e seu **capelão-moor** e lhe fez hũa fala nesta maneira» [VFDJ 1500]; «E com el-rey eram ao tempo de seu fallecimento estes senhores e pessoas principaes do conselho e fidalgos, s.: o bispo de Coimbra Dom Jorge d'Almeida, o bispo de Tangere Dom Diogo Ortiz **capelam-mor**» [VFDJ 9120]; «Item estas quatro som muito necessarias pera a capeella, scilicet **capellam moor**, e meestre da capeella, e tenor, [e] meestre dos moços» [LC 354.32]

capella mayor *nf. na* → **capela-moor**

capellam moor *nm. na* → **capelão-mor**

capitã moor *nm. na* → **capitão-mor**

capitam-mor *nm. na* → **capitão-mor**

capitão-mor ~ **capitão-moor** ~ **capitam-mor** ~ **capitam moor** ~ **capitã moor** *nm. na*
 (*capitão* < bx.-lat. CAPITĀNUS, de CAPUT, -ĪTIS ‘cabeça’) ^G + (*mor* ‘compar. irreg. de grande’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS) ^G **1.** ‘Comandante-em-chefe de uma armada’: «E por lhe jaa começar de fogir a gente de seu arrayal escarmentados muytas vezes de cruas mortes e feridas, e principalmente temendo muito a passagem d’el-rey, parecendo-lhe que vendo-se com elle em batalha seria destruydo, em vez de fazer guerra cometeo paz ao **capitão-mor** da frota Ayres da Silva que em nome d’el-rey estava» [VFDJ 4060]; «Pollos grandes desejos que el-rey sempre teve do descubrimento da India, no *que* muito tinha feyto e descuberto atee alem do Cabo de Boa Esperança, tinha concertada e prestes a armada pera descubri-la *com* os regimentos feitos, e por **capitão-moor** dela Vasco da Gama fidalgo de sua casa» [VFDJ 8759]; «E no começo do mes de Julho mandou logo partir a dita armada, e por **capitam-mor** dela Gaspar Jusarte, a fazer e fundar a dita villa ****a** que mandou poer nome a Graciosa» [VFDJ 3886]; «E ordenado o presente pera el-rey e os navios prestes partiram de Lisboa segunda-feira dezanove dias de Dezembro de mil e quatrocentos e noventa; e sendo junto *com* as Ylhas do Cabo Verde ho dito Gonçalo de Sousa **capitam-moor** morreo de peeste porque aa sua partida morriam disso em Lisboa» [VFDJ 7277]; «posto queo **capitam moor** desta vossa frota e asy os | outros capitãões *screpuam* avossa alteza anoua do acha | mento desta vossa terra noua que se ora neesta

naue | gaçom achou . nom leixarey tam bem de dar disso | minha comta avossa alteza asy como eu melhor | poder» [CC 1r.1]; «aatarde sayo **ocapitã moor** ã seu batel cõ todos | nos outros e com os outros capitãães das naaos em | seus batees afolgar pela baya acaram dapraya | mas njnguem sayo em tera polo capitã nom | querer sem embargo de njnguem neela estar» [CC 4v.23]; **2.** ‘governador de capitania hereditária’: «Lopo Soarez que depois foy **capitão-moor** da India homem de muito bom saber e grande memoria e como que el-rey folgava e fazia merce e *favor o mandou por capitão aa Mina» [VFDJ 8107]

carta de crença *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*crença* < lat. med. CRĒDENTĪA)^G ‘documento que assegura que se deve dar crédito ao que disser a pessoa que o apresenta’, ‘o mesmo que credencial’: «E mandou com ele a el-rey hum seu sobrinho por embaixador com hũa grossa manilha d’ouro por **carta de crença** que he o costume de sua terra, por antr’ eles *nam* aver letras, e lhe mandou por elle pedir armas e navios» [VFDJ 3601]; «Estando el-rey em Avis na Coresma deste ãno de oytenta e oyto lhe vieram cartas de Diogo Fernandez Correa seu feytor em Frandes, e com ellas hũa **carta de crença** ao dito Diogo Fernandez de Maxemeliano rey dos romãos que era primo com yrmão d’el-rey, em que lhe dava conta da grande guerra que avia antre elle e el-rey de França» [VFDJ 3376]

carta de pẽdença *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*pendença* ‘penitência’ < lat. PAENITENTIA ‘pesar’, deriv. de PAENITĒRE ‘ter pesar de algo, arrepende-se’)^C ‘documento escrito de confissão’: «[C]omo Santa Maria fez ãa **carta de pẽdença** que tragia ãa moller / pesar mais en ãa balança que quant’ aver *poseron* na outra» [CSM 305.1]

carta de pessoaria ~ **carta de pessoarya** *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*pessoaria*, de *pessoa* < lat. PĒRSŌNA, -AE + -*aria*) ‘procuração’: «E sse *peruẽtura* forẽ deitados da tẽẽça *per* força ou *per* outra maneyra que os parẽtes e os amjgos e os vezinhos ou os *seruos* ou os lauradores dos pelegriijs possam demãdar e cobrar en juizo a tẽẽça *que* lhys foy forçada *pero* ãa **carta de pessoaria** (e) dos romeus» [PP XXVII.78]; «E se mostrar **carta de pessoarya** mostrea ao *contendor* da outra parte e *délhy* ende o traslado, se o demandar, *per que* o possa saber *de que* é *pessoeyro* ou en *que* maneyra» [FR I.429]; «As partes *que* *preyto* ouuerẽ se ão poderẽ ou ão *quiserẽ* *per sy* se aujir eno *preyto*, dẽ *pessoeyros* ante o alcaide (ou) enuienos cũ sa **carta de pessoarya** *que* seya feyta *per* maoo do escriuã do concello ou senõ seelada do seello seu *proprio* ou doutro ben cunhoçudo» [FR I.583]

carta de soltura *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*soltura*, de *solto* < lat. *SŌLTUS, por SŌLUTUS, p.p. de SŌLVĒRE + -*ura*)^H ‘documento em que se declara a

remissão de uma dívida ou de uma pena’: «Ela respondeu-lle logo: | «Juro-vos per mia creença / que non trag’ erg’ esta carta, | que é de mia pēdença. / E diss’ el: «Vee-la quero, | e meterei [y] femença / se é **carta de soltura** | ou se é de petições» [CSM 305.43]

carta(s) de poder(es) *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*poder* < lat. vulg. PŌTĒRE, por POSSE)^G ‘carta (régia) que delega a outrem certos poderes’, ‘autorização, procuração’: «sob obrigaçã expresa que pera ello fazemos de todos nossos bēes patrimoniaees e fiscaees e outros quaeesquer de nosos vasallos e subditos e naturaees mouees e raizes auudos e por auer por firmeza do qual mandamos dar esta nossa **carta de poder**, a qual firmamos de nosos nomes e mandamos seelar com nosso seelo» [TT 3v.4]; «Dom Joham per graça de Deus Rrey de Purtugal e dos Alguarues d’aquẽ e d’alem mar em Africa e Senhor de Guinee a quantos esta nosa **carta de poder** e procuraçã uirem fazemos saber que por quanto por mandado dos muj altos e muj excelentes e poderosos princepes El Rrey dom Fernando e Rraynha dona Jsabel, Rrey e Rraynha de Castella, de Liom, d’Aragã, de Cezilia, de Grada, etc., nossos mujto amados e prezados jrmaãos, forã descubertas e achadas nouamente algũas ilhas» [TT 3v.10]; «segundo ambas as ditas partes o mostrarã pollas **cartas de poderes** e procuraçõees dos ditos Senhores seus constituintes das quaes seu theor de verbo a verbo he este que se segue» [TT 2v.5]. No *Dicionário Luso-Asiático* (*s.u.* formão, firmão): «Deo pera isso hũa carta de poder, a que os mouros chamão **Formão** de que forão descontentes alguns seus emulos e competidores».

carta(s) de seguro *nf. npn* (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*de*) + (*seguro* < lat. SĒCŪRUS)^G ‘carta de confiança’, ‘espécie de salvo-conduto ou passaporte que autoriza o seu detentor viajar e transitar livremente, impedindo que este seja preso ou atacado (nesse caso, assemelha-se, ainda, a um HABEAS CORPUS preventivo)’: «E el-rrei, veendo como seus feitos hiam cada vez peor, mandou dizer a el-rrei de Purtugall seu tio que pois lhe outra ajuda fazer nom quiria, que lhe enviasse **carta de seguro** per que podesse passar per seu rreino» [CDP XXXIX.28]; «Quando o conde dom Henrique soube como el-rrei cobrara a villa de Touro e matara aquelles que tiinham por sua parte, e que o meestre dom Fradarique seu irmão era ja com el-rrei d’acordo, entendeo que lhe nom compria mais aperfiar na guerra nem estar mais tempo no rreino, e preitejou com el-rrei que lhe desse **cartas de seguro** pera sse hir pera França» [CDP XVII.203]

cartas par[ti]das per abc *nf. pl. npn* (*carta-partida*, de (*carta* < lat. CHARTA < gr. CHÁRTĒS)^G + (*partida* < lat. PARTITUS, -A, -UM, p.p. de PARTĪRE)^H) + (*per*) + (*ABC*, do nome das três primeiras letras do alfabeto)^G ‘documento contratual que se escrevia duas vezes em um mesmo pergaminho, em duas colunas divididas de cima a baixo pelas primeiras letras do

abecedário, para assegurar-se a sua legitimidade; a autenticidade do contrato se comprovava ao aproximar as bordas de ambos os documentos, resultantes da partição do pergaminho, pela parte que estavam as referidas letras’: «E estes ataes quando rreçebem o dizemo dos pastores *que* façã **cartas par[ti]das per ABC con** elles de quãto dizemo rreçebem de cada cabana» [PP XXIII.278]

casa d’oraçõ ~ casa d’oraçom *nf. npn* (*casa* < lat. CASA, -AE ‘choupana, cabana’)^H + (*de*) + (*oraçõ* < lat. ŌRĀTĪO, -ŌNIS)^G ‘a igreja’ «E assy o disse Nostro Senhor Ihesu Cristo eno auãgelho *verbi* graçia «*domus mea domus oracionis vocabitur*» que *quer* tanto dizer como a sa casa *que* he chamada **casa d’oraçõ** e nõ deue seer feita coua de ladrões» [PP IX.823]; «Orar e rrogar deuẽ os *crifãos* a Deus assynaadamẽte ena *santa* jgreia, como *quer* que o possam fazer enos outros logares quãdo nõ podẽ a ela vijr. E *por* esso he chamada **casa d’oraçõ**» [PP XIII.450]; «Ley XVIIIª *por* que he dita **casa d’oraçom**» [PP XIII.447]

cavaleiro d’armas ~ cavalleiro d’armas ~ cavalleiro ã armas *nm. npn* (*cavaleiro* < lat. tard. CABĀLLĀRIUS)^{G,C} + (*de*) + (*arma* < lat. ARMA ‘armas’, *plurale tantum* neutro)^N ‘ginete’: «Como ãu bon **cavaleiro d’armas**, pero que era luxurioso, dizia sempr’ “Ave Maria”, e Santa Maria o fez en partir per sa demonstrança» [CSM 152.1]; «E desto contado / per mi mui de grado / será e mostrado / que a que nos guia, / a mui Preciosa, / fez miragre sinaado, / come poderosa, / Dun bon **cavaleiro d’armas**, que senlleiro / con seu escudeiro / a un tornei ya» [CSM 195.15]; «E el dizia verdade, ca o non dizia con medo que ouvesse, como aquel que era muy bõõ **cavaleiro d’armas** e muyto ardido» [CGE3 27.11]; «E aveio assi ãu dia que Vespasiano cometia os da vila, que era mui esforçado e mui bõõ **cavaleiro d’armas**» [LJA 533.6]; «E o outro caudilho foy dõ Gonçalo Diaz, que era muy louçãõ e muy bõõ **cavalleiro d’armas** e muy vallente» [CGE3 36.9]; «E, daquella esporoadá primeira fezerõ muy grãde dampno nos mouros, ca o conde era muy bõõ **cavalleiro ã armas** e os seus outro tal» [CGE3 55.19]; «E ally jazia morto hũũ sobrinho do conde, que era muy bõõ **cavalleiro ã armas**, que se matara con hũũ mouro dos Allarves muy bõõ cavalleiro a maravylha» [CGE3 60.20]

cavalleiro ã armas *nm. npn* → **cavaleiro d’armas**

cavalleiros filhos d’algo *nm. pl. na* (*cavaleiro* < lat. tard. CABĀLLĀRIUS)^C + (*filho d’algo* < *filho* + *de* + *algo*)^G ‘fidalgos de linhagem, em opposiçõ aos cavaleiros vilãos, que nõ possuíam nobreza’: «E, pera esto, senhor, vos levaredes cinco mil **cavalleiros filhos d’algo** e dous mil cavalleiros de mouros, que vos mandarõ os reis vossos vassallos» [CGE3 326.6]; «E, pera esto, mandarm’edes dar **cavalleiros filhos d’algo** mui ben guisados que vãã cõmigo a pee» [CGE3 385.13]; «E a esto chegou dõ Alvaro Fernãdez. E tragia

conssigo trezêtos **cavalleiros filhos d'algo**; e, d'escudeiros e peões, era muyta jente» [CGE3 440.7]. Nas palavras de Viterbo (1983/1984, *s.u.* cavalleiro), “No tempo d'El-Rei D. Affonso III se começou a usar entre os Portuguezes da palavra *Fidalgo*, ou *Filho d'algo* para distinguir os *Cavalleiros*, e *Escudeiros de linhagem*, dos que o não eram”.

cavalleyro d'armas *nm. npn* → **cavaleiro d'armas**

chançarel-mor *nm. na* → **chanceler-mor**

chanceler-mor ~ chanceler-moor ~ chancellor-moor ~ chançarel-mor *nm. na* (*chanceler* < fr. CHANCELIER < lat. CANCELLĀRIUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o chanceler principal, magistrado a quem incumbia a guarda do selo real’: «E pera receberem o principe em Moura e o trazerem a sua corte fez el-rey seus precuradores, Dom Pedro de Noronha seu mordomo-mor e o doutor Joam Teixeyra **chanceler-mor**, e frey Antonio seu confessor» [VFDJ 1704]; «Custumava-se antigamente nestes reynos, *que* todollos breves e rescritos, letras e bullas *que* de Roma viessem, *nam* se fizesse por ellas obra algũa sem primeiro serem vistas e examinadas polo **chanceler-moor**» [VFDJ 3153]; «E depois que o iffante dom Pedro rreinou, deu sentença de traiçom contreeles, dizendo que fezerom contra elle e contra seu estado cousas que nom deviam de fazer; e deu os bões de Pero Coelho a Vaasco Martinz de Sousa, rric'omem e seu **chancellor-moor**, e os d'Alvoro Gonçallvez e Diego Lopez a outras pessoas como lhe prougue» [CDP XXX.51]; «E porque a este tempo o principe entrava em quinze annos e a ynfanta *nam* era casada, desejando el-rey acabar o dito casamento, mandou sobre ysso a Castella por embayxadores Fernão da Silveira **condel-mor e regedor da Casa da Sopricaçam, o doutor Joam Teixeyra **chançarel-mor** destes reynos» [VFDJ 4810]

chancellor-moor *nm. na* → **chanceler-mor**

cirio pascoal ~ ciro pasqual *nm. na* (*círio* < lat. CĒRĒUS ‘de cera’)^G + (*pascal* < lat. PASCHĀLIS)^G ‘grande círio que é benzido nos festejos da Páscoa’: «Item ao sabbado vespera de pascoa, prima, terça, sexta, noa rezadas, beençom do fogo e do encenço, beençom do **cirio pascoal**, doze profecias cantadas, os tres trautos cantados, ladaynha cantada, missa, vespera cantadas de laudate domynum omnes gentes e manigficat com orações: 5 oras» [LC 356.22]; «Ca viron o **ciro pasqual** queimado / muito dũa parte e mui menguado; / e desto o poblo foi tan coitado, / que cada un deles entrestecia» [CSM 211.25]; «Mas ante quis que en tal / Ponto vëess’ a seu feito, | que non ouvess’ y joyz / que de vida o julgasse, | e a Sant’ Anperadriz / lle fez ben sentir a morte; mais eno dia fiiz / de Pasqua quis que vivesse, | u fazen **ciro pasqual**» [CSM 235.93]

ciro pasqual *nm. na* → **cirio pascoal**

clerigo(s) de missa ~ crerigo de missa *nm. npn* (*clérigo* < lat. tard. CLĒRĪCUS < gr. KLĒRIKÓS)^G + (*de*) + (*missa* < lat. tard. MISSA, substantiv. do f. de MISSUS, p.p. de MITTĒRE ‘enviar’)^G ‘presbítero’: «E alli chegou a elle hũu **clerigo de missa**, natural de Sam Domingos da Calçada» [CDP XXVI.27]; «E, despois que ouve quareenta dyas compridos, foy preso o apostolligo, dhũu **clerigo de missa** que avya nome Cristovom; e deytouho em carcer por mal que fezera ãna Sancta Igreja» [CGE3 8.8]; «E, como a luz vier, tu irás diante d’arca e tu e tua companhia fareis i orações e dar-vos-ei ãu novo estabelecimento, que ainda vos nunca dei, ca eu sagrarei teu filho e fa-lo-ei **clerigo de missa**, ca eu lhe darei minha carne e meu sangue a goardar» [LJA 609.16]; «A ondeçima he se algũ mõge ou conigoo rreglar o<u> **clerigo de missa** que seia de dignidade ou de pessoadigo for a escolas pera estudar en fisica ou en leis sen outorgamẽto do papa» [PP XII.87]; «O bispo que ouuer a dar sentença deue a auer consigo doze **clerigos de missa** que tenha cada hũu delles senhas cãdeas enas mãos e deuẽ tanger as cãpaas» [PP XII.438]; «E por ende estabeleceu a Santa Eygreia que os **clerigos de missa** despreçassem e engeytassẽ as offerrendas de taes, hy ha delles por tal que ouuessem ende vergonha e pessar e sse partissem daquelles pecados» [PP XXII.169]; «[E]sta é como un **crerigo de missa** que servia a Santa Maria morreu no rio que ven por Paris; e a tercer dia rressocitó-o Santa Maria e sacó-o do rio» [CSM 111.1] → **ordinhado de missa**

cõdel-mor *nm. na* → **coudel-mor**

coita d’amor ~ cuita d’amor *nf. npn* (*coita*, der. de *coitar* < prov. COITAR < lat. vulg. *COCTĀRE, de *CŌCTUS, por COACTUS, part. de CŌGĒRE ‘impelir, constranger, obrigar’)^{G,H} + (*de*) + (*amor* < lat. AMOR, -ŌRIS)^H ‘sofrimento amoroso’: «Muitos dizem que perderan / **coita d’amor** sol per morrer. / E s’ é verdade, ben estan. / Mais eu non o posso creer / que ome perderá per ren / **coita d’amor**, sen aver ben / da dona que lh’a faz aver!» [CA 485,487]; «E como morre quen jaz na mayor / coita d’amor das que eu nunca vi, / e ;mal pecado! moir’ og’ eu assi, / de mia senhor long(e) e desamparado» [CA 1080]; «E de mia mort’ ei eu mui gran sabor / por non soffrer mui gran coita d’amor / que soffri sempre no meu coração» [CA 2192]; «Non sei que é de min, nen que será, / meus amigos, nen sei de mi ren al / se non atanto que eu soffr’ atal / **coita d’amor** qual vus eu direi ja:» [CA 5916]; «Ca non este **cuita d’amor** / ãa que ome filhar ven, / se ome leixa sen seu ben, / ou sen mort(e), ou se faz melhor; / mais semelha muit’ outro mal» [CA 15]; «Se eu no mundo fiz algun cantar, / como faz ome con coita d’amor, / e por estar melhor con sa senhor, / acho-me mal e quero-m’ en quitar» [CEMD 339.2]; «- Pero d’ Ambroa, vós non m’ oïredes / dizer cantar - esto creede ben - / senon ben feit’ e igual; e poren / non digu’ estes «bõõs», que

vós fazedes, / ante digo dos que faz trobador / que troba ben e á **coita d'amor**; / e vós, por esto non me vos queixedes» [CEMD 341.13]; «E maior pecado mortal non sei / ca o que eu vejo fazer a Deus, / ca desampara os vassalos seus / en mui gran **coita d'amor** qual eu ei» [CEMD 396.11]; «Meus olhos, gran **cuíta d'amor** / me dades vos, que sempr' assi / chorades» [CA 976]

coita do mar *nf. npn* (*coita*, der. de *coitar* < prov. COITAR < lat. vulg. *COCTĀRE, de *CŌCTUS, por COACTUS, part. de CŌGĒRE 'impelir, constranger, obrigar')^{G,H} + (de) + (*mar* < lat. MĀRE, -IS)^G 'enjôo': «E é gran coita de mort' a do mar, / mais non é tal; e por esta razon / coita d'amor me faz escaecer / a mui gran **coita do mar**, e tãer / Pola mayor coita, per bõa fé, / de quantas foron, nen son, nen seran» [CA 5555]; «E estes outros que amor non an, / dizen que non; mais eu direi qual é: / coita d'amor me faz escaecer / a mui gran **coita do mar**, e tãer / Por mayor coita a que faz perder / **coita do mar**, que faz muitos morrer!» [CA 5561,5563]

comendador-mor ~ **cõmendador-mor** ~ **comendador-moor** *nm. na* (*comendador* < ant. fr. COMANDEOR 'o que comanda')^G + (*mor* 'compar. irreg. de grande' < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G 'comendador principal, titular de ordem militar ou honorífica': «Do que el-rey disse ao **comendador-mor** sobre Gonçalo da Fonseca» [VFDJ 8488]; «E hum dia estando em pratica com certos senhores e fidalgos vieram a falar nelle, e o **cõmendador-mor** Dom Pedro da Silva disse "Gonçalinho da Fonseca"» [VFDJ 8493]; «O **comendador-moor** e os outros disserom estonce que lhe tiinham em grande mercee de lhes dar tam honrrado senhor por seu meestre» [CDP XLIII.73]; «Dom Anrrique, **comendador moor**, Rruy de Sousa, dom Joham de Sousa, o doctor Rodrigo Maldonado, licentiatus Arias, testemunhas que forã presentes que virã aqui firmar seus nomes aos ditos procuradores e embaixadores» [TT 7r.30]

conde-prior *nm. nn* (*conde* < lat. CŌMES, -ĪTIS 'companheiro; o que acompanha')^C + (*prior* < lat. PRIOR, -US 'o primeiro entre dois', 'anterior', 'superior')^C 'indivíduo que possui o título honorífico de conde e de prior': «e o **conde-prior** mordomo-mor hia diante do sancto corpo que assi veo sempre com elle desd' a cidade de Silves té o dito moesteiro tendo carrego de mandar correger o estrado em que o sancto corpo era posto com seus bancos de tochas e nam deixava chegar ninguem aho sancto corpo» [TCDJ 73]

condel-mor *nm. na* → **coudel-mor**

condestabre *nm.* (< ant. fr. CONESTABLE < bx.-lat. COMES STABŪLI 'conde encarregado do estábulo real', com influência de *conde*)^G 'chefe supremo do exército', 'título honorífico': «E aquel santo **Condestabre** per semelhante ouve aqueste sentimento, por sobejamente se

dar aos cuydados e desembargos» [LC 75.15]; «Séytema, que sejamos bem avysados, provystos e percebidos pera os casos contrairos, com boa duvyda e receo delles, avendo no coração razoada segurança como fazia aquel sancto **Condestabre** que na paz e todo assesego era tam avysado e bem provysto como se fosse em tempo de grande necessarydade» [LC 224.17]; «E contra esto aquel sancto **Condestabre**, quando per aficados requerymentos lhe mostravom que era muyto obrigado ou avya grande razom de fazer algũa cousa donde sentia que desgovernança de seu (e) boo estado se podia seguyr, respondia que todo o mundo era cheo de boa razom, mais que outra mais forte nome era que fazer cadahũu o que bem podia, por que mais nom devya» [LC 243.17]

[**condestável**] *nm.* → **condestabre**

contador mor ~ contador moor *nm.* *na* (*contador* < lat. COMPUTĀTOR)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o contador principal na estrutura da administração financeira do reino’: «O qual todo que dito he e cada hũa cousa e parte dello os ditos dom Arrique Amriquez, mordomo moor, e dom Goterre de Cardenes, **contador mor**» [TT 6v.8]; «Tendo Joam Roiz **contador-mor** de Lisboa hũa demanda *em que* muito hia *com* el-rey, se louvaram ambos *em* juyzes os principaes letrados *que* na Relaçam avia e pessoas virtuosas, *que* eram o doutor Ruy Boto chanceler-mor e o doutor Fernam Roiz adayão de Coimbra» [VFDJ 4336]; «Porẽ, confiando de vós, dom Anrique Anriquez, nosso mordomo moor, e dom Goterre de Cardenes, comendador moor de Liam, nosso **contador moor**, e o doctor Rrodrigo Maldonado, todos do nosso conselho» [TT 2v.20]

copeiro-moor *nm.* *na* (*copeiro*, de *copa* < lat. CŪPPA, -AE + *-eiro*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MAJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o copeiro principal, responsável pelo serviço de bebidas do rei’, ‘oficial da mesa do rei responsável pela supervisão da copa’: «E porque depois da morte do principe dahi a poucos dias el-rey tornou logo adoecer de mal de que ao diante morreo e ouve sospeytas que foy de peçonha, ficou hũa jeral presunçam que nesta Fonte Cuberta lhe fora dada em agoa *que* bebeo; a qual presunçam e sospeiçam se confirmou em muytos *com* as mortes de Fernam de Lima seu **copeiro-moor** e de Estevam de Sequeira copeiro e de Afonso Fidalgo homem da copa que hinchados e solutos como el-rey antes delle poucos dia todos tres faleceram» [VFDJ 6077]

coroa beenta ~ coroa bêeta *nf.* *na* (*coroa* < lat. CŌRŌNAM < gr. KORŌNĒ)^G + (f. de *bento* < lat. BENEDICTUS, -A, -UM)^H ‘o mesmo que *prima tonsura*, que, segundo Houaiss, consiste em cerimônia da Igreja em que o prelado dá o corte redondo no topo da cabeça do ordinando, ao lhe conferir o primeiro grau eclesiástico’: «Mays se algũ seendo leygo des que ouuer

XVIII quisesse seer clerigo e demãdasse *que* o ordinassẽ en sete anos, pode rreçeber todalas ordẽes desta guisa: enos dous anos primeyros pode auer **coroa beenta** e quatro graos» [PP IX.630]; «E estes graaos d'ordẽes chamã o primeyro **coroa bẽeta**, ao ssegundo hostiayro, ao terçeyro leytor, ao quarto exorçisto, ao *quinto* acolito, ao VIº subdiacono, o septimo diacono, a oytauo prestes, ao nono bispo» [PP IX.18]

coronista-moor *nm. na* (*cronista*, de *crônica* < lat. CHRONĪCA, -ORUM + *-ista*, por depreensão do rad. *cron-* e troca do suf. para *-ista*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o cronista principal do reino, encarregado de redigir, em ordem cronológica e de reinados, as histórias dos reis’: «Disseram muitos grandes a el-rey Dom Fernando de Castella *que* devia de castigar muyto o seu **coronista-moor** porque o vencimento e toda a honrra da batalha de Touro dava ao principe de Portugal, e que elle soo fora o vencedor» [VFDJ 7036]

Corpo de Deus ~ Corpo de Deos ~ Corpo de Jhesu-Cristo ~ corpo de Nostro Senhor Ihesu Cristo ~ Corpo de Nostro Sennor *nm. npn* (*corpo* < lat. CŌRPUS, -ŌRIS)^G + (*de*) + (*Deus* < lat. DĒUS, DEI)^G 1. ‘hóstia’ «Estando en esta coita, * | esforçou-sse de falar, / e a quantos y estavam | começou muit’ a rogar / que por Deus aa eigreja | punnassen de a levar, / que ant’ o altar podesse | o **Corpo de Deus** fillar» [CSM 308.38]; «Como ùu erege de Tolosa meteu o **Corpo de Deus** / na colmẽa e deu-o aas abellas que o comessen» [CSM 208.1]; «Eca / da domjgo comũgava do **corpo de deus**» [VSAI 150r.3]; «E cada domingo / comungava do **corpo de deus**» [VSA2 68r.19]; «[C]omo Santa Maria fez aa moller que queria fazer amadoiras / a seu amigo con el **Corpo de Jhesu-Cristo** e que o tragia na / touca, que lle corresse sangui da cabeça ata que o tirou ende» [CSM 104.2]; «Este mœsteyr’ Achelas | á nom’ e ssi é chamado; / e un capelan das *donas*, | bõo om’ e ensinado, / estava cantando missa | com’ avia costumado, / e avẽo-ll’ assi: ante | que foss’ a missa fiida, / Quando [a] consomir ouve | o **Corpo de Jhesu-Cristo**, / per que o demo venzudo | foi ja por senpr’ e conquisto, / caeo dentro no caliz, | esto foi sabud’ e visto, / per un fi’ ùa aranna | grand’ e negr’ e avor[r]ida» [CSM 222.26]; «E en esta maneyra deue a uijr ataa *que* chegue ao enfermo <e> depoyes que o ouer comũgado o enfermo déuesse a tornar a jgreia e aduzer elle meesmo o calez ou a cousela ou aquelo en *que* levou o **corpo de Nostro Senhor Ihesu Cristo** e nõno deue dar a outro *que* o aduga» [PP VII.465]; «Esta é do **Corpo de Nostro Sennor**, que un vilão metera / en hũa sa colmẽa por aver muito mel e muita cera; e ao / catar do mel mostrou-sse que era Santa Maria con seu / Fill’ en braço» [CSM 128.1]; 2. ‘festa móvel do calendário da Igreja Católica’: «E ao outro dia bespora de **Corpo de Deos**, e assi no dia pola acostumada solenidade da festa, como pola vinda do

principe cousa tam desejada d'el-rey e da raynha, ouve na cidade muytas festas e touros» [VFDJ 1820]; «Mandai-a guardar mui bem / e fiaí-vos vós em mim, / porqu' o **Corpo de Deos** vem / e comprar-vo-l'-aa Jooquim, / que é velho e parvoeja / e traz ãa jaa çafada / e a vossa penteada, / anafada, / é tal qual ele deseja» [GR3 227.19]

Corpo de Jhesu-Cristo *nm. npn* → **Corpo de Deus**

corpo de Nostro Senhor Ihesu Cristo *nm. npn* → **Corpo de Deus**

Corpo de Nostro Sennor *nm. npn* → **Corpo de Deus**

cota d'armas *nf. npn* (*cota* < ant. fr. COTE < frânc. *KOTTA 'manta de lã grosseira')^G + (*de*) + (*arma* < lat. ARMA 'armas', *plurale tantum* neutro)^N 'antiga vestidura dos cavaleiros nas batalhas e torneios, sobre a qual se aplicavam os escudos das armas dos cavaleiros': «E publicamente foy alli trazida hũa estatua do marquês natural como viva que se parecia com ele, e vinha armado de todas armas, e emcima dellas sua **cota d'armas**, e na mão deryta hũa espada alta» [VFDJ 2329]; «e mandou armar toda a capela de panos de ras e poseram na dita capella a **cota d'armas** e o seu escudo, e elmo, e a lança, e a espada que estiveram aa missa na capela-moor com a bandeyra das armas reaes que sobre a eessa estava no cruzeiro, e a cruz d'ouro sobre o sancto corpo» [TCDJ 186]; «e pola mesma maneira e cerimonia lhe tirarão a **cota d'armas** e armadura da cabeça e todas as outras peças das armas, atee ficar desarmado *em* calças e *em* gibam» [VFDJ 2348]; «e a bandeyra das armas reaes e o escudo e elmo *com* que o sancto rey justou *em* Evora nas festas *que* fez ao casamento do principe seu filho, e a **cota d'armas** e lança, e espada *com que* pelejou na batalha *de* Touro sendo principe e ficou no campo como vencedor, tudo pendurado na capela» [TCDJ 113]

coudel-mor ~ **Coudel-moor** ~ **condel-mor** ~ **condel-moor** ~ **cõdel-mor** *nm. na* (*coudel* < lat. CAPĪTĒLLUM, dim. de CAPUT, -ĪTIS 'cabeça')^{G,N} + (*mor* 'compar. irreg. de *grande*' < lat. MAJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G 'oficial da casa real encarregado de conservar no reino as boas raças de cavalos e de tratar das coudelarias': «Francisco da Silveira **coudel-mor** trazia hũas luas cheas e vazias e dezia:» [VFDJ 6000]; «Do **Coudel-moor** Francisco / da Silveira em que pede / que lhe respondam a esta cantiga» [GR3 290]; «E porque a este tempo o principe entrava em quinze annos e a ynfanta *nam* era casada, desejando el-rey acabar o dito casamento, mandou sobre ysso a Castella por embayxadores Fernão da Silveira ****condel-mor** e regedor da Casa da Sopricaçam, o doutor Joam Teixeyra chançarel-mor destes reynos» [VFDJ 4809]; «e ordenou logo de mandar sua embayxada honrrada, e por embaixadores Fernam da Silveira ****condel-moor** e o doutor Joam

d'Elvas» [VFDJ 2305]; «e el-rey lhe conheceo de sua rezam e o escusou e mandou servir de meirinho-mor a Francisco da Silveira que ora he ****côdel-mor**» [VFDJ 2209]

crerigo d'ava[n]geo *nm. npn* (*clérigo* < lat. tard. CLĒRICUS < gr. KLĒRIKÓS)^G + (*de*) + (*evangelho* < lat. ecles. EVANGĒLIUM < gr. EUAGGĒLION 'boa notícia')^H 'diácono': «En casa do ric' estava | un **crerigo d'ava[n]geo** / que ao capelan disse: | «Vedes de que me reço: / se aquesta vella morre, | segund' eu entend' e creo, / será vos de Jesu-Cristo | a sa alma demandada» → **ordinado d'auangelo**

crerigo de missa *nm. npn* → **clerigo(s) de missa**

Cristãos novos *nm. pl. na* (*cristão* < lat. CHRISTIĀNUS, do hier. CHRISTUS)^G + (*novo* < lat. NŌVUS, -A)^G 'denominação dada a judeus convertidos recentemente ao cristianismo, ou a seus descendentes': «Conselho dos **Cristãos novos** / cortesãos» [GR3 385]; «Dos **Cristãos novos**» [GR3 390]

cuita d'amor *nf. npn* → **coita d'amor**

cura d'almas ~ **cura das almas** *nm. npn* (< lat. CURA ANIMARUM)^S 'ofício de cura de almas, isto é, de conselheiro espiritual': «Outrossy pode despessar cõ aquel *que* ha XIII anos por *que* possa auer jgreia *que* aia **cura d'almas**» [PP VIII.1644]; «E sse lhy seu prelado nõ quisesse ffazer merçee poys *que* á ordẽ sagrada ben lhy poderia dar algũõ benefiçio en *que* viuesse nõ ssendo daquelles *que* ouuessem **cura d'almas** e esto he por *que* se nõ ouue<sse> de meter con m̃gua a ffazer cousas desguysadas» [PP IX.680]; «E ainda elle pode despenssar cõ clerigos de qual ordẽ *quer que* aiã *per que* possam auer muytos beneficios *pero* seiã daquelles *que* am **cura das almas**» [PP VIII.189]; «E desi presentálos ante o bispo *que* os ordine [...] se nõ forẽ *per* mandado de seus bispos n[ẽ] podẽ dar ainda outrossy **cura das almas** <a> nõ hũũ clerigo sem seu mandado delles, fora ende se algũas das jgreias ouuessem vsado por custume de longo tempo» [PP IX.116]; «A IIª rrazõ he por *que* [vigairo] *que* poẽ en algũa eygreia deue seer por senpre e auer **cura das almas** saluo ende se ffosse algũa *cousa* por *que* o deuesse perder» [PP XX.298]; «E bẽ assi como hũa *degnidade* nõ deue *seer* dada a muytas pessõas mays a hũa tan solamẽte, outrossy a eygreia parrochial a hũũ a deuẽ a dar cõ a **cura das almas** ca nõ a muytos» [PP XIX.59]

dentes d'alho *nm. pl. npn* (*dente* < lat. DENS, -ENTIS)^G + (*de*) + (*alho* < lat. AL(L)IUM, de ALUM)^G 'cada um dos gomos em que se divide o bulbo ou cabeça de alho': «Por vos nam ver em trabalho / co eles nem alvorço, / levarês dous **dentes d'alho** / num chocalho, / por reliquias oo pesçoço» [GR3 217.18]

dereito cyvel *nm. na* (*direito* < lat. vulg. DĒRĒCTUS (lat. clás. DĪRĒCTUS), p.p. de DĪRĪGĒRE, de RĒGĒRE 'dirigir, conduzir, guiar')^G + (*civil* < lat. CĪVĪLE)^G 'conjunto de normas que regulam

os direitos e as obrigações privados relativos às pessoas, a seus bens e às relações entre eles’: «e conhecemos Sexto Pompeo em geometria, muytos em logica, e algũus em **dereito cyvel**; e todas estas artes perteezem ao trabalho dalcançar conhecymento da verdade» [LC 247.2]

despenseiro-moor *nm. na* (*despenseiro*, de *despensa* < lat. tard. DĪSPENSA, substantiv. do f. do p.p. do verbo DĪSPĒNDĒRE ‘empregar, gastar, dispender’ + *-eiro*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘funcionário da casa real que tem a seu cargo a despensa e o serviço de mesa’: «e des i mandar deante, pera correger todallas cousas que compriam pera o corpo hir honrradamente, Gomez Perez seu **despenseiro-moor**, ao quall o corpo avia de seer entregue» [CDP II.15]

dia de natal *nm. npn* (*dia* < lat. vulg. *DIA < lat. clás. DIES)^G + (*de*) + (*natal* < lat. NĀTĀLIS, -E)^G ‘25 de dezembro, dia do nascimento de Jesus’: «E ela o rogo deles | oyu e sa oraçon; / e estes que se querian | mal, *perdõaron-ss*’ enton, / e a gente que y era | loaron de coraçõn / a Virgen de que Deus quisio | naçer **dia de Natal**» [CSM 248.39]; «Pero en **dia de natal** bê pode hũũ clerigo cantar tres mjssas» [PP VII.228]; «E como *quer que* os nõ possam apremar *que* offerrescã, cada hũũ *cristão* de ssa voontade o deuẽ ffazer ao meos en tres pascoas, en **dia de natal** e en pascoa mayor e en dia de pintecoste» [PP XXII.137]

dia de Pentecoste ~ dia de pintecoste *nm. npn* (*dia* < lat. vulg. *DIA < lat. clás. DIES)^G + (*de*) + (*pentecoste* < lat. PENTĒCOSTĒ, -ĒS < gr. PENTĒCOSTĒ, -ĒS) ‘festa católica, celebrada cinqüenta dias depois da Páscoa, em comemoração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos’: «Esto foi un **dia de Pentecoste**, / que a ssa eigreja vëeron toste / d’omes e mollerres come grand’ oste, / por oyr a missa que ss’y dizia / Mui cantada come en atal festa, / e durou atëna mui gran sesta» [CSM 211.15]; «E como *quer que* os nõ possam apremar *que* offerrescã, cada hũũ *cristão* de ssa voontade o deuẽ ffazer ao meos en tres pascoas, en dia de natal e en pascoa mayor e en **dia de pintecoste**» [PP XXII.138]

dia de rramos *nm. npn* (*dia* < lat. vulg. *DIA < lat. clás. DIES)^G + (*de*) + (*ramos* < lat. RĀMUS, -Ī)^G ‘dia que marca a abertura da Semana Santa, assim chamado pela procissão com ramos de oliveira ou outras árvores, em comemoração da entrada triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém, dias antes de sofrer a Paixão, Morte e Ressurreição’: «Onde *por* esta rrazõ déuesse *confessar* segundo auemos dito. Ou se nõ, trêz uezes eno ano polas tres pascoas, ou ao meos hũa uez se mays nõ poder ante de pascoa mayor de **dia de rramos** ata domjgo da rressurreyçõ» [PP VI.881]

dobras cruzadas *nf. pl. na* (*dobra*, de or. obscura)^G + (*cruzada*, de *cruz* < lat. CRUX, CRŪCIS + *-ada*)^H ‘moeda de ouro do reino de Castela também chamada *dobra de D. Branca* ou

Sevilhana, corrente em Portugal nos sécs. XIV e XV’: «Acrecentou nas conthias aos fidalgos e vassallos, como dissemos: ca o vassallo nom avia ante de sua contia mais de seteenta e cinco livras, e el-rrei dom Pedro lhe pôs cento, que eram quinze **dobras cruzadas**, dobras mouriscas» [CDP XI.22]; «Este rrei dom Pedro nom mudou moeda por cobiiça de temporall gaanho, mas lavrou-sse em seu tempo mui nobre moeda d’ouro e prata sem outra mestura, *scilicet*, dobras de boom ouro fino, de tamanho peso como as **dobras cruzadas** que faziam em Sevilha, que chamavam de dona Branca» [CDP XI.36]; «E em-nas armando chegarom seis galees de genoeses que estonce aviam guerra com os catellaães: e prougue muito a el-rrei com ellas, e tomou-as a soldo, dando por mes a cada hũa mill **dobras cruzadas**» [CDP XXII.26]

dobra(s) mourisca(s) *nf. na* (*dobra*, de or. obscura)^G + (*mourisca*, de *mouro* < lat. MAURUS + *-isca*)^G ‘dobra dos almôades, que em Portugal tiveram largo curso, primeiro sob a designação de *morabitanos maiores*, depois de *quadratus in auro* e finalmente de *dobras mouriscas*, consoante o numerário com que entravam em concorrência’: «No tempo deste rrei, valia o marco da prata de ligua dez e nove livras, e a **dobra mourisca** tres livras e XV soldos» [CDP XI.30]; «Acrecentou nas conthias aos fidalgos e vassallos, como dissemos: ca o vassallo nom avia ante de sua contia mais de seteenta e cinco livras, e el-rrei dom Pedro lhe pôs cento, que eram quinze dobras cruzadas, **dobras mouriscas**» [CDP XI.22]

egreja cathedrall *nf. na* → **jgreia(s) cathedral(draes)**

ejgreia parrochial *nf. na* → **jgreia(s) parrochial(aes)**

escriuã publico ~ **escriuam publico** ~ **escriuam pubrico** ~ **scriuã(es) publico(s)** ~ **escriuaes publicos** ~ **escrivaos publicos** ~ **scriuaans publicos** ~ **scriuaes publicos** *nm. na* (*escrivão* < bx.-lat. SCRĪBA, -ĀNIS < lat. clás. SCRĪBA, -AE)^G + (*público* < lat. PŪBLĪCUS, -A, -UM)^G ‘funcionário público que escreve documentos legais junto a diversas autoridades ou tribunais’: «E se o **escriuã publico** algũa cousa destas fezer, aya a pea *que* mãda a ley» [FR IV.604]; «Se **escriuam publico** *que* é dado por fazer cartas assy como mãda a ley fezer carta falsa en preyto de . C . *marauidis* a iuso, *perça* a mao e o offizio» [FR IV.574]; «E deue *seer feyto per carta* de mão d’**escriuam pubrico** ou do *senhor que* lha dá» [PP XVII.77]; «Depoys que o **scriuã publico** fezer a nota da carta, faça a carta a departe e nõna lexe de *fazer, pero* que a *outra parte* o deffenda» [FR I.525]; «Os **escriuaes publicos** e taballioes ponhã enas cartas que fezerẽ o ano e o mes e o dia en *que* as fezerẽ e seu synal *proprio*» [FR II.575]; «stabellecemos que enas cidades <e> enas uillas todas seyan postos **escriuaos publicos** *que* chamen taballioes iurados» [FR I.478]; «Os **scriuaans publicos** tenhã as notas *primeyras* de totalhas cartas que fezerẽ» [FR I.491]; «Totalhas cartas que

forẽ feytas de *conprar* e d[a]r *herdades* ou doutros *preytos* quaes quer pellos **scriuões publicos** que forẽ postos assy como mãda a ley» [FR II.566]; «E sse aquecer que alguu dos escriuaes enfermar ou *per outra razão* nõ poder fazer carta que lly mandẽ, vaa entõ <a> alguu dos outros **scriuaes publicos** que a faça» [FR I.537]

escriuam publico *nm. na* → **escriuã publico**

escrivam da camara ~ **scripuam da camara** *nm. npn* (*escrivão* < bx.-lat. SCRĪBA, -ĀNIS < lat. clás. SCRĪBA, -AE)^G + (*da*) + (*câmara* < lat. vulg. CAMARA (lat. clás. CAMĒRA) < gr. *kamára* ‘abóbada’, ‘quarto, compartimento’)^G ‘indivíduo que tinha por função escrever diante do rei’: «E Fernam de Pina **escrivam da camara** era diante sobre ho dito trato pera de lá o avisar do que nisso se passasse» [VFDJ 4667]; «Ao tempo da morte do duque de Viseu a senhora infanta Dona Breatiz sua mãy estava em Palmella, a quem el-rey polo doutor Nuno Gonçalvez do Desembargo pessoa de muitas letras e autoridade e per Gil Fernandez seu **escrivam da camara** pessoas de que confiava lhe mandou logo noteficar a morte do filho e mostrar as causas e culpas do caso pera ver as rezões que tivera de o matar» [VFDJ 2739]; «e eu Fernamd’ Aluerez de Toledo, secretarjo del Rrey e da Rrainha nossos senhores e do seu conselho e seu **scripuam da camara** e notairo publico ã sua corte e em todos seus regnos e senhorjos» [TT 7v.4]

escrivam da fazenda *nm. npn* (*escrivão* < bx.-lat. SCRĪBA, -ĀNIS < lat. clás. SCRĪBA, -AE)^G + (*da*) + (*fazenda* < lat. *FACĒNDA, por FACIĒNDA, de FACĒRE ‘fazer, executar’)^G ‘funcionário público encarregado do registro de fatos concernentes às finanças’: «e el-rey o chamou hũa noyte soo perante Anrique de Figueiredo seu tio que era **escrivam da Fazenda** e homem que el-rey muyto estimava» [VFDJ 8532]; «E o primeiro homem que pera yr lá se ofereceo, foy Fernam Lourenço seu **escrivam da Fazenda**, que despois foy feytor das Casas da India e da Mina» [VFDJ 958]; «O qual filho buscando o dito cofre, chegou por acerto a elle Lopo de Figueiredo **escrivam da Fazenda** do duque, homem de muita confiança» [VFDJ 1108]; «e com elle Anrique de Figueyredo **escrivam da Fazenda** muyto grande oficial e homem de muyto bom saber» [VFDJ 4992]

escrivam da puridade ~ **escrivam da poridade** ~ **scrivam da puridade** *nm. npn* (*escrivão* < bx.-lat. SCRĪBA, -ĀNIS < lat. clás. SCRĪBA, -AE)^G + (*da*) + (*puridade* < lat. PŪRĪTAS, -ĀTIS)^G ‘secretário particular do rei, responsável pela guarda do selo da puridade’: «e logo tostemente veherom a el-rrei e nom ousarom d’entrar na camara por a defesa que el-rrei tiinha posta, se nom fora Gonçallo Vaasquez de Gooes seu **escrivam da puridade**, que disse que queria entrar por lhe mostrar cartas que sobreveherom del-rrei de Castella a gram pressa» [CDP VII.51]; «E eu Foão **escrivam da poridade** que esta menajem por mandado

do dito *senhor* fez escrever, e estive ao tomar della e tambem assiney» [VFDJ 1087]; «Aos tantos dias de tal mes e tal anno na cidade ou villa tal, nas casas taes onde el-rey nosso *senhor* poussa, Foam lhe fez preito e menajem pollo castello e fortalleza tal na forma que se segue (as quaes palavras ha-de leer alto o **escrivam da poridade** ou ho secretario)» [VFDJ 1057]; «E assi foram Fernão da Silveira **escrivam da poridade** d’el-rey e filho do baram d’Alvito e Dom Goterre Coutinho filho do marichal a quem el-rey tinha dado, avia bem pouco a comenda de Cezimbra» [VFDJ 2485]; «Na hordenança de todollos desembargos tiinha el-rrei esta maneira: quantas pitições lhe a elle davom, hiam a mão de Gonçallo Vaasquez de Gooes seu **scrivam da puridade**, e elle as dava a hũu **escrivam** quall lhe prazia» [CDP IV.10]

Espirito Santo *nm. na* → **Espirito Santo**

Espirito Santo ~ **Esperito Santo** ~ **espirito sancto** ~ **espiritu sancto** ~ **Espiritu Santo** ~ **espirytu sancto** ~ **Esprito Santo** ~ **Spirito Santo** ~ **spirito sancto** ~ **Spiritu Sancto** ~ **Spiritu Santo** ~ **Spiritu São** ~ **spiritu ssancto** ~ **sprito sancto** ~ **Sprito Santo** ~ **Santo Esprito** ~ **Santi Spirito** ~ **Santo Spiritu** ~ **Sant’ Espirito** ~ **Sant’ Esperit’** *nm. na ~ an* (*Espírito* < lat. SPĪRĪTUS, -US)^G + (*Santo* < lat. SANCTUS, -A, -UM)^G ‘na doutrina cristã, a terceira pessoa da Santíssima Trindade’: «Ca, segund’ lles deu escrito | Mafomat no Alcoran, / ben creen mouros sen falla, | e desto dulta non an, / que do **Esperito Santo** | s’ enprennou sen null’ afan / prender nen dan’ a sa carne, | e assi foi conceber / Virgen» [CSM 329.22]; «Mas aquesta Virgen amou Deus atanto / que a enprennou do **Espirito Santo**, / sen prender end’ ela dano nen espanto; / e ben semella de Deus tal drudaria» [CSM 413.21]; «E com femença creem que he ardor spiritual e fogo da caridade, geerado per o **espirito sancto** no coração seu pera ajuntar ambos os spiritus em hũu com legalho de caridade» [LC 193.1]; «Pois que concordança tem o **espiritu sancto** com os tocamentos çujos e beyjos luxuriosos, ou que honrra recebe em elles deos?» [LC 195.14]; «E assi como el entrou ena agua e disse a Sanhoãne *que* o bautizasse, assi sse abrirõ logo os çeos e deçeu o **Espiritu Santo** en fegura de poonba sobr’*el* que lhy disse: este he meu Filho muyto amado *con que* ey grã prazer» [PP III.243]; «Mas a final impenitencia, assy como he hũa specia de pecado em o **espirytu sancto**, segundo que se aquy toma, assy he dicto proposito de nom fazer penitencia» [LC 275.12]; «E bautiza-los-as assi no nome do Padre e do Filho e do **Esprito Santo**» [LJA 541.20]; «É pecar no **Spirito Santo**, / é presunção mui sobeja, / por alto saber que seja, / de o soo cuidar m’espanto» [GR3 172.21]; «Ainda que (de) todo pecado seja contra deos geralmente, que he trino e hũu apropriadamente, empero se diz pecado algũu seer em o padre, outro em o filho, [e] em o **spirito sancto**» [LC 273.11];

«Todo *crischao* crea firmemente que huu soo é uerdadeyro Deus, Padre e Fillo e **Spiritu Sancto**» [FR I.44]; «E Eliseu soubeo pelo **Spiritu Santo** o que fezera Ziezi» [PP XX.102]; «Acabada a bêêção segũdo dito auemos deue o bispo a tornar ao altar e dizer que a paz de Deus seia *con* elles que sse aly ajũtarõ e os clerigos am de rresponder «e *con spiritu tuo*» que sse entẽde pola uõõtade *con que* o diz pela uertude do **Spiritu Sãto**» [PP III.655]; «Certo he que outra cousa nom devem fazer nem dizer se nom aquella que do **spiritu ssancto** procede, pois sem duvyda verdade he que do spiritu sancto nom procede cousa senom proveitosa, honesta, e nom danosa» [LC 195.11]; «Capitolo VIII – Como vio o Padre o o Filho e o **Sprito Sancto** em ãa semelhança» [LJA 451.1]; «E no **Sprito Santo**, por quem sam apartados do mao sprito e compridos de gloria, por alumiamto do verdadeiro alumizador e confortador dos pecadores» [LJA 427.9]; «E o anjo lhe disse: “Maria, o **Santo Esprito** decerá em ti e a vertude do alto Senhor te assombrará”» [LJA 555.18]; «Ca pero é mais que santa, | sempre lle creç’ a vertude / quando oe quen ll’ ementa | do angeo a saude; / e de que quer que lle roguen | enton con seu* ben recude, / porque do **Santi Spirito** | log’ outra vez s’ escaenta» [CSM 349.8]; «*que* seia de grã piedade ã este sacramẽto *que* he feyto *pera* renacer os seus nouos poboos *que* lhy dá a fonte do bautismo e *que* enuije sobr’ elhes o seu **Santo Spiritu**» [PP III.586]; «E nos roguemos a que gran prazer / viu de seu Fillo quando a põer / foi enos çeos a par de ssi, que aver / nos faça del o **Sant’ Espirito**, pois dela naçeu» [CSM 427.66]; «Na que Deus seu **Sant’ Esperit’** enviou, / e que forma d’ome en ela fillou, / non é maravilla se del gaannou / vertude per que podess’ esto comprir» [CSM 21.5]

Espiritu Santo *nm. na* → **Espirito Santo**

espirytu sancto *nm. na* → **Espirito Santo**

Sprito Santo *nm. na* → **Espirito Santo**

estrella da norte *nf. npn* (*estrella* < lat. STĒLLA, -AE)^G + (*da*) + (*norte* < fr. NORD, de or. germ.)^G ‘a constelação da Ursa Menor’: «Decimo, a maneira de conhecer a **estrella da norte**, e per ella(s) suas guardas aa mea noite e menhãã, segundo per mim gram tempo ha foy devysado e posto em scripto pera se de coor poder saber, como de feito em estes reinos o ssabem tantos» [LC 342.7]

Estrema Hunçom *nf. an* (< lat. EXTREMA UNCIO)^S ‘um dos sete sacramentos da Igreja Católica, administrado a enfermos com perigo de morte’: «Segunda, he dos sacramentos, * que som sete, scilicet Bautismo, Crisma, Confissom, Sacramento da myssa, Ordem do casamento, **Estrema Hunçom**» [LC 142.9]

estribeiro-mor ~ estribeiro-moor ~ estribeyro-moor *nm. na* (*estribo* < lat. med. STREPUM, -I + *-eiro*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘pessoa que tem a seu cargo a conservação e inspeção dos coches, cavaliças e cavalos da casa real, e que nos cortejos solenes acompanha a cavalo à direita do coche’: «A qual fortaleza eu per seu mandado debuxey e com elle ordeney aa sua vontade; e ele tinha ja dada a capitania della a Alvaro da Cunha seu **estribeiro-mor** e pessoa de *que* muito confiava; e porque el-rey logo faleceo *nam* ouve tempo pera se fazer» [VFDJ 8231]; «Alvaro da Cunha **estribeiro-moor** trazia hũa arpa sem cordas e dizia:» [VFDJ 5903]; «De Pedr’Homem, **estribeiro-moor** d’el-rei» [GR3 157]; «O principe vendo que el-rey o viera ver aa porta e depois lhe falou aa janella, per cima de lhe mandar dizer e dizer *que* estava cansado, pareceo-lhe bem yr com elle e vestio-se depressa e mandou por hũa mula, e vindo jaa vestido a mula *nam* era vinda; achou hi *hum* seu ginete muito feroso foveyro em *que* entam cavalgara o seu **estribeyro-moor**; e por alcançar el-rey cavalgou nelle e foy depressa com poucos *que* com elle eram» [VFDJ 6235]

estribeyro-moor *nm. na* → **estribeiro-mor**

eygreia(s) cathedral(draes) *nf. na* → **jgreia(s) cathedral(draes)**

eygreia(s) parrochial(aes) *nf. na* → **jgreia(s) parrochial(aes)**

eygreias parrochias *nf. nn* → **jgreia(s) parrochia(s)**

[**extrema-unção**] *nm. an* → **Estrema Hunçom**

falcacrúa *nf. na* (*falca* < ár. KHALKA ‘anel’)^N + (*crua* < lat. CRŪDA)^G ‘espécie de grilhão com o qual se capturavam os prisioneiros’: «E ali me lançaron a min a **falcacrúa**; / a[i], maos escudeiros trage o Churruchão [e assua]; / el á taes sergentes, ca non gente befua!» [CEMD 71.10]

falso testemunho ~ falsso testemunho ~ falsso testemunho ~ falsso testemunho *nm. an* (*falso* < lat. FALSUS)^G + (*testemunho* < lat. TĒSTĪMŌNĪUM)^G ‘testemunho que, dado em júzo, afirma conscientemente fatos inverídicos, havendo a intenção de alterar a verdade’: «E sse guardem quanto poderẽ de ffazer pecado mortal e de **falso testemunho** e de perjuro e d’adulterio e de todolos outros que seiã de *qual quer* maneyra» [PP XXV.211]; «Oytavo, nom diras contra teu prouxyimo **falsso testemunho**, per o qual se defende todas mentiras, specialmente as que a vos ou a outrem podem empeeecer em pessoa, fama, bẽes ou quebramento de boo prazer ou voontade» [LC 170.19]; «ou o *que* gããhã os julgadores dando maos ju<i>zos ou os uogados ou os pessoeyros tortiçeyramẽte rrazoando a ssabendas ou a testemunha a sso mandado **falsso testemunho**» [PP XXIII.320]; «Mais sse lha nom disesse, á lhy de fazer pregũta daquelles pecados *que* ssom mays usados assy

como d'omizio ou de soberuas ou d'auariça ou d'adulterio ou de fornizio ou de forto ou de **falso testemũho** ou dos outros erros en *que os homens caẽ*» [PP VI.472]; «E os meyaos pecados dizẽ *que* ssom estes: adulterio, fornizio, **falso testemũho**, rroubar, furtar, soberua, auaricia, *que* sse entẽde por scasse[z]a, sanha de longo tẽpo, sacrilegio, periuro, beuediçe de cada dia, engano en dito e en feyto, de *que* uem mal a outro» [PP VIII.825]

falso testemunho *nm. an* → **falso testemũho**

farõha de trigo *nf. npn* (*farinha* < lat. FARĪNA)^G + (*de*) + (*trigo* < lat. TRĪTĪCUM)^G ‘pó obtido pela moagem do trigo’: «E este pam a *que* chamã hostia á de sseer feyta de **farõha de trigo** amassada tan solamẽte cõ agua ssem formẽto e sã miscramẽto nã hũũ» [PP VII.292]

feegres *nm.* → **freegues(es)**

ffreeges(es) *nm.* → **freegues(es)**

ffreegues(es) *nm.* → **freegues(es)**

fidalg’ escudeyro *nm. na* (*fidalgo* < *filho* + *de* + *algo*)^G + (*escudeiro*, de or. controversa)^H ‘nobre que possuía o título de fidalgo escudeiro, grau nobiliárquico ordenado entre o grau de moço fidalgo e fidalgo cavaleiro’: «Este de que vos eu falo | era **fidalg’ escudeyro**, / e foi en hũa fazenda | bõo, ardid’ e ligeyro; / mas foi per un baesteiro / mui mal chagad’ aquel dia» [CSM 408.15]

[**fidalga**] *nm.* → **filha(s) d’ algo**

fidalgo(s) ~ fidallgo(s) ~ fidalguo *nm.* (< de *filho* + *de* + *algo*)^G ‘indivíduo que possui título de nobreza, herdado de seus antepassados ou concedido pelo rei’: «E se doutra guisa o fezer, se for **fidalgo** ou d’ordĩ ou clerigo, poys que for sabudo, *perça* a meyadade de quanto ouuer e el rey faça ende como quiser e el seya deytado do reyno, e se non for **fidalgo** ou *qual* dissemos, el rey faça doutro omẽ e de quanto ouuer como lhy prouuer» [FR I.159,162]; «Havemos dele gram doo, / **fidalgo** velho e honrado, / em triste dia minguido / naceo ele em Figueiroo» [GR3 333.14]; «Este ten o Paraís[o] en mão, / que sempr’ amou, con sen cristão, paz, / nen nunc’ amou molher nen seu solaz, / nen desamou **fidalgo** nen vilão» [CEMD 365.11]; «E indo seu caminho lhe veo hum **fidalgo** com recado d’el-rey alegrando-se muito *com* sua yda, e com hum mandado geral que aos christãos em seu reino se desse tudo de graça so pena de morte e assi se cumprio inteiramente» [VFDJ 7376]; «Feito aquelle trauto desta maneira, forom em Purtugall presos os **fidalgos** que dissemos» [CDP XXXI.4]; «Foy logo o corpo do principe depois das exequias feitas concertado e metido em huum ataude e pollo marques de Villa Real e outros senhores e honrrados **fidalgos** levado con muyta dor e tristeza ao Moesteiro da Batalha» [VFDJ 6434]; «Mandou el-rrei matar Garcia Lasso da Veiga, hũu gram **fidallgo** de Castella e muito aparentado de

genrros e parentes e amigos, por sospeita que d'el ouve» [CDP XVI.36]; «Este rrei acrecentou muito nas contias dos **fidallgos** depois da morte d'el-rrei seu padre» [CDP I.24]; «E mandou logo a grande pressa con grandes provisões e poderes a Setuvell e ao reyno do Algarve Vasco da Gama **fidalguo** de sua casa» [VFDJ 6870] → **filho(s) dalgo**

fidalguo nm. → **fidalgo(s), filho(s) dalgo**

fidallgo(s) nm. → **fidalgo(s), filho(s) dalgo**

figos çofeiros nm. pl. na (*figo* < lat. FĪCUS)^H + (*sofeno, sofenho*, de etim. obscura)^H ‘variedade de figo do Algarve’: «Diz el en est’: – E meus narizes color de **figos çofeiros?** / Vós avedes os alhos verdes, e matar-m’-iades con eles!» [CEMD 199.5]

figos pasados nm. pl. na (*figo* < lat. FĪCUS)^H + (*passado*, p.p. de *passar* < lat. vulg. *PASSĀRE, de PĀSSUS)^H ‘figo seco; passa de figo; figo passo’: «de | ranlhes aly de comer pam e pescado cozido . confej | *tos* fartees mel e **figos pasados** . ñ quiseram comer | daquilo casy nada e algũña coussa se aprouauam . | lamçauãna logo fora» [CC 3r.16]

filha(s) d’ algo nf. npn (*filha* < lat. FĪLIA)^G + (*de*) + (*algo* < lat. ALĪQUOD)^G ‘fidalga’, ‘filha de gente nobre’, ‘mulher de fidalgo’: «ca, pera vós, pois que vos dan / gran preço d’ome de bon sen, / é ela, u á todo ben, / **filha d’ algo**, e ben de pran» [CEMD 120.24]; «Este rrei foi muito arredado das manhas e condições que aos bõos rreis compre d’aver: ca el dizem que foi mui luxurioso, de guisa que quaaesquer molheres que lhe bem pareciam, posto que **filhas d’algo** e molheres de cavaleiros fossem, e isso meesmo donas d’ordem ou d’outro estado, que nom guardava mais hũuas que outras» [CDP XVI.15]

filho(s) dalgo ~ filhos d’algo nm. npn (*filho* < lat. FĪLIUS)^G + (*de*) + (*algo* < lat. ALĪQUOD)^G ‘indivíduo que possui título de nobreza, herdado de seus antepassados ou concedido pelo rei’: «Perçebudo deue sseer o julgador *que* ouuer poer pena <a> algũũ *per* rrazã de sacrilegio *que* ouuesse ffeyto. Ca deue meter mētes *que* homẽ é o *que* faz, se é **filho dalgo** ou ñ» [PP XXI.262]; «E foy homẽ muy esforçado e muy amado dos **filhos d’algo** e fez muytas batalhas com os mouros e muytos outros bõos feitos que fez per todo o reyno» [CGE3 265.4]; «Senhor, dademe prazo de trinta dias a que me saya da terra, assy como he dereito dos **filhos d’algo**» [CGE3 419.15]; «Pero pode outorgar o papa *que* hũũ clerigo aia duas dignidades ou duas eygreias mayormēte aos **filhos dalgo** ou a leterados ca estes deue a auer melhoria ã benefiços sobrelos outros e ñ no podẽ ffazer (a) outro prelado» [PP XIX.101]; «Ca o *que* quiser dar esmolla ante a deue a dar aos pobre uergonhosos *que* som **filhos dalgo** [e a] outros homẽs bõos que ouuerõ rrazõ e caerõ depoyes en pobreza ñ por maldade que ouuessem feyta mays *por* ssa desauẽtura, *que* aos outros pobres *que* ñ fossem de tães logares come elles» [PP XXVI.206] → **fidalgo**

físico-mor *nm. na* (*físico* < lat. PHYSICUS < gr. PHYSIKÓS)^C + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘médico principal do rei’: «E os *que* com el-rey sempre estavam e o curavam e *faziam todo serviço eram somente, o prior do Crato e Ayres da Silva, o doutor mestre Rodrigo **físico-mor**, e o doutor de Lucena físico da ynfanta, e mestre Josepe, e Afonso Fernandez Montarroyo tesoureyro da casa e Antão de Figueiredo moço da guarda-roupa, e eu Garcia de Resende» [VFDJ 9135]

fogo de San Marçal *nm. npn* (*fogo* < lat. FŌCUS, -I)^H + (*de*) + (*San Marçal*, do antr. Santo Marçal) ‘enfermidade epidêmica bastante comum durante a Idade Média, caracterizada pela ocorrência de gangrena precedida de sensação de ardência abrasadora, que consistia em uma espécie de ergotismo, causado pela ingestão de centeio contaminado por um tipo de fungo, ou em uma espécie de erisipela maligna’, ‘também conhecido como fogo montês, fogo sagrado e fogo de Santo Antônio’: «[C]omo Santa Maria deceu do ceo en hũa egreja ante todos / e guareceu quantos enfermos y jazian que ardian / do **fogo de San Marçal**» [CSM 91.3]; «[C]omo Santa Maria guareceu a moller do **fogo de San Marçal** / que ll’ avia comesto todo o rostro» [CSM 81.3]; «[E]sta é como Santa Maria guareceu na sa eigreja en Paris un ome que se tallara a perna por gran door que avia do **fogo / de San Marçal**, e outros muitos que eran con ele» [CSM 134.2]; «E deu-lles log’ hũa candeia tal / con que ssãassen as gentes do mal / a que chaman **fogo de San Marçal**, / e sãan quantos aló queren yr» [CSM 259.33] → **fogo montes**

fogo montes *nm. na* (*fogo* < lat. FŌCUS, -I)^H + (*montês*, de *monte* < lat. MONS, MŌNTIS + -ês)^H ‘o mesmo que *fogo de San Marçal*’: «hũa moller que lle fez / rogo e demanda / [a]tal, / per que lle non ficou sinal / *Daquele fogo montes* / de que layda era» [CSM 81.26] → **fogo de San Marçal**

foucelegon *nm. nn* (*fouce* < lat. FALX, FALCIS, pelo vulg., com permuta da semivogal, donde *fouce* e *foice*)^H + (*legon* < cast. ou gal. LEGÓN < lat. LIGONE- ‘enxadão’)^N ‘trata-se, possivelmente, do grilo ceboleiro, inseto destruidor de plantações’: «Come verde **foucelegon**, / cuidas tu i a guarecer / por nojos; mais non é sazón / de ch’ os querer omen sofrer: / ca irás un dia cantar, / u che faran todo quebrar / na cabeça o citolon» [CEMD 295.8]

frade(s) mēor(es) ~ frades meores *nm. pl. na* (< lat. FRATRES MINORES)^S ‘religiosos pertencentes à ordem franciscana, fundada em 1210 por São Francisco de Assis’: «[C]omo Santa Maria guardou un **frade mēor** dos diaboos na ora que quis morrer, e torcia-sse todo con medo deles» [CSM 123.1]; «Ben com’ en Bitoria guariu hũa vez / a un **frade mēor**, que de menyēz / entrara na orden e y mui bon prez / vivendo gãara» [CSM 123.11]; «Mas

un **frade mēor** os fez vñir / e fez-lles sermon, en que departir / foi como Deus quis por nos remiir / nacer, como dit' avia, / Da Santa Virgen» [CSM 143.19]; «E quand' est' ome viron, se leixaron / correr log' a el; e poi-lo fillaron / fora do camy', o escabeçaron / por mandado daquel mao roubador. / Dali fogiron poi-lo feit' ouveron./ E a quarto dia per y vëeron / dous **frades mēores**, e voces deron / o corp' e a testa, ond' eles pavor / Ouveron» [CSM 96.33]; «E no Pumar das Virtudes que fez meestre Andre de Paz, menystro dos **frades meores** em Cezillia» [LC 208.2]

freegues(es) ~ fregueses ~ freegeses ~ ffreeges(es) ~ freegesses ~ ffreegues(es) ~ feegres
nm. (< lat. vulg. hisp. FILIU ECCLESIAE 'filho da igreja', provavelmente)^H 'pessoa que frequenta ou pertence a determinada paróquia, freguesia', 'paroquiano': «Soterrar deuẽ cada hũũ eno cimiterio daquela eygreia onde era **freegues** e hu [ou]uia as oras quãdo era viuo e onde rreçebra os sacramentos» [PP XVI.158]; «E sse peruëtuyra scolhesse sopultura enoutro çimiterio nõno fazendo *por* nẽ hũa destas quatro *cousas* e sse leyxasse deitar ena eygreia onde nõ era **ffreegues**, outro tanto deue a dar a eygreia onde era **ffreeges** quãto leixar aa outra en *que* scolhe sepultura» [PP XVI.174]; «E por *quaes* rrazões os **fregueses** dũha jgreia se podẽ ir *confessar* ao clerigo da outra sã demãdar leçẽça» [PP VI.27]; «Pero <d>este atal nõ deuẽ leixar *sseus ffreegeses* a ouuir as oras del nẽ de rreçeber os sagramẽtos mentre *que* lho seu prelado sofrer *que seruia* aa jgreia» [PP IX.1058]; «E en logar hu nõ ha mays dũa jgreia podem fazer duas entendendo *que* am mester por muyto onrrado o poboo parando os **ffreegueses** en ellas» [PP VIII.400]; «A *primeyra* he quando en algũa jgreia ha grã poboo assi *que* pela meyadade delles am de ffazer outra jgreia de nouo e *partir* os **fregueses** dela en anbas» [PP XIII.155]; «E algũas terras ha en Espanha *que* chamã a estes parrochiaos **freegeses**» [PP VI.696]; «E deuẽ hy estar cõ elles *sseus* archiprestes e *sseus* clerigos onde som **freegesses** e *que* ouuir[õ] sas *confissões*» [PP VI.1162]; «Poren direi com' un clerig' aldeão, / de mui santa vida e mui bon crischão, / ouv' un seu **feegres** sobervio e louçãõ, / que nunca queria fazer seu mandado» [CSM 65.12]

[freguês] *nm.* → **freegues(es)**

freegeses *nm.* → **freegues(es)**

freegesses *nm.* → **freegues(es)**

freegues(es) *nm.* → **freegues(es)**

fudodinculi *nm.* (< lat. FUTUTUS IN CULUM) 'sodomita, pederasta', 'homossexual': «Qual quer *que* [deostar] outro ou lhy disser falso ou *trehedor* ou **fudodinculi** ou cornudo ou

erege, ou a molher de seu marido disser puta, desdigao ante o alcayde e ant'os omees boos ao prazo que lhy poser o alcayde» [FR IV.90]

fura buchos *nm. vn* (*fura*, do verbo *furar* < lat. FORĀRE)^G + (*buchos* ‘estômago dos mamíferos e dos peixes’, de or. controvertida)^G ‘ave oceânica procelariiforme, da família *Procellariidae*, pertencente, possivelmente, à espécie *Puffinus puffinus*, que se alimenta principalmente de peixes e cefalópodes’: «Eaaquarta feira segujmte pola ma | nhãã topamos aves aque chamã **fura buchos** . e | neeste dia aoras de bespera ouuemos vista de tera» [CC 1v.1]

[**fura-buxo**] *nm. vn* → **fura buchos**

grande algo ~ grand' algo *nm. an* (*grande* < lat. GRANDIS, -E)^H + (*algo* < lat. ALĪQUOD)^G ‘fortuna, riqueza’: «E entõ se tornou o conde con os seus do encalço e colheronsse ao câpo, em que acharõ muy **grande algo** em ouro e em prata e em pedras preciosas e ã cavallo e ã armas e ã outras cousas muytas per que Castella ficou muy mais rica que ante era» [CGE3 36.29]; «Mas diss’ o padre: «Non, mais cras / che darei onrradamente | mia filla, e tu seerás / come en logar de fillo; | e se eu morrer erdarás / mui **grand' algo** que eu tenno, | que gaaney sen tricharia» [CSM 125.76]; «E de min vos dig’, assi ben me venha, / se ricome foss’ e **grand' algo** ouvesse / [e parentes chegados non tevesse], / a quen leixar meu aver e mia erdade, / eu casaria, dig’ a Deus verdade, / con aquela que cada mês emprenha» [CEMD 236.8]

guarda-cós *nm. vn* (*guarda*, do verbo *guardar* < lat. med. GUARDĀRE < germ. *WARDON ‘estar em guarda’)^G + (*cós* < prov. CORS < lat. CŌRPUS)^G ‘espécie de casaco que se usa apertado ao corpo’: «E fará el-Rei corte este mês, / e mandaran-vos, infançon, chamar; / e vós querredes a capa levar / e provaran-vos, pero que vos pêis, / da vossa capa e vosso **guarda-cós**, / en cas del-Rei, vos provaremos nós / que an quatr’ anos e passa per três» [CEMD 209.19]

guarda-mor ~ guarda-moor *nm. na* (*guarda* < lat. GUARDA, provavelmente do lat. med. *GUARDA, do germ. WARDA)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘oficial-chefe da guarda pessoal do rei, responsável por sua segurança imediata’: «E a todos seus oficiaes-mores, mordomo-moor, veadores da Fazenda, **guarda-mor**, camareiro-moor, porteiro-moor, veador e mestre-salas, fez muyto grandes merces e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados e outras merces» [VFDJ 5102]; «Dom Rodrigo de Meneses **guarda-moor** do principe trazia hũas limas e dizia:» [VFDJ 5968]

[**guarda-pó**] *nm. vn* → **guarda-poo**

guarda-poo *nm. vn* (*guarda*, do verbo *guardar* < lat. med. GUARDĀRE < germ. *WARDON ‘estar em guarda’)^G + (*pó* < lat. vulg. *PŪLUS, de *PULVUS < lat. clás. PULVIS, -VĒRIS)^G ‘armação, cobertura usada sobre altares, com fins de proteção e/ou ostentação’, ‘baldaquino, sobrecéu’: «E ao domingo seguinte que foram vinte e sete dias do dito mes foram concertados no cruzeyro sete altares todos armados de cortinas e frontaes de brocado rico cada hum com dous castiçaes de prata grandes com suas vellas grossas acesas, e no chão outros castiçaes muito grandes de prata encima d’alcatifas ao / pee de todos os altares cada hum com sua tocha acesa; e no altar-mor hum retabolo e frontal de prata muy ricos com o **guarda-poo** e corrediças de seda» [TCDJ 110]

guarda-porteiro *nm. nn* (*guarda* < provavelmente de *guarda* ‘ato ou efeito de guardar, vigilância’ < lat. med. *GUARDA, do germ. WARDĀ)^G + (*porteiro* < lat. PORTĀRIUS, -ĪI)^G ‘indivíduo que desempenha o ofício de guarda e de porteiro’: «S’a feiçam me nam engana, / sois em cabo gracioso / e agora quam pomposo / andareis com vossa cana, / diante das iguarias, / com guarda, **guarda-porteiro**, / com o rol das moradias / ja agora neste Janeiro» [GR3 275.22]

guarda-roupa *nm. vn* (*guarda*, do verbo *guardar* < lat. med. GUARDĀRE < germ. *WARDON ‘estar em guarda’)^G + (*roupa* < gót. *RAUPA)^G **1.** ‘indivíduo que desempenha o cargo de guarda-roupa’: «Has quaes cartas o conde de Farão a que elle na estruçam mandou que todos obedecessem e *comprissem* seus mandados até tornarem a Portugal, deu a Antam de Faria camareiro e **guarda-roupa** do principe *que* ao tal tempo lá era a visitar el-rey» [VFDJ 630]; **2.** ‘local onde são acondicionadas as roupas’: «E ao outro dia sabado mandou el-rey chamar o duque a Palmella, o qual dizem *que* veyo com muito pejo; e em se cerrando a noyte el-rey o chamou a sua **guarda-roupa**, *que* era nas casas *que* foram de Nuno da Cunha em *que* entam el-rey pousava, onde o duque entrou soo sem algũa pessoa entrar *com* elle» [VFDJ 2578]; «Ũus vejo casas fazer / e falar por antresoilos / que creio que têm mais doilos / do qu’ eu tenho de comer. / Outros **guarda-roupa**, quartos / tambem vejo nomear / que ja deviam d’estar / d’isso fartos» [GR3 51.2]

homē boo *nm. na* → **homem bõ**

homē(s) d’ordē ~ omē d’ordin ~ ome d’ordī ~ omen d’ orden ~ omees d’ordin ~ omees d’ordī *nm. npn* (*homem* < lat. HŌMO, -ĪNIS, a partir do acus. HOMINE(M))^H + (*de*) + (*ordem* < lat. ŌRDO, -ĪNIS)^H ‘religioso’: «Prior[ado] nẽ encomēdas nẽ outras cousas nõ deuẽ dar a nẽ hũ **homē d’ordē** por preço que dé ou prometa a dar» [PP X.586]; «Se algum **omē d’ordin** ou mōge leyxar o auito, el rey o torne aa ordī, *pero* nenguu nõno acuse nen aya mayor logar na ordī e seya dos meores da ordī e faça peedença» [FR IV.466]; «Ovtrosy

nenhuũ **omē d'ordin** nē abade nen nenhuu *de* qual ordī quer que seya nō faça fiadoria nenhũa e se a *fezer non ualha*» [FR III.1307]; «Outrosy clerigo d'ordī sagrado nen munge nen **ome d'ordī** nō possa accusar outrī nē *per sy nē per outrī*» [FR IV.1008]; «e na gent' é tan grande a cobiiça, / que non á i conselho nen mesura; / Ca non leixan spital nen egleja, / romeu, nen dona, nen omen fidalgo, / nen **omen d'orden**, por bõõ que seja» [CEMD 277.10]; «Outrossy deue a *auer en ssa camara cõsigo clerigos honestos ou outros homēs d'ordē* que o *seruã* ou *que sabhã* que vida faz en ssa puridade» [PP VIII.1571]; «E den ende aos **omees d'ordin** de mia casa e aos leigos <a> q(ue) eu nō galardoei seu seruízo assi com' eles uirem por guisado» [TAS2 15.5]; «E den ende ous **omees d'ordin** d(e) mia casa e ous leigos a q(ue) eu n(on) galardo/ei seu s(er)uicio assi com' eles uiren por guisado» [TAS1 15.4]; «E se mōges ou outros **omees d'ordī** isto fezerẽ ayã a pãa de suso dita e as molheres cū quẽ casarẽ ou cū *quẽ iouuere*» [FR IV.450]

homem bõõ ~ homē boo ~ homē(s) bõõ(s) ~ ome boo ~ ome bõõ ~ homens bons ~ homeens bõõs ~ homees boos ~ homēes bõõs ~ homēēs bõõs ~ homēēs boos ~ omees boos ~ omees bõõs nm. na (< lat. BONI HOMINES) 'grupo dos indivíduos mais honrados e respeitados dentro de cada povoado, os quais podiam ser investidos em cargos municipais e integrar conselhos de julgamento; correspondiam, primeiramente, à classe dos herdeiros, estendendo-se depois à classe dos nobres', 'chefes de família mais respeitados de qualquer povoação': «E casou elle despois com hũa filha de dom Gistardo, hũũ **homem bõõ** de Bolim, e de sa molher dona Sevyilha, filha do conde dom Philippe de Frãdes e de Move» [CGE3 256.4]; «E hũũ **homē boo**, que avya nome Gonçallo Diaz, disselhe que, quanto fazer podesse pera partir esta lide, que o fizesse, *assi por aver como por al*» [CGE3 27.5]; «E se pela uẽtura *aquel prelado* do logar sobre dito ffosse tã mao *que* desgastasse ou deitasse a mal as cousas do moesteyro ou sse ouuesse feytos outros erros por *que* deuesse *perder* o moesteyro, des que os visitadores disessem ao *bispo* deueo ende tolher ssem outro juizo e poer en sseu logar algũũ **homē bõõ** *que* alinhe o do moesteyro ata *que* façã outro abade» [PP X.503]; «E quando alguu dos alcaydes leyxar outro en seu logar, que iuyge assy como ya dito é, lexe **ome boo** *per* aquello e que iure que faça *dereyto* a cada huu» [FR I.402]; «E porend' un **ome bõõ** | que en Darouca morava, / de ssa moller, que avia | bõa e que muit' amava, / non podia aver fillos, * | e porende se queixava / muit' end' el» [CSM 43.5]; «E na entrada do templo havia unḡ alpenderes mui ricos e fizeram-nos i, porque vinhão i os senhores e os **homens bons** da cidade ter as demandas e dar os juizos ou tomar seus conselhos» [LJA 543.18]; «Este rey dom Vermudo, sendo muy mal doente da infirmitade que dissemos dos pees, começou mui aguçosamente de fazer muytas esmollas

e obras de piedade, e esto per consselho dos bispos e doutros **homeens bõos** do seu reyno» [CGE3 192.5]; «E se os non quitar ao tercar dia, uendaos cū testimonhas de . III . **homees boos** per mandado do alcaide» [FR III.1361]; «Mandou matar tres **homões bõos** da cidade de Burgos, *scilicet*, Pero Fernandez de Medina e Joham Fernandez escrivam e Affonso Garcia de Camargo» [CDP XVI.38]; «Entõ se partirõ os prellados del rey e dos outros **homões bõos** e foronsse ao conde» [CGE3 100.31]; «E entõ disselhes el rey: - **Homões boos**, bem creo que avedes ouvdydo as condições que som postas antre el rey de França e mñ e em como avyamos de aver batalha em este campo oje ã este dya» [CGE3 283.11]; «Escolhẽ tres **homēs bõos** do cabidoo en *que* acordẽ todos e estes tres deuẽ *pregũtar* a syy meemos ante de guysa *que* os dous *preguntẽ* hũũ en quẽ consente *que* seia bispo ata *que* cada hũũ aia dito sa voontade» [PP VIII.512]; «E *quẽ* disser outros deostos desguisados uenha ante o alcaide e ante **omees boos** e diga ca lhy mentio de tudo *quanto* disse» [FR IV.97]; «Mas el nonos asperava, / ca tragia bon cavalo | que o deles alongava; / e log' a hũa hermidã | foi da Virgen, u entrava, / que é cabo Pena-Cova, | u jazian soterrados / **Omees bõos** do tempo | que sse perdera a terra, / que os mouros gaannaran, | e os mataran na guerra» [CSM 233.20]

[**homem-bom**] *nm. na* → **homem bõo**

homem(ns) d'armas ~ **homões d'armas** ~ **omes d'armas** *nm. npn* (*homem* < lat. HOMO, -ĪNIS, a partir do acus. HOMINE(M))^H + (*de*) + (*arma* < lat. ARMA 'armas', *plurale tantum* neutro)^N 'soldado armado', 'para Bluteau, homem ou soldado a cavalo, armado de ponto em branco, isto é, dos pés até a cabeça': «E veo outro entremes muyto grande em que vinham muitos momos metidos em hũa fortaleza antre hũa rocha e mata de muitas verdes arbores, e dous grandes salvajens aa porta, com os quaes hum **homem d'armas** pelejou e desbaratou» [VFDJ 5734]; «e derredor do gigante muytos **homens d'armas** a pee com alabardas douradas nas mãos que pareciam muyto bem» [VFDJ 5811]; «e com todalas cousas necessarias em muito grande abastança, o mandou com seyscentos **homens d'armas** a fazer a dita fortaleza, os cento delles pedreiros e carpinteiros, e os quinhentos **homens d'armas**» [VFDJ 967]; «E em essa ora forom outros **homões d'armas** aa judaria e prenderom todollos outros mouros; e todallas dobrã e joias que lhe acharom todo levarom a el-rrei» [CDP XXXIII.70]; «Os de Monvedro mingoados de viandas em guisa que ja comiam as bestas e rratos, derom a el-rrei d'Aragom o logar per preitesia: e eram dentro pera o deffender seiscentos **homões d'armas**, afora peões e beesteiros» [CDP XXXV.72]; «“Mao, falsso, mentiral, / Di, e porqué me feziste | con mia ost' aqui vñir, / dizendo que

esta vila | non sse podia bastir / d'omes d'armas, de maneira | que me podesse guarir, / e eu vejo-a bastida | como non vi outra tal?"» [CSM 165.52]

hora de noa ~ hora da noa ~ ora de noa ~ ora de nõa *nf. npn* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*de*) + (*noa* < lat. NŌNA)^G ‘para católicos e ortodoxos, hora canônica do ofício divino, rezada entre o meio-dia e as 15 horas’: «Eele co / mya a **hora de noa**. 7 senpre cõ reljgyosos» [VSAI 149r.11]; «Amigos, eu vos quero dizer as melhores novas que nõca ouvystes. Seede bem certos que oje em este dya, ante de **hora de noa**, averemos grande acorrimento do ceeo» [CGE3 58.27]; «[E] aa **ora de noa** ena quareesma e na<s> vigílias dos *santos que ssom pera jaiũjar*» [PP VII.100]; «E un dia, el estando / ao sol, **ora de nõa**, | foi ll' o braç' escaentando, / e el a coçar fillou-ss' e | non catou al senon quando / lle sayu per so a unlla | aquel poçon tan lixoso» [CSM 225.47]

hora de prima *nf. npn* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*de*) + (*prima* < lat. PRĪMA)^G ‘a primeira das horas canônicas diurnas do ofício divino, cantada às seis da manhã’: «E li por ele ata **hora de prima** e pareceo-me que nom tinha nada lido, tanta era a *scritura*» [LJA 443.6]; «E o bispo déuesse rreuestir aa **ora de prima** e tomar o olio do balsamo e ficar os geolhos ante o altar e depouys tenderesse en terra e dizer o «Pater Noster»» [PP III.280]

hora de terça *nf. npn* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*de*) + (*terça* < lat. TĒRTĪA)^G ‘para católicos e ortodoxos, hora canônica do ofício divino correspondente às três da tarde’: «E en esta signifficaçõ dizẽ a missa antre a noyte e o dia e coméçasse o offiçio della: a luz resplandecerá oge sobre nós. E pola *que* dizẽ do dia aa **ora de terça** s'entende o tẽpo da graça *que* he des que veo *Nostro Senhor Ihesu Cristo* en *que* forõ os homẽs alumeados e conhoçerõ *uerdadeiramẽte* como elle era *Deus* e homẽ» [PP VII.241]; «*Pero* en dia de natal bẽ pode hũũ clerigo cantar tres mjssas: a hũa quãdo começarẽ os galos a cãtar. A houtra quando começa a luzeçer. A outra aa **ora de terça**» [PP VII.230]; «Em outro dia que a sentença foy dada, a **hora de terça**, aderençarom o campo onde avyã de lidar em hũũ areal aalem do rio, contra hu dizem Siago» [CGE3 398.17]; «E durou a batalha des **hora de terça** ataa vespera e morrerõ muitos da parte del rey de Graada» [CGE3 416.20]; «E me maravilhei como o livro era tam pequeno e tinha tanta leitura. Dali li ata **hora de terça** e achei a vida de muitos de minha linagem e seus nomes e de tais homens, que apenas o ousava dizer que de tal linagem vinha» [LJA 443.8]; «E encomendei meu hospede a *Deos* e *ele* a mim, e andãmos ata **hora de terça** e achãmos em um vale um moesteiro de donas» [LJA 467.14]

ifant-abade *nm. nn* (*infante* < lat. INFĀNS, -ANTIS)^G + (*abade* < lat. ecles. ABBĀTE, acus. de ABBĀS < gr. ABBĀ < aram. ABBA ‘pai’)^G ‘indivíduo que é infante e abade’: «Mas aquel

ifant-abade | fez-lo de fora chamar, / e pois que sayu a ele, | mandó-o ben recadar, / e assi o fez per força | do cimate[i]ro tirar» [CSM 164.21]

jgreia(s) cathedral(draes) ~ ygreja catredal ~ eygreia(s) cathedral(draes) ~ eygreia(s) cathadral(draes) ~ egreja cathedrall ~ jgreias cathedraes ~ jgreias catadraes ~ jgreias cathadraes ~ eygreias cathadraes ~ eygreias cathedraes *nf. na* (*igreja* < lat. vulg. ECLĒSĪA < lat. clás. ECCLĒSĪA < gr. EKKLĒSĪA ‘reunião, assembléia convocada’)^C + (*catedral* < fr. CATHÉDRALE)^G ‘a igreja principal de uma diocese, onde se encontra o trono episcopal; sé, matriz’: «O<s> primeyro<s> arcepreste<s> que tẽẽ logares como dayaes ssom mayores que os arçediagoos e deuẽ ffazer sa morada cõtinuadamẽte na **jgreia cathedral** mays que en outro logar» [PP IX.183]; «E el-rey como era catolico e muito devoto e amigo de Deos, por se os officios divinos fazerem com mais perfeiçam e acatamento e em muyta perfeiçam, estando aqui em Evora neste anno ordenou e fez que todos seus capelães, cantores, e moços da capela rezassem as oras solenemente em sua capella cantadas como em **ygreja catredal**» [VFDJ 8418]; «Pero se algũũ quisesse escolher sep<u>lturas [en] outros cimiterios assi como en **eygreia cathedral** ou ã moesteyro ou en aquela eygreia hu iaz seu linhagẽ ou outro cimiterio qual quer podeo fazer saluo ende se o ffezesse por affaagos dalgũũs que lhy ffezessẽ enganosamẽte» [PP XVI.160]; «E mandou que quãdo algũũ arçebispo quisesse vissitar sa prouinçia per negligẽçia dos prelados, que primeyro vissitasse o cabidoo *conpridamẽte* de ssa **eygreia cathadral**» [PP XXV.119]; «E mandouho el-rrei criar, enquanto foi pequeno, a Lourenço Martiiz da Praça, hũu dos honrrados cidadãos dessa cidade, que morava junto com a **egreja cathedrall**, hu chamam a praça dos Escanos» [CDP I.63]; «E outras **jgreias cathedraes** som em que am priores que tẽẽ eesse meesmo logar que os dayaes am e esse meesmo poder» [PP IX.87]; «E elles ffezerõ departimẽto antre os clerigos ca os hũũs poserom cõ as **jgreias catadraes** por mayores pessõas por onrra dos logares que tẽẽ assy como dayã ou prestes ou priores <ou> arçediagoo ou aquelles que chamã en algũũas jgreias chantres ou outros que dizẽ capiscolos» [PP IX.51]; «E os aciprestes ssom en tres maneyras: as duas ssom enas **jgreias cathadraes**, a outra nas jgreias dos bispados, ca(da) hũũ<s> hy ha en algũũas jgreias que tẽẽ logares de dayaes e ha hy outros que nõ tẽẽ logares tamãhos como elles» [PP IX.177]; «Benefiços tanto quer dizer como bẽ feytorias. E estas som na Santa Eygreia de muytas maneyras. E enas **eygreias cathadraes** e cõuentuaes ha collegias e rrações» [PP XIX.26]; «E depoyes que esto ouuer feyto, entõ pode vissitar os bispos e os bispados que som de ssa prouinçia e os cabidoos de ssas **eygreias cathedraes**» [PP XXV.128]

jgreia(s) parrochia(s) ~ jgreias parochias ~ eygreias parrochias *nf. nn* (*igreja* < lat. vulg. ECLĒSĪA < lat. clás. ECCLĒSĪA < gr. EKKLĒSĪA ‘reunião, assembléia convocada’)^{c,g} + (*paróquia* < lat. tard. PAROCHIA (PAROECIA) < gr. PAROIKÍA ‘avizinamento’, de PÁROIKOS ‘vizinho’)^{c,g} ‘parte territorial de uma diocese que tem por sede uma igreja matriz dirigida por um pároco’, ‘freguesia’: «Ley XXVI^a as quaes cousas ssom teudas de guardar e quaes nõ os mōges *que* for d’ordẽ e *seruir* ena **jgreia parrochia**» [PP X.631]; «Ley XXV^a por quaes rrazões os mōges podem guardar e *seruir* as **jgreias parochias**» [PP X.613]; «fora ende se o ouuessẽ os *que* assy viuem *per* priuilegio do papa en *que* lho outorgasse ou sse os posessem os bispos *pera* *seruyr* algũas **jgreias parochias** *que* ffossẽ daquela rreligiõ (ou sse os podessem os bispos *pera* *seruir* algũas **jgreias parochias** *que* ffossem daquela rreligiõ) onde elles ssom» [PP VI.624]; «Outrossy os prelados meores das **eygreias parochias** *que* sã pelo bispado de sseu bispo» [PP XVII.131]; «**Ejgreias parochias** teendo os homens *que* som de rreligiõ segundo diz ena ley ante desta, *quites* sam de tres cousas *que* erã teudos de guardar viuẽdo ã seus moesteyros e sam estas:» [PP X.632]

jgreia(s) parrochial(aes) ~ eygreia(s) parrochial(aes) ~ ejgreia parrochial ~ jgreias parrochiaes ~ eygreias parrochiaes ~ eigreias parrochiaes *nf. na* (*igreja* < lat. vulg. ECLĒSĪA < lat. clás. ECCLĒSĪA < gr. EKKLĒSĪA ‘reunião, assembléia convocada’)^c + (*parochial* < lat. PAROCHIĀLIS)^g ‘parte territorial de uma diocese que tem por sede uma igreja matriz dirigida por um pároco’, ‘freguesia’: «E ainda dispensar pode cõ qual *quer* rreligioso *que* possa auer **jgreia parrochial** cõ lecença de seu mayor» [PP VIII.1658]; «E bẽ assi como hũa *degnidade* nõ deue *seer* dada a muytas pessõas mays a hũa tan solamẽte, outrossy a **eygreia parrochial** a hũu a deuẽ a dar cõ a cura das almas ca nõ a muytos» [PP XIX.59]; «Non deuẽ leyxar morar nẽ hũu rreligioso ã uila nẽ castelo nẽ poelo ã **ejgreia parrochial** ssoo» [PP X.601]; «Gouernar podẽ os mōgues as **jgreias parrochiaes** e am cura das almas en ellas se forẽ taes *que* possã viuer en cada hũa dellas *dous* mōges ou dally arriba» [PP X.614]; «E estas offerendas som teudos os homens de as dar aos clerigos das **eygreias parrochiaes** hu <m>orã e rreçebẽ os sacrametos» [PP XXII.102]; «Criados ha enas **eigreias parrochiaes** *que* ajudã a dizer as oras aos outros clerigos *que* som mayoraes e hã escuras» [PP XVIII.357]

ley antiga ~ ley antiiga *nf. na* (*lei* < lat. LEX, LĒGIS)^g + (*antiga* < lat. ANTĪQUA)^g ‘o Velho Testamento’: «E assy Rey Sallamon e outros na **ley antiga** e doutras creenças sendo em real estado filharom desejo e folgança em screver seus livros» [LC 110.7]; «E o primeiro da **ley antiiga**: Nom adoraras deuses alheos, no qual se entende toda specia de ydollatria» [LC 170.4]

ley noua ~ noua ley ~ nova ley *nf. na ~ an* (*lei* < lat. LEX, LĒGIS)^G + (f. de *novo* < lat. NŌVUS, -A)^G ‘o Novo Testamento’: «E outrossy ena **ley noua** os cristãos fezerõ jgreias a ssemelhãça do tẽplo en *que* fezessem linphamẽte o sacrificiõ *verdadeyro* do corpo de Nostro Senhor Jhesu Cristo» [PP XIII.12]; «E aynda depõys desto *confirmou* Nostro Senhor Jhesu Cristo ena **ley noua** quando disse: onrra teu padre e ta madre *por que* viuas longamẽte sobrela terra» [PP XXVI.229]; «Estabeleçerõ os santos padres ena **noua ley** *que* os cristãos dessem *primiças* ssegundo disse ena ley ante desta» [PP XXII.36]; «E destes disse Santo Agostinho *que* nõ poderã seer saluos se nõ tornassem o *que* assi auiã filhado e outrossi os *que* dam vsura por gaanho *que* he *contra* defendamẽto da uedra e da **noua ley**» [PP XXII.183]; «O prymeiro da **noua ley**: Amaras, Honrraras, Temeras, Louvaras deos sobre todallas cousas» [LC 170.2]

ley uedra ~ uedra ley ~ ley vedra ~ vedra ley *nf. na ~ an* (*lei* < lat. LEX, LĒGIS)^G + (f. de *vedro* < lat. VĚTĚRE)^M ‘o Antigo Testamento’: «E esto se dá a entender por Jhesu Cristo *que* foy brãco e lĩpho e sen mazela e a ssemelhãte do cordeyro *que* mandou Moyssem ena **ley uedra** de *que* fezessem *sacrifiõ*» [PP III.660]; «E desto auemos eixenplo ena **ley uedra** *que* Eli sacerdote, por *que* nõ *quis* castigar sseus filhos das maldades *que* ffaziã, por ende morreu de maa morte» [PP VIII.1271]; «E mand[o]ua dar *primeyramẽte* Nostro Senhor Jhesu Cristo a Moyssem ena **ley uedra** ca assi he *scripto* en hũ liuro que ha nome Exodo e *que* lhy mandou: nõ tardarás d’ofereçer *primiças*» [PP XXII.29]; «e *que* os outros uotos *que* som de uõõtade se podẽ cãbhar ã melhor (e) prouasse pola **uedra ley** en *que* canbha hũa cousa por outra» [PP XI.99]; «Moyssem foy homẽ e por *que* amou muyto Deus Nostro Senhor por ende mandou Nostro Senhor a el *primeyramẽte* ena **ley vedra** *que* fezessem o tabernaculo *que* era hũa tenda en *que* fezessem oraçõ (a)os filhos d’Israel e *sacrifiõ* a Deus» [PP XIII.6]; «E por ende os meestres *que* falarõ en esta rrazõ nõ acordarõ todos en hũ ca enaquel[o] *que* disse na **ley vedra** *que* os homẽs dessem *primiças* de todos seus gaados de qual *natura* *quer* que fosse, o *que* *primeyramẽte* naçesse» [PP XXII.61]; «E esta ordẽ foy feyta *primeyramẽte* ena **vedra ley** e começou en tẽpo de Moyssem e Aarõ *que* foy o *primeyro* bispo dos judeus» [PP IX.253]; «E esto mostro Nostro Senhor Deus ena **vedra ley** *que* era mal quando fez *que* sse abrisse a terra e soruesse Atã e Abrirrõ por *que* sse alçarõ *contra* Moyssem» [PP XII.599]

ley velha ~ velha ley *nf. na ~ an* (*lei* < lat. LEX, LĒGIS)^G + (f. de *velho* < lat. *VECLU por *VETLU, forma sincopada de VĚTŪLUS, dim. de VĚTUS ‘velho’)^N ‘o Antigo Testamento’: «E por ende Nostro Senhor Deus querendo sacar os homẽs deste erro deffendeo ena **ley velha** *que* deu a Moysse quando lhy mãdou *que* deffendesse *que* nõ ffezessem doo polos mortos»

[PP VI.1449]; «E estando el-rey tirando com muyta pena o bispo de Tangere lhe lembrava alto muitas cousas sanctas e muito necessarias *em tal tempo*, antre as quaes tocou algũas das bribia; elle lhe disse: “Bispo, *nam* me lembreis nenhũa cousa da **ley velha**”» [VFDJ 9065]; «ca se todo fosse costringidamente, nem por nossos feitos averiamos gallardom ou pena, mes por ordenança das pranetas, e (d)os mandados e conselhos da nova e **velha ley** sobejos seriam» [LC 154.22]

livre alvidro ~ livre alvydro ~ livre alvydre *nm. an* (< lat. LIBERUM ARBITRIUM) ‘capacidade e poder de decidir livremente, sem coação’: «A quarta, do **livre alvidro**, como senhor antre todas manda com nosco o que se faça em todallas cousas que per nosso scollimento fazemos» [LC 27.25]; «E per esto se pode conhecer como somos requeridos geeralmente destas tres voontades, obrando todo per determynaçom daquella quarta do **livre alvydro**» [LC 28.9]; «Esto he: quando a voontade pode e sabe contradizer algũu mal, e empero per soo malicia aquello scolhe, pecando em o espiritu sancto, procede de maa vontade de **livre alvydre**» [LC 273.16]

[livre-arbítrio] *nm. an* → **livre alvidro**

maas molheres *nf. an* → **mas molheres**

Madre-donzela *nf. nn* (*madre* < lat. MATER, -TRIS)^G + (*donzela* < prov. DONZELA < lat. tard. DŌMĪNĪCĒLLA, dim. de DŌMĪNA)^G ‘a Santa Maria’: «Ali sse desaprendeu / dela log’ a sela / e ant’ o altar caeu / da **Madre-donzela**, / que sempre quer nosso ben; / e por vee-la ya / gente daquend’ e dalen» [CSM 153.50]

maestre da nave *nm. npn* (*mestre* < lat. MĀGISTRU-, talvez com intervenção do ant. fr. MAISTRE ou do prov. MAESTRO)^M + (*da*) + (*nave* < lat. NĀVIS)^G ‘capitão do navio’: «E o **maestre da nave** diss’ a un seu ome: «Vai, coz / carn’ e pescado do meu aver, que te non cost’ hũa noz» [CSM 5.147]

maestre scola *nm. nn* (< fr. arc. MAISTRE ESCOLE)^M ‘dignidade de algumas igrejas catedrais, a cujo cargo estava antigamente o ensino das ciências eclesiásticas’; ‘dignidade em cabido, de graduação inferior’: «Mais os outros prelados *que <nõ>* som feytos per sliçõ de sseus cabidoos nõ podẽ scomũgar, assi como arçiadiagoo ou arçipreste ou châtre ou **maestre scola** ou thesoureyro» [PP XII.259] → **meestre scolar**

maestres das chagas ~ mãestres das chagas ~ maestre de chagas *nm. npn* (*mestre* < lat. MĀGISTRU-, talvez com intervenção do ant. fr. MAISTRE ou do prov. MAESTRO)^M + (*das*) + (*chagas* < lat. PLĀGA ‘ferida’)^M ‘médico com especialidade no tratamento de feridas’: «XVI^o . *titulo* dos físicos e dos **maestres das chagas**» [FR IV.15]; «E isto meesmo seya dos **maestres das chagas**» [FR IV.785]; «*Titulo <XVI>* dos físicos e dos **mãestres das**

chagas» [FR IV.781]; «Se alguu fisico ou **maestre de chagas** tomar alguu en guarda a preyto *que* o saasse e ante *que* seya saao morrer *daquella* enfermidade, nõ possa demandar o preço *que* auia talhado» [FR IV.796]

mal de pedra *nm. npn* (*mal* < lat. MĀLE)^H + (*de*) + (*pedra* < lat. vulg. PĒTRA < gr. PÉTRA)^C ‘enfermidade que resulta da formação de cálculos nas vias urinárias’: «Est’ ome d’ Aragon era, | e avia tan gran **mal / de pedra**, que en gran coita | era con ela mortal» [CSM 173.10]

mal frances *nm. na* (*mal* < lat. MĀLE)^H + (*francês* < ant. fr. FRANCEIS)^G ‘sífilis’: «Saiba todo portugues, / porque tal trajo o nam vença, / qu’ estas vêm d’ũa doença / que se chama **mal frances**: / pegou-se da frontaria / a Perpinhão, / morreo logo o capitão» [GR3 234.2]

mar oceano ~ mar ociano ~ mar oçiano ~ Mar Ouceano *nm. na* (< lat. MĀRE ŌCEĀNUM)^T ‘o Oceano Atlântico, em oposição aos mares abertos, como o Mar Mediterrâneo, por exemplo’: «sobre a deferença do que a nós e a elles pertence do que tee sete dias do mês de Junho da feitura desta capitulaçom estava por descobrir no **mar oceano** foy tractado e capitulado por nós» [TT 2.11]; «diseram que por quanto antre os ditos senhores seus constituintes ha certa deferença sobre o que a cada hũa das ditas partes pertence do que atha oje dia da feitura desta capitullaçõ estaa por descobrir no **mar ociano**» [TT 4v.21]; «a deferença que ãtre nós e o dito Serenissimo Rrey de Purtugal, nosso irmão, he sobre o que a nos e a elle pertence do que ath’agora está por descobrir no **mar oçiano**» [TT 2v.18]; «E porque em todo o **Mar Ouceano** nam há navios latinos senam as caravelas de Portugal e do Algarve, el-rey por ninguem ousar d’ir aaquellas partes, fez crer a todos que da Mina nam podiam tornar navios redondos por caso das correntes» [VFDJ 970]

mas mulheres ~ maas mulheres ~ maas molleres *nf. pl. an* (*má* < lat. MĀLA)^G + (*mulher* < lat. MŪLĪER, -ĒRIS)^G ‘prostitutas’: «E esto nõ cae enos jograres nēnos arremeadadores das gaanças *per* ssas jograria<s> e arremedilhos e as **mas mulheres** do que gããhã *per* sseus corpos ca por taes mulheres maamēte gããhẽ podeno rreçeber» [PP XXIII.346]; «E destes disse Santo Agostinho *que* nõ poderã seer saluos se nõ tornassem o *que* assi auiã filhado e outrossi os *que* dam vsura por gaanho *que* he *contra* defendemēto da uedra e da noua ley. E as **maas mulheres** *que* fazẽ nemjga *con* seus corpos. E *contra* isto disse Isaias: nõ tomarás galardam das **maas mulheres**» [PP XXII.183, 185]; «Ëpero fazendo as **maas mulheres** esmolla das *que* gããhassem ã pecado *con* barões e os homēes por mal dizer e os jograres e os arremeadores, ben podem fazer esmolla delas» [PP XXVI.291]; «Dest’ un fremoso miragre | vos direy que fez a Virgen, | Madre de Deus groriosa, / por un crerigo que muito | a onrrava; mais fazia | ssa vida lussuriosa / sempre com **maas* molleres**, | e casadas e solteyras, / nen virgēes non queria | leixar, nen monjas nen freiras» [CSM 151.7]

mayordomo *nm.* → **moordomo(s)**

mea dobra *nf. an* (f. de *meio* < lat. MĚDĪUS)^G + (*dobra*, de or. obscura)^G ‘a dobra portuguesa em tamanho (e valor) menor’: «e valia o tornês grande sete soldos e o pequeno tres soldos e meo, e chamavam a estas moedas dobra e **mea dobra** e tornês e meo tornês» [CDP XI.56]

mea hidade *nf. an* (f. de *meio* < lat. MĚDĪUS)^G + (*idade* < lat. AETĀS, -TĀTIS)^G ‘época da vida entre a maturidade e a velhice’: «Onde aquececo que em sua casa avia hũu corregedor da corte a que chamavam Lourenço Gonçallvez, homem mui entendido e bem rrazoado, compridor de todallas cousas que lhe el-rrei mandava fazer e nom conrrompido per nêhũus falsos oferecimentos que trasmudam os juizos dos homêes. E porque o el-rrei achava leall e bem verdadeiro, fiava delle muito e queria-lhe grande bem; e era este corregedor muito honrrado de sua casa e estado e muito praceiro e de boa conversaçõm, e seeria estonce em **mea hidade**» [CDP VIII.16]

mea noite *nf. an* → **meia noite**

meestre salla *nm. nn* → **mestre(s)-salas**

meestre scolar ~ **maestre scolar** *nm. na* (*mestre* < lat. MĀGISTRU-, talvez com intervenção do ant. fr. MAISTRE ou do prov. MAESTRO)^M + (*escolar* < lat. SCHOLĀRIS, -E)^G dignidade de algumas igrejas catedrais, a cujo cargo estava antigamente ensinar as ciências eclesiásticas; ‘dignidade em cabido, de graduação inferior’: «A deçima he se algũũ **meestre scolar** mora en algũas casas alugadas e uẽ outro algũũ e fala cõ seu dono ou cõ seu *senhor* das casas e prometelhy a dar mays por fazer storua e mal *aquel que* as tẽ» [PP XII.80]; «**Meestre scolar** tanto *quer* dizer come meestre e poedor das scolas» [PP IX.159]; «Ley VII^a que *quer* dizer **maestre scolar** ou qual he o sseu offizio» [PP IX.157] → **maestre scola**

[**meia-idade**] *nf. an* → **mea hidade**

meia noite ~ **meya noite** ~ **mea noite** ~ **mea-noyte** *nf. an* (f. de *meio* < lat. MĚDĪUS)^G + (*noite* < lat. NŌX, NŌCTĪS)^G ‘a décima segunda hora depois do meio-dia ou a vigésima quarta hora do dia’: «E quando saí da capela, era ja **meia noite**» [LJA 453.17]; «E porende hũa vegada / a **meya noite** s’ergeu / e com’ era costumada, / na ygreja se meteu / e à omagen correu / por se dela espedir» [CSM 59.55]; «E, quando foi ã hora de **meya noite**, dormyndo Rodrigo, deulhe o gafo hũũ grande bafo per meo das espadoas que tam ryjo lhe sayo per os peitos que foi hũa grande maravyilha» [CGE3 304.8]; «Mas ante que as digamos, ouvii isto que achamos escripto, *scilicet*, que feria quinta viinte e dous dias do mes d’outubro d’esta presente era de Cesar de mill e quatrocentos e quatro annos foi feito hũu movimento no ceo des a **mea noite** pera adeante, o quall foi per esta guisa:» [CDP XLI.64]; «E quando a

prymeira e mais chegada guarda chegar a cada hũu destes logares, ally he **mea noite** segundo os tempos em ella devysados» [LC 383.6]; «E o bispo corrido e com seu *fato ja em Evora e o fundamento desfeito se tornou a Viana onde chegou aas duas oras depois de **mea-noite** bem enfadado e cansado» [VFDJ 8340]; «E com muyta cortesia dambas as partes se despediram Dom Joam e Diogo da Silva, e vieram ao principe ja depois da **mea-noyte**, ho qual nam acharam dormindo, mas armado a cavallo e com tochas andando polla cidade a buscar os homens por suas casas, que sabendo o poder do mestre de má vontade queriam sayr» [VFDJ 545]

meio dia ~ meo dia ~ meo dja ~ meo dya ~ meyo dia ~ meyo dya *nm. an* (*meio* < lat. MĒDIUS)^G + (*dia* < lat. vulg. *DIA < lat. clás. DIES)^G ‘o meio do dia, momento intermediário entre a manhã e a tarde; a décima segunda hora’: «– Senher, vós non mi afrontedes assi, / e será’ gora un judeu aqui, / con que barat’, e dar-vos-ei recado / De vossos dinheiros de mui bon grado; / e tornad’ aqui ao **meio dia**, / e entanto verrá da Judaria / aquel judeu con que ei baratado» [CEMD 189.9]; «Estando na frontaria, / nessas partes de Castela, / em hora de **meio-dia**, / me chegou esta novela» [GR3 263.15]; «E estando-o combatendo, a ora de **meo dia** alçou-sse hũu vento mui forte, que he travessia naquella terra» [CDP XXII.32]; «E seeremos do conto daquelles de que he scripto que o sol se lhes pos no **meo dia** por seerem del desemparados» [LC 58.13]; «E, depois que estive longamente nisto cuidando, oulhei adiante e vi scrito que dizia: “Aqui se começa o Santo Greal”. E, quando li que passava o **meo dia**, achei: “Aqui começam os grandes pavores”» [LJA 443.18]; «pola qual cousa se asentou opadre frey | anrique ao pee da cruz ealy ahũũ ehũũ | lançaua sua atada em hũũ fio ao pescoço fa | zendolha primeiro beijar ealeuantar as ma | ãos . / vijnhã ajsso mujtos elancarãnas to | das que serjam obra de R ou L . / ejsto aca | bado era ja bem hũũa ora depois de **meo dja**» [CC 12v.29]; «E diz a estorya que, estando assy a fazenda ataa o **meo dya**, estavã ja muy canssados hũũs e os outros e começaramsse de vencer os Castellãos» [CGE3 81.15]; «Eles, quand’ oyron esto, | atal acordo tomaron / que leixassen no castelo | poucos omes; e leixaron / maos e tan mal guisados, | e assi o aguisaron / que ante de **meyo dia** | s’ouv’ o castel’ a perder» [CSM 345.59]; «E meterõ mãão aas spadas e deronsse muy grandes golpes, assy que cortavã os elmos. E esto durou ataa o **meyo dya**» [CGE3 400.24]; «E en todo outro tempo iuygẽ des manaa ata **meyo dya**» [FR I.400]

meirinho-moor *nm. na* (*meirinho* < lat. MĀJŌRĪNUS, de MĀJOR) + (*mor* ‘compar. irreg. de grande’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘magistrado de nomeação régia encarregado de aplicar a justiça aos nobres e de fiscalizar a aplicação da justiça nas terras senhoriais’: «Onde assi aveo, segundo dissemos, que na morte de dona Enes, que el-rrei

dom Affonso, padre del-rrei dom Pedro de Purtugal seendo entom iffante, mandou matar em Coimbra, foram mui culpados pello iffante Diego Lopez Pacheco e Pero Coelho e Alvaro Gonçallvez seu **meirinho-moor** e outros muitos que el culpou» [CDP XXX.20]

meo dia *nm. an* → **meio dia**

meo tornês *nm. an* (*meio* < lat. MĒDIUS)^G + (*tornês* < ant. fr. TORNOIS, red. de *denier* ou *sou tornois*, isto é, *dinheiro* ou *soldo de Tours*)^M ‘o tornês, antiga moeda de prata, em tamanho (e valor) menor’: «e valia o tornês grande sete soldos e o pequeno tres soldos e meo, e chamavam a estas moedas dobra e mea dobra e tornês e **meo tornês**» [CDP XI.56]

mestre(s)-salas ~ meestre salla *nm. nn* (*mestre* < lat. MĀGISTRU-, talvez com intervenção do ant. fr. MAISTRE ou do prov. MAESTRO)^M + (*sala* < fr. SALLE < francês. SAL)^M ‘oficial encarregado da etiqueta nas recepções do paço’, ‘indivíduo encarregado da direção de bailes públicos’: «E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, reys d’armas, porteiros-mores, **mestre-salas**, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimonias reaes» [VFDJ 65]; «Isto pera nos degraos vazios antre hũa grade e ha outra se recolher e estar muita gente *sem* pejar a sala, e verem todos muyto bem *sem* tolherem vista huns aos outros, os quaes eram pessoas honrradas, cortesãos, e cidadãos *que* ali entravam per mandado dos **mestres-salas**» [VFDJ 5222]; «por maior firmeza iuramos a Deuz e a Sancta Marja e aas palauras dos Sanctos Euangelhos honde quer que mais largamente sam scriptos e ao sinal da + ã que corporalmente posemos nossa mão direita em presença de Fernam Duque d’ Estrada, **meestre salla** do muy illustri princepe dom Joham, nosso mujto amado e prezado sobrinho» [TT 7v.28]

meya noite *nm. an* → **meia noite**

meyo dia *nm. an* → **meio dia**

[**mestre-escola**] *nm. nn* → **maestre scola, meestre scolar**

missa maior ~ missa mayor *nf. na* (*missa* < lat. tard. MISSA, substantiv. do f. de MISSUS, p.p. de MITTĒRE ‘enviar’)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘missa principal’: «Mays *quando* for a ora de sesta deuẽ tãger todolos sinos da uilla aa **missa maior** assi como os tãgem enos dias das grandes festas por *que* todos sse ajũtem ena igreja e despoys nõnos deuẽ tãger ataa sabado aa grande missa» [PP III.291]; «E aa oferta da **missa mayor** ofereceram por parte d’ el-rey e da raynha, da princesa e do duque pola alma do principe muitas e muy ricas cousas d’ ouro e de prata e ornamentos de brocado e tellas d’ ouro pera a capela, cousa de muito grande valia *que* oje *em* dia *estam* no moesteyro, peças de muyto grande preço» [VFDJ 6585]

moço da guarda-roupa *nm. npn* (*moço*, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (*da*) + (*guarda-roupa*, de (*guarda*, do verbo *guardar* < lat. med. GUARDĀRE < germ. *WARDON ‘estar em guarda’)^G + (*roupa* < gót. *RAUPA)^G) ‘criado responsável pela guarda-roupa do rei’: «Antam de Figueredo **moço da guarda-roupa** andava muyto honrradamente e trazia grande casa nam tendo mais *que* mil e quinhentos reaes de moradia» [VFDJ 8527]; «e depouys de comer quisera jugar ho enxadrez como sempre fazia por nam dormir, e a bolsa com hos trebelhos estava ahi e ho tavolleyro era diante com ha cama per esquecimento e elle ouve disso desprazer e disse muito maas palavras ao **moço da guarda-roupa** e bem agastado» [VFDJ 8646]; «E os *que* com el-rey sempre estavam e o curavam e *faziam todo serviço eram somente, o prior do Crato e Ayres da Silva, o doutor mestre Rodrigo fisico-mor, e o doutor de Lucena fisico da ynfanta, e mestre Josepe, e Afonso Fernandez Montarroyo tesoureyro da casa e Antão de Figueiredo **moço da guarda-roupa**, e eu Garcia de Resende» [VFDJ 9137]

moço(s) da camara *nm. npn* (*moço*, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (*da*) + (*câmara* < lat. vulg. CAMARA (lat. clás. CAMĒRA) < gr. KAMÁRA ‘abóbada’, ‘quarto, compartimento’)^G ‘criado que serve na câmara do rei’: «Sobre o qual acordou de ho fazer assi saber a el-rey e aa raynha de Castella per Ruy de Sande, que entam era **moço da camara** e a el-rey muito aceito, que depois foy Dom Rodrigo de Sande do conselho e homem de muita valia e de muita renda» [VFDJ 3450]; «Hum Egas Coelho *que* ora he capitão de hũa das Ylhas Terceyras, era **moço da camara** d’el-rey, jaa *homem* e tinha morto hum cavaleyro de que era livre, e temia-se muito dos yrmãos, e andava armado e guardado, sendo ainda moço da camara» [VFDJ 6940, 6942]; «e era entam a melhor cousa que avia entre os **moços da camara**, porque el-rey sempre escrevia com a sua escrevaninha, e nunca molhava a pena quando escrevia» [VFDJ 8602]; «E a todolos **moços da camara**, e da capella, porteiros de maça, reys d’armas, arautos, e passavantes, moços d’estribeira, reposteiros, deu vestidos de finas sedas e muitos moços d’estribeira *foram vestidos *de* ricos brocados» [VFDJ 5437]; «Veador, nam sam esses os **moços da camara** que se ham-de castigar com cana, e mais vindo da maneyra que esse vem» [VFDJ 6963]

moço(s) fidalgo(s) *nm. na* (*moço*, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (*fidalgo* < *filho* + *de* + *algo*)^G ‘criado da casa real responsável por trazer os pratos da cozinha para a sala’, ‘oficial da casa real que precede, em termos de grau de nobreza, o fidalgo escudeiro e o fidalgo cavaleiro’: «E diante vinha hum **moço fidalgo** com hũa aguilhada na mão picando hos bois que parecia que andavam e levavam a carreta» [VFDJ 5572]; «E aa mesa d’el-rey com todollos officiaes vestidos de brocados e servida per **moços**

fidalgos *que serviam de tochas e bacios ricamente vestidos» [VFDJ 5544]; «Do que el-rey fez sobre dous **moços fidalgos** que ouveram brigas no paço» [VFDJ 8465]; «Dous **moços fidalgos** jaa grandes e porém andavam ainda *em* pelotes, ouveram rezões no paço e vieram aos cabellos e soube-o el-rey e mandou-os logo chamar anbos pera os castigar como moços e não virem a mais e ficarem em brigas e pendenças» [VFDJ 8468]*

moços d'esporas *nm. pl. npn (moço, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (de) + (esporas < gót. *SPAURA)^G* ‘criado que acompanhava o amo a pé, junto à estribeira, e lhe calçava e descalçava as esporas’: «Nos quaes todos en cavallos, arneses, paramentos, cimeiras, letras, e lanças, **moços d'esporas** e todas as outras cousas de justa ouve tanta riqueza, galantaria, envenções, tudo em tanta perfeiçam, *que* muitos justadores velhos e de muitas partes *que* ahi eram, e *que* ja viram outras muitas justas reaes se maravilharam muito destas» [VFDJ 5776]; «E pos el-rey vinham os mantedores muy ricamente ataviados com riquissimos paramentos de brocados e tellas e ricas sedas, bordados e entretalhados e com muitos **moços d'esporas** vestidos de sedas *hum e hum* detras d'el-rey» [VFDJ 5838]

moços d'estribeira ~ moços d'estribeyra *nm. pl. npn (moço, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (da) + (estribeira < lat. med. STREPUM, -I + -eiro)^H* ‘criado que caminhava junto do estribo quando o amo cavalgava’; ‘fidalgo que possuía esse título honorífico’: «E a todolos moços da camara, e da capella, porteiros de maça, reys d'armas, arautos, e passavantes, **moços d'estribeira**, reposteiros, deu vestidos de finas sedas e muitos moços d'estribeira **foram* vestidos *de* ricos brocados» [VFDJ 5106]; «A mul' é embicadeira, / a dama pode cahir, / havei **moços d'estribeira** / d'algũ abade da Beira, / que lhe possam acudir» [GR3 367.11]; «e aa ponte d' Alpiarçoyla, o principe mandou ficar todos, e soo com o cardeal e hos **moços d' estribeyra** adiante afastados passou a ponte d'Alpiarça» [VFDJ 720]; «e os paramentos eram tamanhos que pera o cavallo poder andar, os levavam levantados do chão, e afastados doze **moços d'estribeyra** vestidos de brocado de pelo, que faziam *hum gram* terreiro, e era ferosa cousa pera ver» [VFDJ 5827]

moços da capella *nm. npn (moço, voc. peculiar ao cast. e ao gal.-port., de or. incerta)^C + (da) + (capela < lat. CAPPÉLLA, dim. de CAPPÀ)^G* ‘criado que serve na capela-mor’: «E a todolos **moços** da camara, e **da capella**, porteiros de maça, reys d'armas, arautos, e passavantes, moços d'estribeira, reposteiros, deu vestidos de finas sedas e muitos moços d'estribeira **foram* vestidos *de* ricos brocados» [VFDJ 5437]

mõges brãcos *nm. na* → **monge(s) branco(s)**

moinho de vento *nm. npn (moinho < bx.-lat. MÖLĪNUM, red. do lat. tardio SAXUM MOLINUM ‘pedra grande, mó’)^H + (de) + (vento < lat. VENTUS, -I)^H* ‘espécie de moinho que usa as pás

para captar a energia do vento, convertendo-a em uma outra espécie de energia, que é utilizada, por sua vez, para fazer funcionar outros mecanismos, como o de moagem’: «De Bras da Costa a Rui de França, / que fez ùu **moinho de vento** em Evo- / ra com velas de pao e depois de / pano e nam lhe veo a lume, e / foi no tempo que el-rei es- / tava pera ir à Guarda» [GR3 32]

molher(es) d’ordin ~ **molher(es) d’ordī** *nf. npn* (*mulher* < lat. MŪLIER, -ĒRIS)^G + (*de*) + (*ordem* < lat. ŌRDO, -ĪNIS)^H ‘religiosa’: «Qualquer omē que *per* força ou *per* prazer cū **molher d’ordī** que sabbia, poys que foy beyta assi como é custome, (e) casar cū ella, ella seya tornada a sseu moesterio onde foy cō *gran* peendença» [FR IV.437]; «Mandamos e deffendemos *que* nenhuu ome nō possa mandar nada a nenhuu herege nen a trahedor nē aleyuoso nē a omē que uio matar ou ferir ou captiuar seu senhur e nō lhy quis acorrer assy como podera, nen a filho que fezesse en adulterio ou en sa parenta ou en **molher d’ordin**» [FR III.392]; «E isto meesmo seya das **molheres d’ordin** que leyxarē seus moesteyros assy como é subredito, *quer* casē *quer* nō» [FR IV.465]; «VIII^o . *titulo* dos que casan cū sas parentas ou cū **molheres d’ordī**» [FR IV.8]

monge(s) branco(s) ~ **mōges brācos** *nm. na* (*monge* < ant. prov. MONGE < lat. vulg. MONĪCUS < lat. tard. MONĀCHUS < gr. MONACHÓS ‘solitário’)^G + (*branco* < germ. BLANK ‘luzente, luzidio’)^N ‘monge pertencente à ordem de Cister, cuja cor do hábito é branca’: «Dest’ un miragre me vëo emente / que vos direi ora, ay, bõa gente, / que fez a Virgen por un seu sergente, / **monge branco** com’ estes da Espya» [CSM 54.13]; «E elle meteusse em hũ moesteiro de **monges brancos**, que avya nome Santa Cruz, o qual fezerõ seus avoos» [CGE3 275.24]; «Cjstel he hũ moesteyro onde leua nome toda ordē *que* fez Sam Bêto dos **mōges brācos**» [PP X.659]

monteiro maior *nm. na* (*monteiro*, de *monte* < lat. MONS, MŌNTIS + *-eiro*)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘oficial de caça do rei que superintendia nas caçadas e nas coutadas reais, estando-lhe subordinados os monteiros de cavalo, os monteiros de pé e os moços do monte’: «Álvar Rodríguez, **monteiro maior**, / sabe ben que lhi á ’l-Rei desamor, / por que lhe dizem que é mal feitor / na sa terra» [CEMD 324.1]

moordomo(s) ~ **mayordomo** *nm.* (< bx.-lat. MAJOR DOMUS ‘o maior da casa’)^C ‘funcionário encarregado da administração de uma casa’: «A III^a se algũu clerigo he **moordomo** ou despêsseyro de leygo e o amoestar seu prelado *que* o nō seia, se o nō *quiser* leixar e acharē *que* faz êgano en *aquelo* *que* teue en poder, se o *prender* *aquel* seu *senhor* nō he scomũgado por ende, como *quer* *que* algũus doctores digã o cōtrayro» [PP XII.121]; «Don Rodrigo

moordomo que ben pôs al Rei a mesa, / quando diss' a Don Anrique: – Pois a vosso padre pesa, / non lhi dedes o castelo, – esto vos digo de chãõ, / e dar-vos-ei en ajuda muito coteife vilão» [CEMD 34.1]; «E o conde mostrou as cartas que tiinha ao **moordomo** del rey e fez com elle seu conto per ellas; e acharom que todo o aver do mundo ñ pagaria esta devyda, nem poderia seer assomada per bocas de homẽes» [CGE3 97.22]; «A aquelles mando[u] que dêem as cousas necessarias, aos outros que sejam seus **moordomos**, e a estes que coimam aquello que dos outros recebem» [LC 329.16]; «Ley XLV^a como os clerigos ñ deũ seer fiadores nem **moordomos** ñ arrendadores ñ escreuaens dos conçelhos» [PP IX.1067]; «O crerigo **mayordomo** | era do bispo ben dali / da cidad' en que morava | el; e era y outrossi / hũa donzela fremosa | a maravilla, com' oý, / que a Virgen, de Deus Madre, | muy de coraçõ servia» [CSM 125.13]

moordomo mayor *nm. na* → **mordomo-mor**

moordomo-moor *nm. na* → **mordomo-mor**

[**mordomo**] *nm.* → **moordomo(s)**

mordomo-mor ~ **mordomo-moor** ~ **moordomo mayor** *nm. na* (*mordomo* < bx.-lat. MAJOR DOMUS 'o maior da casa')^C + (*mor* 'compar. irreg. de *grande*' < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G 'oficial da casa real encarregado da sua administração, com autoridade sobre outros criados e moradores': «E pera receberem o principe em Moura e o trazerem a sua corte fez el-rey seus precuradores, Dom Pedro de Noronha seu **mordomo-mor** e o doutor Joam Teixeyra chanceler-mor, e frey Antonio seu confessor» [VFDJ 1704]; «Depoys da morte do principe pouco tempo se finou Dom Pedro de Noronha **mordomo-moor** d'el-rey homem de muita honrra e grande autoridade» [VFDJ 6766]; «E quando aquelles senhores hordenavom conselho sobre aquello que lhes conviinha fazer, fallava em logar de dom Joham Affonso Rui Diaz Cabeça de Vaca, que fora seu **mordomo-moor**» [CDP XVII.162]; «O qual todo que dito he e cada hũa cousa e parte dello os ditos dom Arrique Amriquez, **mordomo moor**, e dom Goterre de Cardenes, contador mor» [TT 6v.8]; «estando ant'elle dom Joham Affonso conde de Barcellos seu **mordomo-moor** e Vaasco Martinz de Sousa seu chanceler e meestre Affonso das Leis» [CDP XXVII.18]; «Pero, aacima, vẽceu o Cide e forõ desbaratados o rey d'Aragõ e o de Denya e foy preso el rei d'Aragon e cõ elle muytos bõs homẽes. E forõ estes: o bispo dõ Ramõ Lucas (...); e Sancho Gomez, **moordomo mayor** del rei» [CGE3 453.10]

notairo publico ~ **notairos pubricos** *nm. na* (*notário* < lat. NOTĀRIUS, -A)^G + (*público* < lat. PŪBLĪCUS, -A, -UM)^G 'tabelião', 'indivíduo responsável pela elaboração de documentos públicos': «e eu Fernamd' Aluerez de Toledo, secretario del Rrey e da Rrainha nossos

senhores e do seu conselho e seu scripuam da camara e **notairo publico** ã sua corte e em todos seus regnos e senhorjos fuy presente» [TT 7v.4]; «em presença de nós os secretarjos, scripuaaães e **notairos pubricos** adiante escriptos» [TT 2.26]

noua ley *nf. an* → **ley noua**

novo testamento *nm. an* (*novo* < lat. NŌVUS, -A)^G + (*testamento* < lat. TĚSTĀMĚNTUM, -Ī)^G ‘parte da Bíblia que reúne os textos sagrados posteriores ao nascimento de Jesus Cristo’: «Ca muytos dos sanctos em o velho e **novo testamento** husarom de todas estas cousas» [LC 161.12]

oficiaes-mores *nm. pl. na* → **oficiaes-mores**

oficiaes-mores ~ **oficiaes-moores** ~ **oficiaes-mores** *nm. pl. na* (*oficial* < lat. tard. OFFĪCĪĀLIS ‘oficial às ordens de um magistrado’)^H + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘fidalgos que eram empregados superiores do paço’: «E a todos seus **oficiaes-mores**, mordomo-moor, veadores da Fazenda, guarda-mor, camareiro-moor, porteiro-moor, veador e mestre-salas, fez muyto grandes merces e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados e outras merces» [VFDJ 5101]; «E porque tudo isto *nam* quis fiar na deligencia e pouco cuidado que os alcaides podiam ter, ordenou novos **oficiaes-moores** pessoas de credito e autoridade e bom saber, repartidos pollas comarcas pera *que com* muyto cuidado provessem ameude todas as ditas cousas» [VFDJ 3296]; «e os senhores e **oficiaes-mores** e os do conselho e assi todos hos precuradores do reino assentados em seus assentos ordenados segundo suas precedencias» [VFDJ 1010]

olho de boi *nm. npn* (*olho* < lat. ŌCŪLUS, -Ī)^G + (*de*) + (*boi* < lat. BOS, BŌVIS ‘boi, vaca’)^H ‘espécie de pedra (semi-)preciosa’: «E a Don Fernando conteceu-lh’ assi / d’un maestre que con el baratou: / cambou-lh’ o olho que daqui levou / e disse-lhe que era de çafi, / destes maos contrafeitos del Poi, / e meteu-lh’ ãũ grand’ **olho de boi**, / aquel maior que el no mund’ achou» [CEMD 377.20]; «Olho de cabra lhi quis i meter, / e non lhi pôde no caston fazer; / e con seu **olho de boi** xi ficou» [CEMD 377.24]

olho do cuu *nm. npn* (*olho* < lat. ŌCŪLUS, -Ī)^G + (*do*) + (*cu* < lat. CULUS, -I)^G ‘ânus’: «Comprar quer’eu, Fernan Furado, muu / que vi andar mui gordo no mercado; / mais trage já o alvaraz ficado, / Fernan Furado, no **olho do cuu**; e anda ben, pero que fer’ é d’unha, / e dize[n]-me que trage ua espülha, / Fernan Furado, no **olho do cuu**» [CEMD 131.4,7]

olho mao *nm. na* (*olho* < lat. ŌCŪLUS, -Ī)^G + (*mau* < lat. MĀLUS)^G ‘mau-olhado’: «E pois sodes ora tan ben andante, / ben era d’ome do vosso logar / dess’ **olho mao** de vos ar quebrar, / e non andar com’ andávades ante, / ca somos oj’ e non seremos crás» [CEMD 81.17]; «Fernand’ Escalho leixei mal doente / con **olho mao** tan coitad’ assi, / que non guarrá,

cuid' eu, tan mal se sente, / per quant' oj' eu de Don Fernando vi: / ca lhi vi grand' **olho mao** aver, / e non cuido que possa guarecer / dest' **olho mao**, tant' é mal doente» [CEMD 378.2, 5, 7]; «E pois ali o liou, / estendeu-se e bucijou; / por ùa velha enviou, / que o veesse escantar / d' **olho mao** de manejar» [CEMD 31.15]

ome bõo *nm. na* → **homem bõo**

omen d' orden *nm. npn* → **homẽ(s) d'ordẽ**

ora de sesta ~ ora da sesta *nf. npn* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*de*) + (*sesta* < lat. SĒXTA)^G 'na liturgia católica, hora canônica do ofício divino que se reza aproximadamente ao meio-dia': «Mays quando for a **ora de sesta** deuẽ tâger todos los sinos da uilla aa missa maior assi como os tâgem enos dias das grandes festas por *que* todos sse ajũtem ena igreja e despoys nõnos deuẽ tâger ataa sabado aa grande missa» [PP III.290]; «Mais a **ora da sesta**, | direi-vo-lo que fez / Deus, que foi Padr' e Fillo | desta Virgen de prez: / vẽo levar-ll' a alma, | que el ja outra vez / lle metera no corpo / u a santivigou» [CSM 419.85]

ora de noa *nf. npn* → **hora de noa**

ora de prima *nf. npn* → **hora de prima**

ora de terça *nf. npn* → **hora de terça**

ora de vespóra ~ oras de bespera *nf. npn* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*de*) + (*véspera* < lat. VĒSPĒRA)^G 'na liturgia católica, a parte do ofício divino que tem lugar à tarde, entre 15 e 18 horas': «As duas galees que viinham deante, como ouverom vista das naaos e frota de Castella, calarom as vellas e tomarom os rremos; as outras todas como esto virom, fezerom logo per aquela guisa por se ordenarem aa sua voontade; e sabendo parte das naaos que hi eram, de que ouverom mui grande rrecoo, nom as ousarom d'atender no mar, e logo essa tarde a **ora de vespóra** se meterom todas no rrio de Denia» [CDP XXIV.73]; «Eaaquarta feira segujmte pola ma | nhãã topamos aves aque chamã fura buchos . e | neeste dia **aoras de bespera** ouuemos vista de tera» [CC 1v.2]

oras canonicas *nf. pl. na* (*hora* < lat. HŌRA < gr. HŌRA)^G + (*canônica* < lat. CANŌNĪCUS < gr. KANONIKÓS)^G 'na liturgia católica, cada uma das partes em que se divide a recitação do ofício divino ou breviário': «De como el-rey ordenou que em sua capella se rezassem as **oras canonicas** como ygreja catredal, e do que se passou com o adayam» [VFDJ 8407]

ordẽ de coroa bẽta *nf. npn* (*ordem* < lat. ŌRDO, -ĪNIS)^G + (*de*) + (*coroa benta*, de (*coroa* < lat. CŌRŌNAM < gr. KORŌNĒ)^G + (f. de *bento* < lat. BENEDICTUS)^G) 'grau correspondente à *prima tonsura*': «Onde sse algũũ for dado de menino a clerizia des *que* ouuer sete años ata XII bẽ pode auer **ordẽ de coroa bẽta** e as outras meores ata aquela que chamã acolito» [PP IX.621]

ordē de pistola *nf. npn* (*ordem* < lat. ŌRDO, -ĪNIS)^G + (*de*) + (*epístola* < lat. EPISTŪLA < gr. EPISTOLĒ)^G ‘subdiaconato’: «E outrossy se esleger nē de leigo nē hũũ nē ainda clerigo que nō aia **ordē de pistola** ao meos nē ho *que* ffosse erege nē o *que* [o]uuesse metuda algũa descordia antre algũũs *cristãos*» [PP VIII.577]; «E outrossy dos que nō ouuessem **ordē de pistola** ao meos ou *que* nō ffossem nados de casamētos de beyções ou *que* nō ouuessem *leteradura qual perteeçe pera bispo*» [PP VIII.631]

ordem de missa *nf. npn* (*ordem* < lat. ŌRDO, -ĪNIS)^G + (*de*) + (*missa* < lat. tard. MISSA, substantiv. do f. de MISSUS, p.p. de MITTĒRE ‘enviar’)^G ‘presbiterato’: «*Pero* nō teue por bem a Santa Jgreia *que* o fizessem e mandou *que* se o bispo quisesse apremar seu clerigo *que* rreçebesse ordē sagrada por rrazõ de dignidade ou de benefiçio *que* ouuesse, assy como se fosse arçediagoo *que* deue a seer sodiacono ou diacono, ou abade ou priol ou arcepreste ou outro clerigo *que* ouuesse cura d’almas *que* ha d’auer cada hũũ destes **ordem de missa**, *que* o pode fazer vedando *que* lhy nō dem benefiços *daquella* dignidade *ata que* sse ordigne» [PP IX.698]

ordihados de mysa *nf. npn* → **ordinhado de missa**

ordinado d’auangello *nm. npn* (*ordenado* < lat. ORDINĀTUS, -A, -UM)^H + (*de*) + (*evangelho* < lat. ecles. EVANGĒLIUM < gr. EUAGGĒLION ‘boa notícia’)^H ‘diácono’: «Nenhuu clerigo beneficiado de *ygreya* ou *que* seya **ordinado** de pistola ou **d’auangello** ou de missa non tenha uoz por nenguu ant’o alcaide» [FR I.553] → **crerigo d’ava[n]geo**

ordinado de pistola ~ ordinhado de pistola *nm. npn* (*ordenado* < lat. ORDINĀTUS, -A, -UM)^H + (*de*) + (*epístola* < lat. EPISTŪLA < gr. EPISTOLĒ)^G ‘subdiácono’: «Nenhuu clerigo beneficiado de *ygreya* ou *que* seya **ordinado de pistola** ou d’auangello ou de missa non tenha uoz por nenguu ant’o alcaide» [FR I.553]; «E quãdo outrossy algũũ clerigo *que* ffosse **ordinhado de pistola** ou di acima se casasse cõ molher viuua, o *que* nō pode fazer cõ deryto, o papa soo pode despensar cõ elle *que* torne aas ordees *que* ante auia e *que* possa rreceber as mayores» [PP VIII.183]

ordinhado de missa ~ ordihados de mysa *nm. npn* (*ordenado* < lat. ORDINĀTUS, -A, -UM)^H + (*de*) + (*missa* < lat. tard. MISSA, substantiv. do f. de MISSUS, p.p. de MITTĒRE ‘enviar’)^G ‘presbítero’: «Ca totalas outras *que* cantã e dizẽ som por onrra desto e por ende nōna pode dizer outro clerigo senõ o *que* for **ordinhado de missa** segũdo mãda a Santa Jgreia» [PP VII.96]; «E sse for **ordinhado de missa** deulhy to[m]ar *aaquel* cuio he o *que* ende ouer» [PP IX.428]; «E esto sse entende *primeyramēte* por todos os prestes *que* som **ordihados de mysa** polo nobre ofizio *que* tẽẽ de sagrar o corpo de *Nostro Senhor Ihesu Cristo* e ssom en logar dos apostolos» [PP VI.608] → **clerigo(s) de missa**

ordinhado de pistola *nm. npn* → **ordinado de pistola**

original pecado *nm. an* → **pecado original**

ouropel *nm.* (< ant. fr. ORIPEL < lat. AUREA PELLIS ‘pele, revestimento de ouro’)^C ‘lâmina fina de latão que tem a aparência do ouro’, ‘ouro falso’, ‘falso brilho’, ‘aparência enganosa’: «Depois de bem apodadas, / cheas de pena e de mel, / seram logo empicotadas / ou enforcadas / pois nos gastaram papel. / Fora melhor d’ **ouropel**, / meu coração, / esta vossa envençam» [GR3 251.24]

pã d’orjo *nm. npn* → **pan d’ orjo**

Padre Santo ~ padre sancto ~ padre sãcto ~ Santo Padre ~ Sancto Padre *nm. na ~ an* (*padre* < lat. PATER, PATRIS)^G + (*santo* < lat. SANCTUS, -A, -UM)^G ‘o Papa’: «E daquesto un miragre | conteo, non á gran sazon, / dun Papa que ouv’ en Roma, | que nom’ avia Leon, / a que punnou o diabo | de * meter en tentação, / poque en Santa Maria | era todo seu cuidar. / Porque era **Padre Santo**, | o diabo traballou / per como o enganasse; | e tanto pos el andou / que por mui gran fremosura | de moller o enganou, / que ll’ amostrou u sa missa | dizia sobr’ un altar» [CSM 206.10]; «e diss’ o Conde: / – *Centuplum accipiat* de mão do **Padre Santo**» [CEMD 78.21]; «A IIª *que* he palaura *que* o deuẽ a õrrar chamãdo **padre santo** e senhor» [PP VIII.256]; «Renego de quem peleja / e vai contra o **Padre Santo**, / renego de traje tanto / quanto vejo desonesto» [GR3 77.26]; «E pois per todos outros senhorios lhe fogem, o **padre sancto**, e cardeaaes, e mayores e somenos que o bem podem fazer, assy o deve fazersse yr quem bem poder» [LC 234.11]; «E este outro he **padre sancto**» [VSA2 72r.1]; «Este outro he **padre sãcto**» [VSAI 152r.10]; «E principalmente porque em tempo de cismas avendo mais de hum Papa como muytas vezes se vio, nam se avia de obedecer nestes reinos senam ao **Padre Sancto** de Roma» [VFDJ 3159]; «Partida d’el-rey d’Evora para Abrantes, e do recado do **Santo Padre** *que* lhe ahy veo» [VFDJ 2288]; «e ajnda que proprio moto lha dem nõ usaram della, antes per esta presente capitulaçõ supplicã no dito nome ao nosso muj **Sancto Padre** que aa Sua Santidade praza comfirmar e aprouar esta dita capitulaçom» [TT 7r.13]; «Neste anno estando el-rey em Setuvel, lhe veo recado como era falecido o Papa Sisto *quarto, e assi da nova criaçam do **Sancto Padre** Inocencio oitavo por seu breve» [VFDJ 2908]

pam de triigo *nm. npn* (*pão* < lat. PĀNIS, -E)^G + (*de*) + (*trigo* < lat. TRĪTĪCUM)^G ‘alimento feito de massa de farinha de trigo’: «E, em esse lugar de Coymbra, que era em poder dos mouros, avya hũũ moesteiro de monges que chamavõ Lorvãão, os quaaes vyvyam de trabalho de suas mãos e tiinhã muyto **pam de triigo** e de orjo e de milho e legumhas assaz» [CGE3 313.19]

pan d' orjo ~ pã d'orjo *nm. npn* (*pã* < lat. PĀNIS, -E)^G + (*de*) + (*orjo* < fr. ORGE < lat. HÖRDEUM)^G ‘alimento feito à base de farinha de cevada’ «O sant’ ome tirou de seu sêo / **pan d’ orjo**, que lle foi offrecer / dizend’: «Esto nos dan do allêo / por Deus, con que possamos viver» [CSM 15.42]; «E des i ergeu-s’ e como quem ss’ aparta / tomou dun **pan d’ orjo** quant’ é hũa quarta / polo comer, mais o ome deu-ll’ a carta ante que huviasse comer nen bocado» [CSM 65.136]; «Entom lhe rogou dom Palayo que fosse seu hospede e que lhe darya a comer **pã d’orjo**, ca no tiinha outro, e que lhe diria como avya de passar con Almançor» [CGE3 31.23]

pan de centêo *nm. npn* (*pã* < lat. PĀNIS, -E)^G + (*de*) + (*centeio* < lat. CENTĒNU, -Ī, de CENTUM ‘cem’, pois se acredita que a planta produz cem grãos por semente)^G ‘alimento feito à base de farinha de centeio’: «Já mais nunca quedamos, andando vias, / por erdar comendas e benfeitorias; / pero, se nos convidan algũũs dias, / non nos dan senon leit’ e **pan de centêo**» [CEMD 145.6]

pano de burel *nm. npn* (*pano* < lat. PĀNNUS, -Ī)^G + (*de*) + (*burel* < ant. fr. BUREL < lat. pop. *BŪRA, provável var. de BURRA ‘lã ou coisa grosseira’)^G ‘espécie de pano que, no âmbito português, simbolizava o luto’: «Desaqueu dia *quese alexo partyu. sua / madre strou hũũ **pano de burel**.em o chãão da sua camara» [VSA1 150r.19]; «Sua madre / desaquele dia. *que se seu filho partio. estrou hũũ **pa / no de burel** ã ho chaao da sua camara» [VSA2 69v.12]**

panos de doo *nm. pl. npn* (*pano* < lat. PĀNNUS, -Ī)^G + (*de*) + (*dó* < lat. tard. DŎLUS ‘dor’, dev. de DŎLĒRE ‘doer’)^N ‘roupa, pano de luto’: «E a condessa, assy como molher *que andava* ã romaria, com seus **panos de doo** que tragya e com sua capa *aguadeira* e com seu bordom e sua esportella e seu soombreiro na cabeça, foyse pera Leom, assy come romeyra» [CGE3 93.23]; «Na praça da dita villa se fez hum cadafalso de madeira, grande e alto e todo cuberto de **panos de doo**, e nelle assentos para corregedores, desembargadores, e juyzes, e ahi em pee meirinhos, alcaydes, e officiaes da Justiça» [VFDJ 2324]; «Foy o corpo do duque assi vestido como estava levado ante menham aa igreja principal da villa; em hum cadafalso cuberto de **panos de doo** jouve no meo da igreja descuberto aa vista de todo o povo até a tarde que o soterraram» [VFDJ 2594]; «e a essa era no cruzeiro no meo dele, muito grande, muito alta, de muitos degraos, cuberta de **panos de doo**; e encima della alto no aar hum sobreceo de veludo preto muito grande todo polas bordas cheo d’armas reaes» [VFDJ 6556]; «E neste dia de quinta-feyra hos de seu conselho que presentes eram sem o elle saber mandaram hũa caravella a Lisboa pera de laa trazer **panos de doo**, tochas e veludo preto e outras cousas» [VFDJ 8914]

panos de ras ~ panos d'arrazes *nm. pl. npn* (*pano* < lat. PĀNNUS, -Ī)^G + ((*ar*)*rás* < top. Arras, cidade do norte da França, famosa por suas tapeçarias)^G ‘tapeçaria antigamente usada como ornamento de paredes, galerias etc.’: «e mandou armar toda a capela de **panos de ras** e poseram na dita capella a cota d’armas e o seu escudo, e elmo, e a lança, e a espada que estiveram aa missa na capela-moor com a *bandeyra* das armas reaes que sobre a eessa estava no cruzeiro, e a cruz d’ouro sobre o sancto corpo» [TCDJ 186]; «Vi eu de coteifes azes / con infanções [s]iguazes / mui peores ca rapazes; / e ouveron tal pavor, / que os seus **panos d'arrazes** / tornaron doutra color» [CEMD 21.23]. Cortesão (2000, p. 214, n. 54) identifica *panos de rás* com *panos de armar*, presente na *Carta de Caminha* [8v.22]: «Ealy deles andauam daquelas timturas | quartejados outros demeetades outros detanta | feiçam coma ã **panos darmar** e todos com os | beiços furados e mujtos cõ os osos neeles edeles |sem osos»

panos meores ~ panos mēores *nm. pl. na* (*pano* < lat. PĀNNUS, -Ī)^G + (*menor* < lat. MĪNOR)^G ‘roupa interior’, ‘trajes menores’: «E porende ha hy outra peendencia *que* ha este nome e esto he *quando* algũũ *que* uay ã rromarya longe de ssa terra ou *que* anda nuu en **panos meores**» [PP VI.1238]; «E desy descalçou o arcipreste os **panos meores** e abraçouha» [CGE3 76.11]; «Depois que forõ enna orta, Gonçallo Gonçalvez desvestiusse de todo o que tragia, se nõ dos **panos meores** – e esto pella grãde caentura que fazia –, cuydando que o nõ vysem as donas, por que era dellas muy alongado» [CGE3 123.20]; «Como Santa Maria guaruiu o crerigo que se lle tornaran / as pernas atras porque fez ãs **panos mēores** / dun pano que furtou de sobelo altar» [CSM 327.2]

passatempo *nm. vn* (*passa*, do verbo *passar* < lat. vulg. *PASSĀRE, de PĀSSUS)^H + (*tempo* < lat. TĒMPUS, -ŌRIS)^G ‘atividade que diverte’, ‘ocupação para passar o tempo’: «E a tristeza era em todos tamanha que nam havia outra pratica nem **passatempo** senam sospiros e lagrimas» [VFDJ 6610]

pecado criminal ~ pecado crimjnal *nm. na* (*pecado* < lat. PECCĀTUM, -Ī)^G + (*criminal* < lat. CRIMINĀLIS, -E)^G ‘modalidade de pecado intermediária entre o pecado venial e o pecado mortal’: «E *que* pãa deue a auer pera auer perdom o *qui* faz **pecado criminal**» [PP VI.11]; «Ley VI^a *que* pãa mereçẽ pera auer <perdom> o que fezer **pecado crimjnal**» [PP VI.192]

pecado de sacrilegio *nm. npn* (*pecado* < lat. PECCĀTUM, -Ī)^G + (*de*) + (*sacrilégio* < lat. SACRILEGIŪM, -Ī)^G ‘modalidade de pecado grave que se comete contra a religião ou contra coisas sagradas’: «E sse algũũ daquelles *que* o ouuessem de *conprir* o(u) enbargasse ou nõ *quisesse* fazer, tẽ a Santa Eygreia *que* fazẽ **pecado de sacrilegio**, *que* som *conpanheyros* dos *que* matã os homẽs» [PP XXII.116]; «E aquelles (*quer*) *que* esto fazẽ caẽ en **pecado de**

sacrilegio por *que enganauã a eygreia (a eygreia) en ssas cousas*» [PP XXIII.145]; «que som muyto de culpar os que fazem semelhante por louvor dos homêes, caindo em **pecado de sacrilegio**, por que aquellas cousas que avyam d’obrar por louvor de deos mais as quyserom comprir por louvor das criaturas» [LC 133.12]

pecado de simonia ~ **pecado da simonia** *nm. npn* (*pecado* < lat. PECCĀTUM, -ī)^G + (*de*) + (*simonia* < lat. ecl. SIMONIA < antr. *Símon*, o Mágico, em alusão a sua oferta de dinheiro aos apóstolos com a intenção de receber o dom de conferir o Espírito Santo, + *-ia*)^C ‘modalidade de pecado concernente à compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos) ou temporais ligadas às espirituais (como os benefícios eclesiásticos)’: «A terçeyra maneyra he quando algũs homêes rreçebẽ capelaes *que* lhy digã oras ca estes ataes pelas obras *que* dam *spirituaes* aaquelles *que* nõ erã teudos de o ffazer, bẽ podẽ por ende rreçeber galardom delles ssem **pecado de simonia**» [PP XX.171]; «E sse o *que* o rreçebesse a desse *per* rrazõ *daquel* *seruiço* de qual *quer* destas maneyras sobre ditas cãe em **pecado de simonia** de uontade por *que* nõ foy feyto preito en ella nõ hũũ» [PP XX.229]; «Ley IX^a *quaes* clerigos bẽ podem arrendar os ffruytos de seus benefiços ssem **pecado de simonia**» [PP XX.309]; «E poys *que* eno titulo ante deste falamos do **pecado da simonia** en *que* maneyra se faze e *per* *quaes* cousas caẽ os homêes en elle» [PP XXI.20]

pecado original ~ **pecado oreginal** ~ **original pecado** *nm. na ~ an* (< lat. PECCATUM ORIGINALE ou PECCATUM ORIGINIS)^S ‘na visão de Santo Agostinho, trata-se do pecado que, muito além de estar na origem da história da humanidade – o pecado cometido por Adão e Eva no Paraíso terrestre – está na origem da vida de cada homem, que nasce pecador antes mesmo de haver cometido algum pecado’: «Sobre a duvyda que se tem da concepçom de nossa senhora sancta Maria, se foy sem **pecado original**, eu tenho que ssy, por estas quatro razõoes» [LC 137.2]; «Mas quem A serve leal / responda por gentileza, / quanto comprende de mal / o **pecado oreginal** / nesta lei de natureza» [GR3 60.6]; «E pois specialmente foy mandado que fosse agora cellebrada, móstrasse que por o * pryvylegio que foy outorgado a sseus geeradores, que sem **original pecado** a geerassem, tal festa lhe prouve seer feita» [LC 137.15]

pecado venial ~ **pecado venyal** ~ **pecado(s) uenial(aes)** *nm. na* (*pecado* < lat. PECCĀTUM, -ī)^G + (*venial* < lat. VENIĀLIS, -E)^G ‘modalidade de pecado de baixa gravidade, que exige como punição somente a pena temporal’: «E por ende foy estabelecudo ena Santa Igreja *que* todo *aquel* *que* fizesse **pecado venial**, *que* he meor ca os outros, *que* a enmêda delle fosse en cõfessandoo» [PP VI.175]; «Lei IIII^a *que* cousas deuẽ ffazer *pera* seer quite o *que*

fezer **pecado venyal**» [PP VI.96]; «Outrossy **pecado uenial** he dar aos pobres comer bẽ adubado ou dizer parauoas en algũũ logar d'escarnho» [PP VIII.853]; «E pera esto ha grande uertude a unçõ que fazẽ aos doẽtes ca per(a) esta solamẽte se desfazẽ os **pecados ueniaes** que he cousa que enbargã o homẽ muyto en ssa vida e moormẽte despoys que morre» [PP III.134]

pecado(s) mortal(taes) ~ pecados mortães ~ pecados mortaaes nm. na (*pecado* < lat. PECCĀTUM, -Ī)^G + (*mortal* < lat. MORTĀLIS)^G ‘modalidade de pecado que pressupõe matéria grave, plena consciência – do ato e da sua gravidade – e intenção, ocasionando a pena eterna’: «“Non dés poren / nulla cousa, ca seu feito | destes é mui desleal. / Mas eu o desfarei todo | o que eles van ordir, / que aquelo que desejan | nunca o possan conprir; / ca meu Fillo Jhesu-Christo | sabor á de sse servir, / e d’oi mais mui ben te guarda | de gran **pecado mortal**”» [CSM 235.33]; «E ainda te rogo, | Sennor espirital, / que rogues a teu Fillo | que el me dé atal / siso, per que non caia | en **pecado mortal**, / e que non aja medo | do gran fog’ infernal» [CSM 401.74]; «ca o trobar acordou-s’ en atal: / qu’ estava vosco en **pecado mortal** / e leixa[r] vos [foi] por se non perder» [CEMD 275.6]; «E maior **pecado mortal** non sei / ca o que eu vejo fazer a Deus, / ca desampara os vassalos seus / en mui gran coita d’amor qual eu ei» [CEMD 396.11]; «mais Deus non é tal, / ca os leixa con grand’ amor morrer, / e, pero pode, non lhes quer valer: / e assi faz gran **pecado mortal**» [CEMD 396.21]; «E como *quer que* a alma do homẽ nõ pode morrer ssegũdo *natura* por *que* he *spirital*, cõ todo esso o **pecado mortal** a aduz a tã grã culpa *per que* a ffez desconhoçer a *Deus* onde ha o entẽdimẽto e a ssy meesma» [PP VI.113]; «Porem dereitamente della se diz que foy sem maldiçom de **pecado mortal**, venyal e original concebida» [LC 138.2]; «*Pero* nõ lhy deuẽ a dar pẽdẽça come *por dous* **pecados mortaaes** mays como *por* hũũ que foy acrecẽtado en ssy por aiũtamẽto doutro» [PP XI.36]; «Ou sse quando algũũ furtasse ou rroubasse ou fizesse outros **pecados mortães** conhoçudamẽte semelhãte delles ou lhy fosse *prouado* en juizo que os *fezera* nõ querẽdo fazer ãmẽda delles podẽnos scomũgar» [PP XII.377]; «Por que determynaçom geeral he que das cousas avemos grande conhecimento per suas defiiinções, porem mandei aquy poer algũas dos VII **pecados mortaaes** e das principaaes VII virtudes, de que vos em cyma tenho scripto» [LC 260.19]

pedra(s) marmor(es) nm. nn (*pedra* < lat. vulg. PĒTRA < gr. PÉTRA)^C + (*mármore* < lat. MARMOR, -ŌRIS)^C ‘rocha calcária, dura e de cores variadas, suscetível de polimento, podendo ser usada como revestimento em construção, em estátuas, na confecção de objetos, peças decorativas etc.’: «Se dizem que o que faz nojo a outrem escreve o que faz

no poo, e o enjuriado em **pedra marmor**, bem se comprio esto em el-rrei dom Pedro:» [CDP XX.4]; «E Almãçor mandou logo quebrantar e destruyr todallas portas da cidade, que eram bem obradas de **pedra marmor**, e a mayor torre da alcaçova, que estava sobre a porta descontra ouriente» [CGE3 181.12]; «Como Santa Maria fez parecer a sa omage d'ontre hũas **pedras / marmores** que asserravan en Costantinopla» [CSM 342.2]

pedra(s) preciosa(s) ~ pedras preçiosas *nf. na* (*pedra* < lat. vulg. PĚTRA < gr. PĒTRA)^C + (*preciosa* < lat. PRETIŌSA)^G ‘termo genérico para vários tipos de mineral brilhante, de diversas cores, duros e raros, que são lapidados para uso em jóias e adornos’: «E todos aqueles que fazião obras ricas a ião ver, e muitos havia que dezião que no mundo nom havia **pedra preciosa** que i nom fosse» [LJA 641.12]; «E ainda entõ nõ lhys deuẽ a enssinar senõ cõ grã cordura ca ssegundo disse no auãgelho nõ deue poer as **pedras preciosas** ante as porcas, *que quer tanto dizer como ensinar as cousas e as nobres poridades da nossa fe aos ereges nẽ aos homẽs desentendudos, per que* estam aparalhados *pera rreçeber mays ca pera creelas*» [PP VIII.1185]; «Depois que aqueles dous foram fora, sairão tres que trazião tres encensairos d'ouro, alumiados de ricas **pedras preciosas**, assi que parecião que ardião» [LJA 631.10]; «Depois que esto foy acabado, tornou-se el rei dom Ramiro cõ sua hoste, com muy grandes gaanças de ouro e de prata e de **pedras preciosas** e doutras cousas muitas e muy ricas e cõ muytos cativos» [CGE3 11.16]; «Emandarõ fazer hũũ muymẽto douro 7 de / **pedras preciosas**» [VSAI 153r.12]; «ou ha corpo *conposto* e nõ ha alma nẽ hũa nẽ sentimẽto nẽ outra cousa nẽ hũa asy como os metaes e as **pedras preçiosas** e as outras cousas mi[n]erales ou ma<te>riales *que se criam ou tirã ena terra*» [PP prol.128]; «E mandarã fazer hũu muymento douro 2 de **pedras preçiosas**» [VSA2 73r.15]

pedras ballaises *nf. pl. na* (*pedra* < lat. vulg. PĚTRA < gr. PĒTRA)^C + (*balais* ‘balache’, do fr. med. BALAIS < lat. BALASCUS, BALASCIUS < ár. BALAKHTCH, do top. BALAKHCHÂN ou BADA KHCHÂN, região da Pérsia)^{W.M} ‘variedade de espinela cor-de-rosa, violeta ou alaranjada’: «Acabada a cea, estando seguros e nenhũu ainda levantado, chegou Martim Lopez com homẽs armados e prendeo el-rrei e todollos outros; e foi logo buscado el-rrei, e acharom-lhe tres **pedras ballaises** mui nobres e mui grandes; e acharom a hũu mouro pequeno em hũu correo[m] setecentas e trinta **pedras ballaises**» [CDP XXXIII.63, 65]

pẽdẽça publica *nf. na* → **peendẽça publica**

peendẽça publica ~ pẽdẽça publica ~ pubrica peendẽça *nf. na ~ an* (*pendença* ‘penitência’ < lat. PAENITENTIA ‘pesar’, deriv. de PAENITĒRE ‘ter pesar de algo, arrepender-se’)^C + (f. de *público* < lat. PŪBLĪCUS, -A,-UM)^G ‘modalidade de sacramento eclesiástico que tem como

finalidade a obtenção de perdão para determinado tipo de pecado’: «E porende he chamada esta **peendêça publica** por *que* nõ tan solamête a ha <d>e *fazer os que* <a> rrecebẽ ena terra hu ha (la)d<e>ron, mays aynda enas outras *que* ssom a longe das suas» [PP VI.1246]; «E outrossy chamã **pēedêça publica** a *que* faz algũũ *quando* enssarã en moesteyro ou en logar apartado en *que* esté hy en toda sa uida por pecado grande *que* fez» [PP VI.1252]; «Ley XIX^a por *que* rrazões nõ pode rreceber ordêẽs sagras os *que* ffazẽ **pubrica peendêça**» [PP IX.440]

pena(s) veira(s) *nf. na* (*pena* ‘pele, peliça’ < lat. PENNA, -AE) + (f. de *veiro* < lat. VARIUS ‘manchado de várias cores’) ‘tipo de pele variegada, de diferentes tonalidades’: «O caparon do marvi, / *que* vos a testa ben cobre, / con **pena veira** tan nobre - / alfaiat’ ou peliteiro, / dized’ ora, cavaleiro: / qual vo-l’ apostou assi?» [CEMD 121.3]; «- Ûa pregunt’ ar quer’ a el-Rei fazer, / *que* se sol ben e aposto vistir: / por *que* foi el **pena veira** trager / velh’ an bon pan’; e queremos riir / eu e Gonçalo Martiõz, *que* é / ome muit’ aposto, per bõa fé, / e ar querê-lo-emos en cousir» [CEMD 150.3]; «A un corretor a *que* vi / vender panos, *que* conhoci, / con **penas veira[s]**, diss’ assi: / - Da molher son de Don Foan» [CEMD 99.3]; «Don Foão, en gran cordura, / moveu a min preitesia / de partiçon, noutro dia; / mais fui de malaventura / por *que* con el non parti: / *que* **penas veiras** perdi!» [CEMD 306.6]

pollo antartico ~ **poolo antarctico** *nm. na* (*pólo* < lat. POLUS, -Ī < gr. PÓLOS, -OU)^G + (*antártico* < lat. ANTARCTĪCUS < gr. ANTARKTIKÓS)^G ‘extremidade sul do eixo imaginário sobre o qual a Terra executa o seu movimento de rotação’: «e asyne pollo dito mar oceano hũa rraya ou linha direita de poolo a poollo, a saber do pollo artico ao **pollo antartico** *que* he de norte a sul» [TT 4v.26]; «A qual dita raya asinem desde o dito poolo artico ao dito **poolo antarctico** *que* he de norte a sul como dito he» [TT 5v.13]

pollo artico ~ **poolo artico** *nm. na* (*pólo* < lat. POLUS, -Ī < gr. PÓLOS, -OU)^G + (*ártico* < lat. ARCTĪCUS < gr. ARKTIKÓS)^G ‘extremidade norte do eixo imaginário sobre o qual a Terra executa o seu movimento de rotação’: «e asyne pollo dito mar oceano hũa rraya ou linha direita de poolo a poollo, a saber do **pollo artico** ao pollo antartico *que* he de norte a sul» [TT 4v.26]; «A qual dita raya asinem desde o dito **poolo artico** ao dito poolo antarctico *que* he de norte a sul como dito he» [TT 5v.13]

ponbas seixas *nf. pl. nn* (*pomba* < lat. PALŪMBA, -AE)^G + (*seixa*, provav. do antr. Seixas) ‘ave columbiforme, da família *Columbidae*, pertencente, possivelmente, à espécie *Columba cayennensis*’, ‘espécie de pombo bravo também chamado *sousa*’: «outras aves entã nom vimos somente | algũũas **ponbas seixas** eparecerãme ma | yores em boa cantidade caas de portugal» [CC 10r.4]

poolo antarctico *nm. na* → **pollo antartico**

poolo artico *nm. na* → **pollo artico**

porco(s) montes(es) ~ porco mōtes *nm. na* (*porco* < lat. PŎRCUS, -Ī)^G + (*montês*, de *monte* < lat. MONS, MŎNTIS + -ês)^H ‘javali’: «Diz a estorya que, depois que este rey dom Sancho ouve quebrantados os mouros per muytas batalhas que lhe deu, mãteve sua terra muyto em paz e sem nem hũũ mal fazer; e que, en se tornando da hoste onde morrerõ as companhas sobre o **porco montes**, que chegou a Najara» [CGE3 246.12]; «deu hũũ grom | ete ahũũ deles hũũa armadura grande de **porco | montes** bem Reuolta e tanto que atomou meteo a | logo no beço e por que se lho nõ queria tẽer . derã | lhe hũũa pequena decera vermelha e ele corejeio | lhe detras seu aderemço pera se tẽer e meteo a no beí | ço asy Reuolta pera cjma evijnha tam contente | com ela como se teuera hũũa grande joya» [CC 10v.18]; «E, andando elle assy postando e corregendo sua terra, como ja dito avemos, aveolhe que, andando hũũ dia a correr monte, que achou hũũ **porco mōtes**» [CGE3 249.22]; «E, quando chegarõ a hũũ castello que ha nome Ayona, pellejarõ as hostes sobre hũũ **porco mōtes**» [CGE3 246.3]; «Se alguu ome fezer en sa herdade ou doutrĩ couas ou parar laços pera prender **porcos monteses** ou outras bestas brauas» [FR IV.240]; «Das vossas mããos, filho, pagarasse *devya* hũũ emperador! Vos erades matador dos **porcos monteses** e dos ussos, quer de cavallo, quer de pee, melhor que nem hũũ outro» [CGE3 146.29]

porteiro(s)-mor(es) ~ porteiro-moor ~ porteyro(s)-mor(es) *nm. na* (*porteiro* < lat. PORTĀRIUS, -Ī)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘guarda das portas dos paços e das câmaras, com jurisdição sobre todos os porteiros da cana’: «e *el-rey depois de todos os precuradores estarem assentados, veo com grande estado diante muitas trombetas, charamelas, e sacabuxas, porteiros de maça, reis d’armas, arautos, e passavantes, o **porteiro-mor**, e mestre-salas, veador, e veadores da Fazenda, camareiro-mor, e guarda-mor e mordomo-mor, e assi o regedor, chanceler-mor, e todolos officiaes e desembargadores» [VFDJ 4607]; «E a todos seus officiaes-mores, mordomo-moor, veadores da Fazenda, guarda-mor, camareiro-moor, **porteiro-moor**, veador e mestre-salas, fez muyto grandes merces e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados e outras merces» [VFDJ 5102]; «E entam vinham muitos porteiros de maça, muytos officiaes, todos ricamente vestidos e encavalgados, e apos eles o **porteyro-mor** e depois quatro mestres-salas, e atras o mordomo-mor, todos com opas roçagantes de ricos brocados, e tellas d’ouro com ricos forros» [VFDJ 5814]; «E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, reys d’armas, **porteiros-mores**, mestre-salas, veador, e o mordomo-mor

com todallas cerimoniaes reaes» [VFDJ 64]; «E quando levavam aa mesa d'el-rey as ygoarias principaes e fruta primeyra e derradeyra, e de beber a elle e à rainha e ao principe e princesa, hiam sempre diante dous e dous muitos porteyros de maça, reys d'armas, arautos e passavantes, os **porteyros-mores**, quatro mestres-salas, o veador, e os veadores da Fazenda, e detras de todos ho mordomo-mor» [VFDJ 5554]

porteiros de maça ~ porteyros de maça ~ porteiros da maça *nm. npn* (*porteiro* < lat. PORTĀRIUS, -ī)^G + (*de*) + (*maça* < lat. vulg. *MATEĀ, por MATEŌLA 'pau, cabo de enxada')^G 'empregado do paço encarregado de guardar a entrada em todas as solenidades de gala, recepções e dias de despacho, tendo por insígnia um bastão com remate na extremidade superior semelhante à maça de brigar': «E acabado assi tudo el-rey com grande estado real, e todos seus officiaes diante delle, e muytos reys d'armas e **porteiros de maça**, e os senhores e nobres que o acompanhavam se recolheo a suas camaras» [VFDJ 1030]; «e a salla armada de rica tapeçaria, e com dorsel de brocado e muyta e muy rica prata, e seus officiaes-mores com reys d'armas e **porteyros de maça**» [VFDJ 3732]; «hiam sempre diante dous e dous muitos **porteyros de maça**, reys d'armas, arautos e passavantes, os porteyros-mores, quatro mestres-salas, o veador, e os veadores da Fazenda, e detras de todos ho mordomo-mor» [VFDJ 5553]; «E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos **porteiros da maça**, reys d'armas, porteiros-mores, mestre-salas, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimoniaes reaes» [VFDJ 64]

porteyro(s)-mor(es) *nm. na* → **porteiro(s)-mor(es)**

porteyros de maça *nm. npn* → **porteiros de maça**

prima com yrmaã *nf. npn* (f. de *prima* < red. do lat. CONSOBRĪNUS PRĪMUS)^G + (*com*) + (*irmão* < lat. GERMĀNUS)^G 'prima direita', 'prima em primeiro grau': «E sendo o principe de ydade de quinze annos ho casou com a senhora Dona Lianor d'Alemcrasto, filha mayor do infante, e **prima com yrmaã** do principe que foy da propria maneira *que* el-rey seu pay casou» [VFDJ 105]; «Ho muyto alto e muyto poderoso principe el-rey Dom Affonso ho quinto de gloriosa memoria, foy casado com ha serenissima e muyto excelente princesa ha raynha Dona Isabel sua molher, e sua **prima com yrmaã** filha do muyto excelente infante Dom Pedro seu tio» [VFDJ 28] → **prima coyrmãã**

prima coyrmãã ~ prima curmãã *nf. na* (f. de *prima* < red. do lat. CONSOBRĪNUS PRĪMUS)^G + (f. de *coirmão* < lat. CO(N)GERMANUS) 'prima direita', 'prima em primeiro grau': «E, por que fez muyto bem em aquelle dya, lhe ouve despois a dar o conde dom Garcia Fernandez por molher dona Lambra, que era sua **prima coyrmãã**» [CGE3 113.5]; «E ssom estas:

madre, auoo, jrmãa, tia hirmãã do padre ou da madre, sobrîha filha d'irmãão ou de jrmãã, ssas filhas lijdimas que ouuesse de bẽeçõ ante que ouuesse ordẽ segrada ou ssa nora, molher velha lijdemya de seu filho lijdemyo ou outra que fosse sa parêta ata o ssegundo graao assy como **prima curmãã**» [PP IX.896] → **prima com yrmaã**

primo com irmão ~ primo com yrmão ~ primo com-irmão ~ primo cõ-irmão *nm. npn* (*primo* < red. do lat. CONSOBRĪNUS PRĪMUS)^G + (*com*) + (*irmão* < lat. GERMĀNUS)^G ‘primo direito’, ‘primo em primeiro grau’: «E mandou el-rey com elle ho bispo d'Evora Dom Afonso filho do marquês de Valença e **primo com irmão** da infanta Dona Breatiz» [VFDJ 5310]; «Ho bispo d'Evora Dom Afonso filho do marquez de Valença e **primo com yrmão** da ynfanta Dona Breatiz era de sua condiçam ysentto e livre» [VFDJ 8320]; «Mas porque, nom embargando todo o que eu disse e vos ora aqui foi leudo e declarado, algũus poderãm dizer que todo isto nom abastava se hi dispensaçom nom ouve, per o gram divedo que antr'elles avia, sendo ella sobrinha del-rrei nosso senhor, filha de seu **primo com-irmão**» [CDP XXVIII.79]; «Então se foi Josefes desvestir e pô-la vestimenta sobre o altar e chamou um seu **primo cõ-irmão** que havia nome Luchão» [LJA 673.5] → **primo coyrmãão**

primo coyrmãão ~ primo(s) cuirmãão(s) ~ primos coirmããos *nm. na* (*primo* < red. do lat. CONSOBRĪNUS PRĪMUS)^G + (*coirmão* < lat. CO(N)GERMANUS) ‘primo direito’, ‘primo em primeiro grau’: «Desy lançou Alvaro Sanchez, **primo coyrmãão** de dona Lambra» [CGE3 113.24]; «Antre os quaaes morrerõ hi: dõ Reymõ de Moncada, senhor de Bearte, e Reymon de Montecada, seu **primo cuirmãão**, e dõ Xeri Guylhelmez, filho del rey de Navarra» [CGE3 269.9]; «Quando fezeres jantar ou cea, nom queiras chamar os teus amygos, nem os teus irmããos, nem os **primos coirmããos**, nem os vizinhos, nem os ricos, por que per ventuira elles com de cabo te ajom de convidar, e sera a ty feita paga comprida» [LC 331.15]; «E a carta foy em esta maneira: como elle mãdava dizer a el rey de França que lhe querya fazer guerra sem lho merecer e que lhe querya tomar sua terra sen razõ, avendo antre elles muy grandes divydos, ca bem sabia como os seus filhos e elle erã **primos cuirmããos**» [CGE3 279.16] → **primo com irmão**

publico estromêto ~ pubrico stormento *nm. an* (*público* < lat. PŪBLĪCUS, -A, -UM)^G + (*instrumento* < lat. ĪSTRŪMĒNTUM)^G ‘todo ato escrito ou documentado, produzido ou processado por serventuário público, dentro dos limites de suas funções e atribuições’, ‘aquele em que a lei exige, no momento de sua constituição, a presença de oficial público, além do cumprimento de certas formalidades imprescindíveis, sem as quais lhe é negada validade’: «pera dar fee deste auto ã seus regnos que foy assy meesmo presente ao que dito

he e de rogo e outorgamento de todos os ditos procuradores e embaixadores que ã minha presença e sua aqui firmarã seus nomes este **publico estromẽto** de capitulaã fiz escrepuer» [TT 7v.10]; «manifesto e notorjo seia a todos quantos este **pubrico stormento** virem» [TT 2.23]

publico sinal *nm. an* (*público* < lat. PŪBLĪCUS, -A, -UM)^G + (*sinal* < lat. SĪGNĀLIS)^G ‘assinatura de tabelião usada para dar autenticidade à documentação’: «a rogo e requerimento dos ditos embaixadores e procuradores a todo presente fuy e por fee e certidam dello aqui de meu **publico sinal** asinei que tal he» [TT 7v.19]

pubrica peendẽça *nf. an* → **peendẽça publica**

pubrico stormento *nm. an* → **publico estromẽto**

quarta feira de ciinza *nf. npn* (*quarta-feira* < lat. QUARTA FERIA)^G + (*de*) + (*cinza* < lat. vulg. *CĪNĪSIA ‘cinzas mescladas com brasas’, deriv. coletivo do lat. CĪNĪS, -ERIS ‘cinza’)^C ‘primeiro dia da quaresma, período de penitência pública, quando as cinzas, resultantes de palmas bentas do domingo de Ramos do ano anterior, eram impostas aos pecadores públicos: «Item o oficio da **quarta feira de ciinza**, com sete salmos, beenzer de ciinza e poer della missa: 2 oras» [LC 356.2]

quinta feyra da cea ~ **quinta feyra da ea** ~ **quinta feyra de ena** *nf. npn* (*quinta-feira* < lat. QUINTA FERIA)^G + (*da*) + (*ceia* < lat. CĒNA)^G ‘a quinta-feira da semana santa’: «E eno dia santo da **quinta feyra da cea** deuẽ vijr de cabo os arciprestes e os clerigos *que* ouuyrõ as *confissões* delles e *presentarẽnos* aa *porta* da *jgreia* outra uez e *desi* metelos dentro» [PP VI.1183]; «E esto sse mostra eneste logar de *que* o fez Sanhoãne auãgelista en *que* cõta o *que* Nostro Senhor Ihesu Cristo obrou **quinta feyra da ea**» [PP III.504]; «E *por* quães rrazões deue seer onrrada e aguardada a festa de joutes de **quinta feyra de ena** en *que* ha de seer sagrada a *crisma*» [PP III.33]

Rabo dasno *nf. npn* (*rabo* < lat. RĀPUM, -Ī ‘nabo’)^G + (*de*) + (*asno* < lat. ASĪNUS, -I)^G: ‘provável referência a uma espécie do gênero *Halodule*, angiospermas marinhas que crescem sobre os rochedos, podendo se desprender e ser arrastadas pelas correntes’: «Easy segujmos nosso caminho per este mar delomgo | ataa terça feira doitaugas de pascoa que foram xxj | dias dabrill que topamos algũũs synaaes de tera | seemdo da dita jlha *segundo* os pilotos deziam obra de | bj^c lx ou lxx legoas . os quaaes herã mujta cam | tidade deruas compridas aque os mareantes | chamã botelho *e* asy outras aque tam bem chamã | **Rabo dasno**» [CC 1r.36]

rabo de cavalo *nm. npn* (*rabo* < lat. RĀPUM, -Ī ‘nabo’)^G + (*de*) + (*cavalo* < lat. CABALLUS)^G ‘trata-se, provavelmente, do espanta-moscas, objeto constituído por um rabo de cavalo

preso a um cabo de cobre, prata ou madeira esculpida, usado como insígnia de realeza na África': «e nesta ordem chegaram a el-rey, que estava em hum terreiro de seus paços acompanhado de muita infinda gente e posto em hum estrado rico e nu da cinta pera cima com hũa carapuça de pano de palma e ao hombro hum **rabo de cavalo** guarnecido de prata e da cinta pera baixo cuberto com panos de damasco que lhe el-rey de cá mandara e no braço esquerdo hum barcelete de marfi» [VFDJ 7402]; «E o presente pera sua pessoa era brocado de pello e rasos em peça, e muitas peças de ricas sedas de cores e escarlatas e olandas e **rabos de cavalo** guarnecidos de prata que ele muito estimava e huns ruços pombos estimava mais, e assi chocalos e cascaveis e vestidos ricos ja feitos pera elle e pera a raynha» [VFDJ 7433]. Na *Ásia* (Déc. I, Livro III, Cap. IX), de João de Barros, o *rabo de cavalo* é referido como «cousa tida entre elles [do reino do Congo] por insignia real».

[**rabo-de-asno**] *nm. npn* → **Rabo dasno**

Reis Magos ~ **rreys magos** *nm. pl. na* (*rei* < lat. REX, REGIS)^G + (*magos* < lat. MAGUS < gr. MÁGOS 'sábio e sacerdote da Pérsia', de Mágoi 'os Magos')^G 'os três reis que, segundo o Evangelho, foram a Belém guiados por uma estrela para adorar Jesus Cristo recém-nascido': «Esta segunda é de como os tres **Reis Magos** vëeron a Beleen aorar / a Nostro Sennor Jesu-Cristo e lle offereron seus dões» [CSM 424.1]; «E outrossy como os do apareçimêto como os **rreys magos** [o ueerõ] adorar» [PP IX.827]

rellogios dagulha *nm. pl. npn* (*relógio* < lat. HŌROLOGĪUM, -Ī < gr. HŌROLŌGION)^G + (*de*) + (*agulha* < lat. vulg. ACUCŪLA, dim. de ACUS 'agulha')^C 'trata-se, possivelmente, do relógio de sol, instrumento para marcação e medição do tempo, composto de uma agulha (o gnómon), peça cuja sombra sobre um plano marca a hora': «Decimo, a maneira de conhecer a estrella da norte, e per ella(s) suas guardas aa mea noite e menhãa, segundo per mim gram tempo ha foy devysado e posto em scripto pera se de coor poder saber, como de feito em estes reinos o ssabem tantos; que nom pensso que o assy geeralmente saibham em outra terra, posto que della venham os **rellogios dagulha** que trazem as figuras nas cuberturas, por que se pode bem saber o tempo da mea noite sollamente» [LC 342.12]. Sobre esse passo de D. Duarte, Silva (1972, p. 155) refere: «Vê-se que os relógios de sol, usados em Portugal no século XV, também auxiliavam a determinação das horas da noite, pois que nas coberturas tinham desenhada a roda dos rumos em que no decurso do ano a *Buzina* ia marcando a meia-noite». Já Cortesão (1993, p. 61) aponta que o relógio de agulha era «um dos elementos indispensáveis em todos os instrumentos imaginados para medir a declinação magnética».

reposteiro-moor ~ rreposteiro-moor *nm. na* (*reposteiro* < lat. *RĒPŌSĪTĀRĪUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MAJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘fidalgo que, nas grandes solenidades, era responsável por chegar a almofada ou a cadeira ao rei quando ele se sentava ou se ajoelhava’, ‘dignatário da casa real, responsável pela guarda, no reposte, dos objetos pertencentes ao serviço real’, ‘tesoureiro’: «E depois que sse fez aquel feo escambo dos cavalleiros d’hũu rreino ao outro, segundo ouvistes em seu logar, mandou el-rrei dom Pedro matar de mui cruel morte dom Pero Nunez de Gozmam, adeantado-moor de terra de Leom, que era hũu delles; e mandou matar Goterre Fernandez de Tolledo seu **reposteiro-moor** e trouverom-lhe a cabeça delle» [CDP XXXII.13]; «Manoel de Mello **reposteiro-moor** d’el-rey e yrmão do conde d’Oliveença foy muito valente cavaleiro, e homem que el-rey por ysso estimava e fazia muita honrra» [VFDJ 4577]; «Assi aveeo que el-rrei dom Pedro estando na aldea de Moralles, que he hũua legoa de Touro, jugava hũu dia os dados com algũus de seus cavalleiros, e tiinha-lhe hũu seu **rreposteiro-moor** acerca delle hũus huchotes pequenos com algũua prata e dobras, que seeriam per todo ataa vinte mill» [CDP XIII.10]

[**reposteiro-mor**] *nm. na* → **reposteiro-moor**

republica ~ rrepublica *nf.* (< lat. RĒS PŪBLĪCA ‘coisa pública’)^C ‘forma de governo de um Estado, em que se busca servir à coisa pública, ao interesse comum’: «E Vossa Alteza, de contino abraçado com este trabalho, nom leixa ainda de tomar outro, ao qual muitos principes tiveram e tem muita inclinação, que é fazer muitos e grandes e suntuosos edeficios, com que vossa universal **republica** cada dia florece» [LJA 419.16]; «ca en esto seguem a openiom dos fillosofos que os primeiros XX ãnos apropriavam pera aprender [como] em a **rrepublica** podiam servir» [LC 21.21]

rey(s) d’armas *nm. npn* (*rei* < lat. REX, REGIS)^G + (*de*) + (*armas* < lat. ARMA ‘armas’, PLURALE TANTUM neutro)^N ‘primeiro oficial da armaria, responsável, entre outras coisas, por escrever a genealogia dos nobres e reconhecer insígnias e brasões de cada família’: «E por **rey d’armas** trombetas e officiaes pera ysso ordenados, se publicou em alta voz o breve e desafio com as condições das justas e grados dellas» [VFDJ 5720]; «e acabado hum espantoso pregam que hum **rey d’armas** dezia e dous pregoeyros em alta voz davam, ho homem *com* hum grande e agudo cutello que tirou debayxo da loba perante todos lhe cortou a cabeça» [VFDJ 2235]; «E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, **reys d’armas**, porteiros-mores, mestre-salas, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimoniaes reaes» [VFDJ 64]; «E acabado assi tudo el-rey com grande estado real, e todos

seus officiaes diante d'elle, e muytos **reys d'armas** e porteiros de maça, e os senhores e nobres que o acompanhavam se recolheo a suas camaras» [VFDJ 1029]

ricas donas *nf. pl. an* (do f. de *rico* < gót. REIK 'poderoso')^G + (*dona* < lat. DŌMĪNA 'proprietária, mulher, senhora, esposa')^{G,H} 'esposa, viúva, filha ou sucessora de um rico-homem': «En Toled' á un costume | que foi de longa sazón, / que quando y casar queren | as donas que pobres son, / peden aas **ricas donas** | de suas dōas enton, / que possan en suas vodas | mais ricas apparecer» [CSM 212.13]; «Joan Garcia tal se foi loar / e enfenger que dava [de] sas dias / e que trovava por donas mui boas; / e oí end' o meirinho queixar / e dizer que fará, se Deus quiser, / que non trobe quen trovar non dever / por **ricas donas** nem por infançoas» [CEMD 238.7].

rico homē ~ **rrico(s) homē(s)** ~ **ricoome** ~ **ricos homens** ~ **ricos homes** ~ **ricos homeens** ~ **ricos homēês** ~ **rycos hoomes** ~ **ricos-omes** ~ **ricos omees** ~ **riquos omees** ~ **rricos-homēês** *nm. an* (*rico* < gót. REIK 'poderoso')^G + (*homem* < lat. HŌMO, -ĪNIS)^G 'nobre de categoria superior': «E, por esta razon, acordaron de alçar por rey hũũ **rico homē** que avya nome dō Pedro Tarez» [CGE3 261.21]; «E quãdo á demanda algũũ clerigo *contra* outro sobre algũa destas demãdas déuesse julgar ante sseus *prelados* e nõ ante os leigos saluo se el rrey ou outro **rrico homē** desse terra ou herdade aa *ygreia* ou a algũũ clerigo *que a teuesse d'elle*» [PP IX.1365]; «Se el rey ouuer batalha aprazada cũ mouros ou cũ *cristaos* ou cũ *quẽ quer* en *que* aya de seer el ou outro en seu logar *per* seu mãdado, e **ricoome** ou infançõ ou outro cauleyro ou outro ome *qualquer que* seu mandado *receber*» [FR IV.941]; «Ora vos deixaremos de falar d'el-rei e tornar-nos-emos a Joseph, que jazia em sua cama, muito cuidando como poderia tornar el-rei a fee de Jesu Cristo, porque, se então nom fosse convertido, nunca o seria, porque nunca tanto como agora haveria mister ajuda de Deos, porque todos seus **ricos homens** lhe falecêrão na maior pressa que poderia ser» [LJA 603.9]; «E neste cuidado tinha ele seu coração mui afincado, que havia pavor de perder sua terra, e cuidava em seus **ricos homes** e no que lhe fazião» [LJA 591.8]; «Estes **ricos homeens** se alçaram todos em hũũ contra el rey dom Ramiro» [CGE3 13.11]; «Como os **ricos homēês** de Castella alçaram por conde Fernam Gonçalvez» [CGE3 6.9]; «E isto mandamos tã bẽ *por* nos come pollos *que* depoyos nos ueerẽ come por **rycos hoomes** come por cauleyros come polhos outros poboos *que* demus todos *dereytamente* os dizimos dos bees que nos dá segundo o *que* manda a ley» [FR I.300]; «Pois passou per muitas coitas | e delas vos contarei: / Hũa vez dos **ricos-omes** | que, segundo que eu sei, / se juraron contra ele | todos que non fosse Rey, / seend' os mais seus parentes, | que divid' é natural» [CSM 235.21]; «Os **ricos omees** e os infã[ções] ou outros quaes *quer que* teuerẽ terra del rey e

lhy ouuerẽ de fazer hoste cõ caualeyros e nõ leuar tãtos como deue, ou se os leuar [e] os enuiar ante *qua* deuia, *perça* a terra e os *marauidis que* aquelles caualeyros teem *que* non ueerõ» [FR IV.955]; «E se a dia da mia morte / meu filio ou mia filia q(ue) no meu logo ouu(er) a reinar nõ ouu(er) reuora mãdo a aq(ue)les caualeiros q(ue) os castelos teen de mi en' as t(er)ras que d(e) mi teen os meus **ricos omees** q(ue) os / den a esses meus **ricos omees** q(ue) essas t(er)ras teiu(er)en» [TAS2 24.3]; «E ssi a dia da mia morte meu filio ou mia filia q(ue) no meu logar ouuer a reinar nõ ouuer reuora, mãdo aq(ue)les caualeiros q(ue) os castelos teen de mi en' as t(er)ras q(ue) de mi teem os me(us) **riquos omees** q(ue) os den a esses meus **riq(uo)s omees** q(ue) essas t(er)ras teiu(er)ẽ» [TAS1 24.3]; «E esso mesmo deuẽ ffazer os **rricos homẽs** e os caualeyros e todolos outros cristaos» [PP XXIII.102]; «e outros senhores e meestres e **rricos-homẽes**» [CDP XVII.25] → **ricome** [ricio-homem] nm. an → **rico homẽ, ricome**

ricome ~ ricom' ~ ricomẽ ~ ricomen ~ rric'-omem ~ rrycomẽ nm. (*rico* < gót. REIK 'poderoso')^G + (*homem* < lat. HŌMO, -ĪNIS)^G 'nobre de categoria superior': «E a Deus devemos graças a dar / deste **ricome** que nos presentou, / de mais en ano que era tan car / com' este foi que ogano passou; / ca, pois este **ricom'** entrou aqui, / nunca maa careza entrou i, / mentr' o **ricome** na corte morou» [CEMD 349.19]; «Este moço de Saldanna | era, per com' apres' ey, / natural, e Don Rodrigo | o criou, per quant' eu sei, / que tiinn' aquela terra, | ca **ric-om'** era del Rey, / e que con seus cavaleiros | *lle* avia de servir» [CSM 234.17]; «Todo **ricomẽ** ou jnfançõ ou outro *qualquer que* tenha terra ou *marauidis* dal rey *per que* deua a fazer hoste, se nõ ueer guysado segũdo como deue *quando* el rey demãdar e ao logar, *perça* a terra e os *marauidis que* teuer dal rey» [FR IV.927]; «Direi-vos eu dun **ricomen** / de com' aprendi que come: / mandou cozer o vil omem / meio rabo de carneiro, / assi como cavaleiro» [CEMD 31.1]; «E depois que o iffante dom Pedro rreinou, deu sentença de traiçom contrelles, dizendo que fezerom contra elle e contra seu estado cousas que nom deviam de fazer; e deu os bẽes de Pero Coelho a Vaasco Martinz de Sousa, **rric'omem** e seu chanceller-moor, e os d'Alvoro Gonçallvez e Diego Lopez a outras pessoas como lhe prougue» [CDP XXX.51]; «[T]eendo algũũ homẽ o offizio por *que* deua a dar cõto a el rrey ou a **rrycomẽ** ou a cõçelho ou a ataes logares de *que* teuesse algo, assy como moordomado ou doutra cousa que o semelhasse, defende a Santa Igreja *que* nõ sse possa ordinar» [PP IX.518]

ricomẽ nm. → **ricome**

ricomen nm. → **ricome**

riquos omees → **rico homẽ**

rreposteiro-moor *nm. na* → **reposteiro-moor**

rreys magos *nm. na* → **Reis Magos**

rric'-omem *nm.* → **ricome**

rricos-homēes *nm.* → **rico homē**

rrycomē *nm.* → **ricome**

rycos hoomes *nm.* → **rico homē**

saia de baraça *nf. npn* (*saia* < lat. vulg. *SĀGĪA, de SAGUM, -Ī 'manto')^G + (*de*) + (*baraça* < ár. MARAṢA 'corda')^G 'tipo de saia apertada com cordas': «En meio da praça, / en **saia de baraça**: / vede-lo cós, ai, cavaleiro!» [CEMD 197.12]

Sancta Trijdade *nf. an* → **Santa Trindade**

Sancto Padre *nm. an* → **Padre Santo**

Santa Scritura ~ **Sant' Escritura** ~ **Sancta Escripura** *nf. an* (*santa* < lat. SANCTA)^G + (*escripura* < lat. SCRĪPTŪRA, -AE)^G 'a Bíblia': «Per como achamos na **Santa Scritura**, / o Antecristo ora seerá na terra» [CEMD 277.1]; «Porend' a **Sant' Escritura**, | que non mente nen erra, / nos conta un gran miragre | que fez en Engraterra / Virgen Santa Maria, | con que judeus an gran guerra / porque naceu Jesu-Cristo | dela, que os reprende» [CSM 6.7]; «Ca diz a **Sancta Escripura** que nõ é huu mayor enemigo ca aquel que dana a boa fama do outro» [FR I.135]

Santa Trindade ~ **Santa Trijdade** ~ **Sancta Trijdade** ~ **Sāta Trijdade** *nf. an* (*santa* < lat. SANCTA)^G + (*trindade* < lat. TRĪNĪTAS, -TĀTIS)^G 'dogma católico que proclama a união de três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, formando um só Deus': «E quando ordenares preste, por-lhe-ás a mão sobre a cabeça e faras o sinal da cruz, no nome da **Santa Trindade**» [LJA 669.5]; «E esta **Santa Trijdade** que dissemos que he Padre e Filho e Spiritu Santo he hũu Deus» [PP II.245]; «e esta **Sancta Trijdade** ante da incarnaçõ de Nostro Senhur Ihesu Cristo deu lee e ensinamento a seu poboo per Moysê e per llos outros seus prophetas e per seus sanctos per que se podê saluar» [FR I.49]; «E outrossy dira que o conjura per Deus uerdadeyro e per Deus santo e per Deus uiuo e per aquel Deus que o criou por guarda do linhagê dos homēes e mandou que fosse consagrado pelos seus seruos pera os poboos que ueessem aa ssa creença e este <en> nome de **Sāta Trijdade** e que seia sacramêto de saude pera fazer fugir o diaboo que he ãmijgo» [PP III.378]

Santo Espírito *nm. an* → **Espírito Santo**

Santo Padre *nm. an* → **Padre Santo**

Sāta Trijdade *nf. an* → **Santa Trindade**

scripuam da camara *nm. npn* → **escrivam da camara**

scriuã(es) publico(s) nm. na → **escriuã publico**

scrivam da puridade nm. npn → **escrivam da puridade**

seello da puridade nm. npn → **seelo de puridade**

seelo de puridade ~ seello da puridade nm. npn (*seelo* < lat. SĪGĪLLUM, -Ī)^G + (*da*) + (*puridade* < lat. PŪRĪTAS, -ĀTIS)^G ‘selo pequeno que estava sob o controle direto do rei, utilizado principalmente para a validação de ações oriundas da esfera do sigilo e como uma alternativa ao poder da chancelaria’: «Ca tal deue *seer* a *confissom* como **seelo de puridade** que pom o homẽ por guarda da cousa *que* nõ *quer que* seia sabuda» [PP VI.1035]; «e enviamos alló sobr’esto Joham Fernandez de Mellgarejo, chanceller do nosso **seello da puridade**» [CDP II.43]. Viterbo (1825), sob o lema *seelo das tavoas*, define: «O sello menor, ou *pequeno*, que tambem se disse da Puridade».

seelo do chumbo ~ seelos de chumbo nm. npn (*seelo* < lat. SĪGĪLLUM, -Ī)^G + (*do*) + (*chumbo* < lat. PLŪMBUM)^G ‘espécie de selo que se prendia a um documento ou acompanhava uma carta, conferindo-lhe a autenticidade’, ‘selo também chamado de *bola* ou *bula*, pelo seu formato em geral redondo’: «E por certidam e corroboraçõ do quall asinamos esta nossa carta do nosso signal e a mandamos seelar do noso **seelo do chumbo** pendente ã fios de seda de cores» [TT 8r.3]; «aa outra aprouaçã e retifficaçã desta dita capitullacã scriptas em purgaminho e firmadas dos nomes dos ditos senhores seus constituintes e seeladas con seus **seelos de chumbo** pendentes» [TT 7r.22]

sesta feira de endoenças ~ sexta feira dēdoenças ~ ssesta feira dendoenças nf. npn (*sesta-feira* < lat. SEXTA FERIA)^G + (*de*) + (*endoenças* < lat. INDULGENTĪA)^G ‘antigo rito de absolvição dos pecadores públicos no fim da penitência quaresmal que, na Península Ibérica, seguindo o ritual visigótico-moçárabe, ocorria na Sexta-Feira Santa’: «Eele deu aalma *adeus*. em dia de **sesta feira de endoenças**» [VSA1 151v.5]; «E elle deu aalma *adeus* ã dya de **sesta feira dē / doenças**» [VSA2 71r.17]; «Item aa **ssesta feira dendoenças**, afora a preegaçom que se nom pode osmar, em pryma, terça, sexta, noa rezadas e duas profecias com dous tractos, e paixom e oraçom sollempnes» [LC 356.14]

sesta feira dēdoenças nf. npn → **sesta feira de endoenças**

signal da cruz ~ ssinal da cruz nm. npn (*signal* < lat. SĪGNĀLIS)^G + (*da*) + (*cruz* < lat. CRUX, CRŪCIS)^G ‘signal que fazem os cristãos, levando sucessivamente a mão direita da testa ao peito e do ombro esquerdo ao ombro direito’: «E espantei-me e entrei e vi jazer um homem que tomara o demonio. E fiz o **signal da cruz** sobre ele e ergueo-se // assentado» [LJA 469.6]; «E entõçe lhy deue a ffazer hũa cruz ena fronte cõ o dedo polegar dizendo *que* por aquel **signal da cruz** *que* el faz he maldito o diaboo e el o *conjura que* non possa *quebrantar*

aquello de *que* el he *coniurado*» [PP III.434]; «E depouys diga sobr'el o «credo jn *Deum*» e o «*Pater Noster*» e entõ faça o **ssinal da cruz** ena cara cõ a mão destra dizendolhy que o assijna en nome do Padre e do Filho e do *Spiritu Santo*» [PP III.577]; «Tornarsse deue o *bispo contra* o poboo des que ouuer *consagrada* a missa e bẽzelos desta guisa alçando a mão destra e santificalos *con* ella do **ssinal da cruz** dizẽdo *que Deus* os bẽẽga» [PP III.628]

sol-posto *nm. na* (*sol* < lat. SŌL, SŌLIS)^G + (*posto* < lat. POSTUS, p.p. de PŌNĒRE)^G ‘o mesmo que sol-pôr’, ‘hora em que o sol desaparece no horizonte; ocaso, o pôr-do-sol’: «ao qual | monte alto ocapitam pos nome o monte pascoal | Eaatera . atera davera cruz . mandou lamçar op | rumo acharam xxb braças e ao **sol posto** obra de bj | legoas de tera surgimos amcoras em xix braças | amcorajem limpa» [CC 1v.8]; «E estando assi has batalhas ordenadas de hũa parte e da outra pera encontrar sendo jaa quasi **sol-posto**, el-rey mandou dizer ao principe *que* lhe mandava a bençam de Deos e a sua» [VFDJ 373]; «E a cidade foy chea de infindo gado vacuum sem conto, que de toda a comarca veo e per mandado d'el-rey ahi foy trazido, e nella dormia de noite e o metiam ao **sol-posto**, e ja bem de dia o levavam seus donos a comer fora» [VFDJ 5257]

sororgiam-mor *nm. na* (*cirurgiãõ* < lat. *CHĪRURGIĀNUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o cirurgiãõ principal do reino’: «Mestre Antonio **sororgiam-mor** destes reinos foy judeu, e quando se tornou christãõ, el-rey folgou muito e lhe fez muita honrra, porque lhe tinha boa vontade e era bom letrado» [VFDJ 4248]

Spirito Santo *nm. an* → **Espirito Santo**

Spiritu Sancto *nm. an* → **Espirito Santo**

Sprito Santo *nm. an* → **Espirito Santo**

ssesta feira dendoenças *nf. npn* → **sesta feira de endoenças**

ssinal da cruz *nm. npn* → **sinal da cruz**

terremotos *nm. pl.* (< lat. TERRAE MOTUS)^G ‘tremor de terra’, ‘catástrofe, tragédia’: «Conssiirando nas desvairadas maneiras que se da fe e creença aas profecias, vysõoes, sonhos, dar a voontade, virtudes das pallavras, pedras e ervas, signaes dos ceos e que se fazem na terra; em perssoas, e alimarias, e **terremotos**, graças speciaaes que deos outorga que ajam algũas pessoas» [LC 146.8]

tesoureiro-moor ~ **thesoureiro-moor** *nm. na* (*tesoureiro* < lat. THĒSAURĀRĪUS)^G + (*mor* ‘compar. irreg. de *grande*’ < lat. MĀJOR, -ORIS, compar. de MAGNUS)^G ‘o chefe dos tesoueiros, na estrutura fazendária da casa real’: «Aquell dia, logo aa noite, estando el-rrei

em sua camara, dom Samuel Levi seu **tesoureiro-moor** lhe disse presente todos:» [CDP XIII.14]; «Depois desto a cabo d’hũu anno, estando el-rrei dom Pedro em Evora, chegarom messegeiros del-rrei de Castella, *scilicet*, dom Samuell Levi seu **tesoureiro-moor** e Garcia Goterrez Tello alguazill-moor de Sevilha e Gomez Fernandez de Soira seu alcaide» [CDP XV.19]; «e esto, senhor, entendo que o dissestes contra mim por me avergonhar, pois que som vosso **thesoureiro-moor** e nom ponho melhor rrecado em vossa fazenda» [CDP XIII.20]; «Mandou prender dom Samuell Levi seu **thesoureiro-moor** e gram privado do seu conselho e quantos parentes tiinha pello rreino em hũu dia» [CDP XXXII.27]

Testamento Vedro ~ uedro testamêto *nm. na ~ an* (*testamento* < lat. TĒSTĀMĒNTUM, -Ī)^G + (*vedro* < lat. VĒTĚRE)^M ‘parte da Bíblia que contém os livros em que são narrados os sucessos anteriores à vinda de Jesus Cristo’: «E quanto no **Testamento | Vedro** e no Novo sé / escrito mui ben sabia, | e mui mais, per bõa fe» [CSM 53.60]; «[Gi]ezi ouue nome hũũ sergente d’Eliseu *propheta* e este foy o *primeyro* que fez sacramento eno **uedro testamêto** quando ueo Naamã de Siria [a] Heliseu *propheta* que o saase da graffidade que auia» [PP XX.91]

thesoureiro-moor *nm. na* → **tesoureiro-moor**

tiro de pedra *nm. npn* (*tiro*, deriv. de *tirar* ‘atirar, lançar’, de or. desconhecida)^C + (*de*) + (*pedra* < lat. vulg. PĒTRA < gr. PĒTRA)^C ‘unidade de medida de distância que se refere ao alcance da boca de fogo genericamente denominada de “pedreiro”, espécie antiga de morteiro que lançava grandes projéteis de pedra a uma distância aproximada de 450m’: «e fomos asy todos contra terra | perapasarmos ao longo per ondeles estauam hj | ndo bertolameu dijaz em seu esquife per mädado | do capitam diamte cõ hũũ pao dhũũ almaa | dia que lhes o mar leuara pera lho dar e nos | todos obra de **tiro de pedra** tras ele . como elles | viram ho esquife debertolameu dijaz chegarãse logo todos aagoa metendeose neela ata onde mais podiam» [CC 5v.7]

touquinegra *nf.* (*touca*, de or. controversa)^H + (*negro* < lat. NIGER, -GRA, -GRUM)^H ‘freira ou monja de santuário’: «E a dona que m’assi faz andar / casad’ é, ou viuv’ ou solteira, / ou **touquinegra**, ou monja ou freira» [CEMD 36.10]

uãã gloria *nf. an* → **vãã gloria**

uedro testamêto *nm. an* → **Testamento Vedro**

vãã gloria ~ vãã groria ~ vaam gloria ~ uãã gloria *nf. an* (*vã* < lat. VĀNA)^G + (*gloria* < lat. GLORĪA)^G ‘convencimento, nem sempre fundamentado na realidade, dos próprios méritos, qualidades ou talentos’, ‘presunção infundada’: «Dos tocados da soberva, **vãã gloria** ou cobiiça nas cousas de ssua vantagem e melhoria nos avysemos, por que a esta cumyada

como cervos correm» [LC 186.24]; «Renego do mui inchado / e do cheo de **vãa groria**, / arrenego da memoria / nam do boom mas roim feito» [GR3 81.36]; «Digo, padre, que pequei / e sam perdido / da envençam que saquei, / de que sam arrependido. / Nam tenho dela **vãa groria** / mas contriçam, / que pequei por envençam» [GR3 254.13]; «Desy por que sempre nos deve prazer pouco com desejo de mais bem avermos, e nom filharmos **vaam gloria** com presunçom de nossos mercimentos» [LC 284.13]; «E aalem dellas podemos errar em nos prazer douvyrmos nossos gabos, ou sobejamente algũas cousas por folgança em que pequemos por occiosidade ou **vaam-gloria**» [LC 271.27]; «Ley XLVIIIª como o preegador pode aas vezes castigar *asperamẽte pero con* mesura e nõ *con uãã gloria*» [PP VIII.1254]

vããgloriosos *nm. pl.* (*vãõ* < lat. VĀNUS, -A, -UM)^G + (*glorioso* < lat. GLORIÖSUS)^G ‘cheios de vanglória’, ‘ vaidosos, presunçosos’: «E desta guisa os **vããgloriosos**, por o prazer que filham das vantagemens que pensam averem sobre os outros, de que suas voontades som muyto allegres, contentes, vendosse igualdados ou que os vencem no que elles pensavom que todos ou os mais venciam, (e) lhes vem este desprazer, ryjamente sentyndo no coraçom ou folgança do mal e abatymto dos semelhantes» [LC 52.11] → **vããos gloriosos**

vaam gloria *nf. an* → **vãã gloria**

vããos gloriosos *nm. pl. an* (*vãõ* < VĀNUS)^G + (*glorioso* < lat. GLORIÖSUS)^G ‘cheios de vanglória’, ‘ vaidosos, presunçosos’: «E os **vããos gloriosos** filham grande sentido do que por abatimento de seu louvor e fama he dicto ou feito» [LC 285.20] → **vããgloriosos**

[**vanglória**] *nm.* → **vãã gloria**

[**vanglorioso**] *nm.* → **vããgloriosos, vããos gloriosos**

vara de justiça *nf. npn* (*vara* < lat. VĀRA)^G + (*de*) + (*justiça* < lat. JŪSTĪTĪA)^G ‘antiga insígnia representando o poder e autoridade dos juizes e vereadores’: «O qual com muyta gente d’armas, e elle ricamente armado foy lá com **vara de justiça** na mão e o duque quando o vio assi pesando-lhe disse:» [VFDJ 2210]

veador(es) da Fazenda *nm. npn* (*veador* < port. arc. *veedor* < *veer*, com dissimilação do segundo *e*, + *-dor*)^H + (*da*) + (*fazenda* < lat. *FACĒNDA, por FACIĒNDA, de FACĒRE ‘fazer, executar’)^G ‘supervisor das finanças do reino’: «E neste ãno de oitenta e cinco pollos muytos serviços e merescimentos de Gonçalo Vaz de Castelbranco **veador da Fazenda**, e el-rey polo acrecentar fez a elle e a seus filhos e aos que delle decendessem de dom» [VFDJ 3005]; «E por falecimento do dito Dom Gonçallo seu pay, lhe fez el-rey merce da governança de Lisboa, e ho officio de **veador da Fazenda** deu a Dom Alvaro de Crasto» [VFDJ 3015]; «E a todos seus officiaes-mores, mordomo-moor, **veadores da Fazenda**,

guarda-mor, camareiro-moor, porteiro-moor, veador e mestre-salas, fez muyto grandes merces e a todos os outros vestidos de ricas sedas e brocados e outras merces» [VFDJ 5101]; «Diante delle vestidos de ricas sedas e muito bem encavalgados, muitas trombetas bastardas, e muitos atambores, muitas charamellas, e sacabuxas, muitos porteyros de maça, muitos reys d'armas, arautos e passavantes, e o porteyro-mor, e quatro mestres-salas, e o veador e os **veadores da Fazenda**, e o mordomo-mor» [VFDJ 5434]

vedra ley *nf. an* → **ley uedra, ley velha**

verv'antigo ~ **verv'antigu'** *nm.* (*verbo* < lat. VĚRBUM)^G + (*antigo* < lat. ANTĪQUUS)^G
 'provérbio': «E díxi-lh'eu: - Ess' é o **verv'antigo**: / “Castanhas saída, e velhas per souto”» [CEMD 216.7]; «e poren diz o **verv'antigo**: / “a boi velho non lhi busques abrigo”» [CEMD 344.4]; «aínd' al diz peor, / un **verv'antigo**, con sanha que á: / “como lhi cantardes, bailar-vos-á”» [CEMD 421.19]; «“De longas vias, mui longas mentiras”: / [aqu]este **verv'antigu'** é verdadeiro, / ca un ricom' achei eu mentireiro, / indo de Valedolide pera Toledo» [CEMD 303.2]

vinagre *nm.* (< lat. VĪNUM ACRE)^G 'líquido resultante da fermentação ácida do vinho', 'ácido acético': «E estando assi com muyta pena tirando *com* grandes e mortaes salluços que lhe acudiam de quando em quando disse: “Tenho tamanho amargoz na boca que se *nam* pode sofrer”. Disse-lhe o bispo de Coimbra: “Senhor, lembre-vos o **vinagre** e azedo que deram a beber a Nosso Senhor Jesu Christo estando na cruz e *nam* vos amargará a boca» [VFDJ 9093]; «E ã pentem enredado / com seu **vinagre** e azeite, / per mil partes desdentado, / escadeado, / tal que lendem *nam* engeite» [GR3 215.27]

ygreja catredal *nf. na* → **jgreia(s) cathedral(draes)**

APÊNDICE

a) Bibliografia referente aos textos do *corpus*

A Carta de Pero Vaz de Caminha. Reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. São Paulo: Humanitas, 1999.

AFONSO X. **Cantigas de Santa Maria.** Editadas por Walter Mettmann, 4 volumes. Coimbra: *Acta Universitatis Conimbrigensis*, vol. I (1959), vol. II (1961), vol. III (1964), vol. IV (Glossário) (1972).

AFONSO X. **Foro Real.** Edição e estudo lingüístico (vol. I) e glossário (vol. II) de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

AFONSO X. **Primeyra Partida.** Edição e estudo de José de Azevedo Ferreira. Braga: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

Cancioneiro da Ajuda. Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, publicado na *Revista Lusitana*, vol. XXIII, 1920. 2 vols., Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

Cantigas d’escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses. Edição crítica e vocabulário do Prof. M. Rodrigues Lapa. 2ª ed., Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1988.

Crónica de Dom Pedro, de Fernão Lopes. Edizione critica, con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi. Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1966 [2ª ed., revista, com edição crítica, introdução, glossário e índices de Giuliano Macchi, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007].

Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português por Luís F. Lindley Cintra. Edição facsimilada por Imprensa Nacional – Casa da Moeda: vol. I (1983), vol. II (1984), vol. III (1984), vol. IV (1990) [foi selecionado o volume III para a recolha das formas].

Leal Conselheiro o qual fez D. Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta.

Edição crítica e anotada organizada por Joseph M. Piel, Lisboa: Bertrand, 1942.

Livro de José de Arimatéia. Estudo e edição do Cód. ANTT 643 por Ivo Castro. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.

MAIA, Clarinda de Azevedo. O Tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV. **Biblos**, vol. LXX, 1994, p. 33-91.

RESENDE, Garcia de. **Cancioneiro Geral.** Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 4 vols., 1990-1993 [foi selecionado volume III para a recolha das formas].

RESENDE, Garcia de. **Livro das Obras de Garcia de Resende.** Edição crítica, estudo textológico e lingüístico por Evelina Verdelho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994 [capítulos: *Vida e feitos de d'el-rey Dom João Segundo* e *A trasladação do corpo d'el-rey Dom João o Segundo*].

Testamento de D. Afonso II. In: COSTA, Avelino de Jesus da (1979). Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-lingüístico. **Revista Portuguesa de História**, tomo XVII (= Homenagem ao Doutor Torquato de Sousa Soares), p. 307-321.

Two Old Portuguese Versions of The Life of Saint Alexis (Codices Alcobacenses 36 and 266). Edição de Joseph H. D. Allen Jr., Urbana: The University of Illinois Press, 1953.

b) Bibliografia referente a dicionários, glossários

e textos complementares (*online*, impressos e/ou digitalizados)

AZEVEDO, Domingos de (1998). **Grande Dicionário Francês/Português.** 13^a ed., Venda Nova: Bertrand Editora.

BARROS, João de (1778). **Da Ásia de João de Barros:** dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente. Década Primeira. Lisboa: Regia Officina Typografica.

BLOCH, Oscar; WARTBURG, Walther von (2008). **Dictionnaire étymologique de la langue française.** 3^a ed., Paris: P.U.F.

BLUTEAU, R. (1712-1728). **Vocabulário português, e latino**. Disponível em <<http://www.ieb.usp.br/online/>> e <<http://de.bnportugal.pt/L2771-80/?m=3&t=5>>. [Último acesso: 20/07/2009]

COROMINAS, Joan (1983). **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Gredos.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. (1980-1991). **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico**. 6 Vol., Madrid: Gredos.

CORTESÃO, Jaime (1993). **Influência dos descobrimentos portugueses na história da civilização**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1986). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DALGADO, S.R. (1919). **Glossário luso-asiático**. Coimbra: Imprensa da Universidade. Parcialmente disponível em <<http://books.google.com.br/>>.

DIAS, Aida Fernanda (2003). **Cancioneiro Geral de Garcia de Resende: Dicionário (comum, onomástico e toponímico)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA, da Real Academia Española. Disponível em <<http://buscon.rae.es/draeI/>>. [Último acesso: 20/07/2009]

DICIONÁRIO AULETE DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. [Último acesso: 20/07/2009]

DIZIONARIO ETIMOLOGICO ONLINE. Disponível em <<http://www.etimo.it/>>. [Último acesso: 20/07/2009]

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR (Paulinas). Disponível em <<http://www.portal.ecclesia.pt/catolicopedia/apresentacao.asp>>. [Último acesso: 20/07/2009]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed., rev. e aum., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (1930-1936). 40 v., Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (2002). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru-SP: Edusc; São Paulo-SP: Imprensa Oficial do Estado.

LEITÃO, Humberto; LOPES, José Vicente (1974). **Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual**. 2ª ed., Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

HOUAISS, A. (2001). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Consultas realizadas através de houaiss.uol.com.br/, exclusivo para assinantes UOL.

MACHADO, José Pedro (1956 [A-I]; 1959 [J-Z]). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2 vol., Lisboa: Editorial Confluência.

MAGNE, Augusto (1944). **A Demanda do Santo Graal**. Vol. III: Glossário, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

MAGNE, Augusto (1950/1954). **Dicionário da língua portuguesa** (especialmente dos períodos medieval e clássico). Vol. I (A-AF) e Vol. II (AG-AL): Glossário, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

MORAES SILVA, A. (1922 [1813]). **Dicionário da língua portuguesa** (recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado). Vol. I (A-E) e Vol. II (F-Z), Lisboa: Typografia Lacerdina.

NASCENTES, Antenor (1955). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Prefácio de W. Meyer-Lübke. Tomo I, Rio de Janeiro: Acadêmica/Francisco Alves/São José/Livros de Portugal [Segunda tiragem da 1ª ed.].

SCHÜLER, Arnaldo (2002). **Dicionário enciclopédico de teologia**. Porto Alegre/Canoas: Concórdia/Ulbra. Parcialmente disponível em <http://books.google.com.br/>.

SILVA, Alberto da Costa e (2002). **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SILVA, Luciano Pereira da (1972). **A astronomia de “Os Lusíadas”**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga. Nova edição preparada pela Junta de Investigações do Ultramar no IV centenário da 1.ª edição de *OS LUSÍADAS*. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/pensamento/astronomialusíadas/>. [Último acesso: 20/07/2009]

TORRINHA, Francisco (1945). **Dicionário latino português**. Porto: Edições Marânus.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de (1983/1984). **Elucidário das palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**. Edição crítica por Mário Fiúza. 2 v., Porto: Civilização.

[VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de] (1825). **Diccionario portatil das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão**. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

c) Outras fontes utilizadas

- *O corpus do português*, de Mark Davies e Michael J. Ferreira. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. [Último acesso: 20/07/2009]
- <<http://books.google.com.br/>>

CONCLUSÕES

A reflexão metalexigráfica e a aplicação de princípios e métodos lexicográficos são, sem dúvida, aspectos importantes a serem considerados no processo de elaboração de qualquer dicionário.

No caso específico de um “dicionário” de compostos do português arcaico, procurou-se fazer uma descrição das formas compostas de maneira que se preservasse ao máximo a história da língua e, ao mesmo tempo, de maneira que ela fosse otimizada, principalmente do ponto de vista do consulente. Isso representou, em relação à tradição lexicográfica, uma inovação (embora, obviamente, o objeto de estudo seja a palavra composta), pois uma unidade polilexical, não marcada pelo hífen, passou a figurar como lema principal e, nessa posição, pôde se apresentar não necessariamente na sua forma canônica, uma vez que foram os dados “reais” do *corpus* que determinaram a macroestrutura.

A elaboração de qualquer dicionário, desde que fundamentado em técnicas e princípios metodológicos da lexicografia (e em novas propostas), resultará em um valioso produto lexicográfico, ferramenta auxiliar tanto para o usuário comum quanto para o especialista, o que vai depender do interesse em foco.

Finalmente, esperamos que este trabalho desenvolvido, muito mais um exercício lexicográfico, não obstante a sua limitação em alguns aspectos, represente um contributo para as atividades de elaboração de um dicionário etimológico do português arcaico, as quais vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR).

REFERÊNCIAS

- GEERAERTS, Dirk (2003). Meaning and definition. In: STERKENBURG, Piet van (Ed.). **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: John Benjamins, p. 83-93.
- GOUWS, Rufus (2003). Types of articles, their structure and different types of lemmata. In: STERKENBURG, Piet van (Ed.). **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: John Benjamins, p. 34-43.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro (2001). **A unidade lexicográfica**: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas. Minho: Universidade do Minho (Coleção Poliedro).
- NOTAS DE AULA DO CURSO LET671 – **Tópicos em Diacronia**, sobre lexicologia e lexicografia, ministrado pelo Prof. Américo Venâncio Lopes Machado Filho no segundo semestre de 2005, na Universidade Federal da Bahia.
- STERKENBURG, Piet van (Ed.) (2003). **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: John Benjamins.
- SWANEPOEL, Piet (2003). Dictionary typologies: A pragmatic approach. In: STERKENBURG, Piet van (Ed.). **A practical guide to lexicography**. Philadelphia: John Benjamins, p. 44-69.
- WELKER, Herbert Andreas (2004). **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus.